POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

no contexto da Covid 19
em Fortaleza

ORGANIZADORES
MARIA ANDRÉA LUZ DA SILVA
MÔNICA SILLAN DE OLIVEIRA
JOSÉ AIRTON DE FREITAS PONTES JUNIOR

edmeta
EDITORA

DIAGNÓSTICO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

NO CONTEXTO DA COVID-19 EM FORTALEZA

2023. EDMETA

DIAGNÓSTICO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO CONTEXTO DA COVID-19 EM FORTALEZA

ORGANIZADORES
Maria Andréa Luz da Silva
Mônica Sillan de Oliveira
José Airton de F. Pontes Jr.

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Profa. Dra. Maria Andréa Luz da Silva

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ana Carolina Frota
Otávio Facundes Matos Braga Bonfim
Lourival Marques da Costa Brito

REVISÃO TEXTUAL
Marion Lucena Cavalcante

Edmeta - Editora Digital e Impressa Ltda
Av. Desembargador Moreira, 2800, Sala 1008
Bairro Aldeota Fortaleza - CE, Brasil

CONSELHO EDITORIAL
Francisco Horácio da Silva Frota
Maria Helena de Paula Frota
Maria Andréa Luz da Silva
Jeanete Filomeno Puchain Ramos
Irapuan Peixoto Filho

CREATIVE COMMONS CC BY-NC
Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais.

Este documento foi produzido a partir da parceria mediante Termo de Fomento Nº 924817/2021, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, atual Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diagnóstico da população em situação de rua [livro eletrônico] : no contexto da Covid 19 em Fortaleza / organização Maria Andréa Luz da Silva, Mônica Sillan de Oliveira, José Airton de F. Pontes Jr.. -- 1. ed. -- Fortaleza, CE : Edmeta, 2023.
PDF

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-86311-22-8

1. COVID-19 (Doença) - Aspectos sociais 2. COVID-19 - Pandemia 3. Fortaleza (CE) - Condições sociais 4. Pessoas em situação de rua - Assistência 5. Pessoas em situação de rua - Brasil 6. Políticas públicas I. Silva, Maria Andréa Luz da. II. Oliveira, Mônica Sillan de. III. Pontes Jr., José Airton de F.

23-168061 CDD-362.1098131

Índices para catálogo sistemático:

1. Pessoas em situação de rua : Ceará : Assistência multiprofissional : Promoção da saúde 362.1098131

DIAGNÓSTICO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

NO CONTEXTO DA COVID-19 EM FORTALEZA

ORGANIZADORES
Maria Andréa Luz da Silva
Mônica Sillan de Oliveira
José Airton de F. Pontes Jr

Fortaleza – CE
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Todos os direitos e responsabilidades sobre textos e imagens são da Organização da Sociedade Civil (OSC) Frente de Assistência à Criança Carente (FACC).

DIAGNÓSTICO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO CONTEXTO DA COVID-19 EM FORTALEZA

REALIZAÇÃO
Frente de Assistência à Criança Carente - FACC

PARCERIA
Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania - MDHC

APOIO
Núcleo de Pesquisas Sociais da Universidade Estadual do Ceará – UECE
Coletivo Arruaça
Movimento Nacional da População de Rua no Ceará

COLABORAÇÃO NA PESQUISA
Assistência Social Catarina Labouré
Recanto do Sagrado Coração – Irmã Inês
Central Única das Favelas (CUFA-CE)
Comissão de Direitos Humanos e Cidadania/Assembleia Legislativa do Ceará
Conselho Municipal de Assistência Social de Fortaleza – CMAS
Defensoria Pública do Ceará
Grupo Espírita Casa da Sopa
Ministério Público do Ceará
Pastoral do Povo da Rua
Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social de Fortaleza – SDHDS

REPRESENTANTE LEGAL
Maria Eduarda da Silva
Sara Eduardo Leite

COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL DO PROJETO
Mônica Sillan de Oliveira
Ana Lídia Honorato Ribeiro
Mauricélia Batista Maia Lemos

COORDENAÇÃO DA PESQUISA
André Barbosa (Foca)
José Airton de F. Pontes Jr
Maria Andréa Luz
Mônica Sillan de Oliveira

EQUIPE TÉCNICA RESPONSÁVEL PELO DOCUMENTO
José Airton de F. Pontes Jr
Maria Andréa Luz
Mônica Sillan de Oliveira

EQUIPE DE PESQUISA
Ana Carolina S. Oliveira
Ana Larissa Maia Cavalcante
André Luiz B. Souza
Andrea Luz da Silva
Antônio Arlindo Ferreira
Antônio Josivan Silva de Paula
Carlos Donisete de Souza
Edimilsom Pereira de Azevedo
Francisco Andreisson Alves Quintela
Izadora Gomes
Jose Airton de F. Pontes Junior
José Maciel Gonçalves da Silva
Lara de Almeida Dantas
Lucas Antônio de Oliveira Albuquerque
Maria Eduarda Ancelmo Oliveira
Maria Amel Gomes Barbosa
Maria Andriele Gama Lima
Mariana Tavares de A. B. Ribeiro
Mônica Sillan de Oliveira
Rebeca Maia Lemos
Renata de Oliveira
Sara Vitoria de Carvalho da Silva Thé
Serena Silva
Silvia Helena Serafim de Amorim
Thiago Sousa Farias
Vitoria Cesário da Silva
Wagner Gonçalves da Silva

Peço licença ao Povo da Rua
pra falar e pra passar
Sou apenas mais uma
que em um momento da vida
cansada da clausura
que nos enche de amargura
Achou na rua
acolhimento e doçura.
Mas, a rua não é brinquedo
E tem lá suas armadilhas
Voltar é difícil
E só quem viveu
sabe do que tô falando
Como disse o contramestre Rafael de Lemba:
"O mundo de Deus é grande, aí meu bem, só
pra quem sabe andar"!
A lei da rua é a mesma da favela
Então tome cuidado pra não DESANDAR!
Mas, também fique tranquilo
Por que, tem sempre um irmãozim
Disposto a ajudar!

Sara Eduardo Leite
Assistente Social

É muito importante o levantamento, a construção participativa para se ter um diagnóstico ou uma percepção mais correta da quantidade de pessoas em situação de rua. Quais as suas necessidades? Quais os grupos? Quais as características? Que respostas? Para não dar respostas institucionais, burocráticas e sempre as mesmas, é preciso construir possibilidades não para eles, mas com eles. Então, por isso, participação é imprescindível para que se possa dar uma resposta humana, digna, solidária e fraterna.

Padre Júlio Lancellotti
Religioso

Dentro do imaginário coletivo, a questão da população em situação de rua é singular e se resolveria com a moradia, habitação construída sem pertencimento de território. Esse pensamento vem, em sua maioria, pela desinformação e pelo não-reconhecimento dessas pessoas como "gente" – gente que nem a gente. E gente é plural! Além de questões objetivas, que envolvem moradia, alimentação, emprego e saneamento básico, há também as questões subjetivas desses povos, como sexualidade, espiritualidade, memórias e as singularidades que compõem um ser.

Essa pesquisa veio em boa hora, pois é sempre importante contribuir com a construção de um mundo, onde as pessoas possam viver suas individualidades com respeito e dignidade. Entender as questões e as estratégias utilizadas pela população em situação de rua (POPRUA), em meio à pandemia causada pela covid-19 é crucial para pensarmos o fortalecimento das políticas públicas voltadas a essa população. Isso porque, enquanto as pessoas encontravam em suas casas, abrigo e refúgio desse momento que causou tantas perdas, a pobreza e o desemprego alastraram a pauperização de pessoas que pouco tendo,

com menos ficaram. Houve um inchaço da população em situação de rua e até quem nunca vivenciou a rua como moradia, viu-se obrigado a encarar esse cenário, por falta de condições financeiras de manter o pagamento da locação de uma casa.

Os profissionais que estavam no atendimento direto a essas pessoas se viram desafiadas a ressignificarem suas atuações. E saúdo os profissionais da assistência social de média e alta complexidade que atende a POPRUA, como também ao Movimento da POPRUA que trabalharam incansavelmente noite e dia, distribuindo máscaras, alimentação, instalando pias, arrecadando roupas, entre outras ações para não deixar esses sujeitos sem o mínimo de condições de subsistência. É válido ressaltar que os profissionais da assistência social de atendimento à POPRUA não pararam em nenhum momento da pandemia, por serem considerados serviços essenciais, e mesmo assim não tiverem salvaguardado a prioridade na vacinação.

Para nós da FACC é uma satisfação apresentarmos para a sociedade esse trabalho e nos engajarmos em mais uma pauta em busca de um mundo que promova a Cultura de Paz. Assim, esperamos que essa pesquisa contribua para o avanço das Políticas de Atendimento à População Situação de Rua.

Sara Eduardo Leite
Presidenta da FACC

Glossário da rua

Elaborado pelo pesquisador Carlos Donisete, a partir das suas vivências do que se fala no dia a dia. Essas expressões revelam um pouco do dialeto das ruas.

A fita: lance.
Abacaxi: qualidade do crack.
Água de coco: qualidade do crack.
Bebim/papudim: aquele que tem problemas com álcool.
Boca de prata: quem conquista gente compromissada.
Bolsa família/auxílio emergencial: benefícios do governo.
Cagoeta: fofoqueiro.
Caô: mentira.
Carreira d'água: gente encrenqueira.
Catiroba: mulher feia.
Celular/buchudinha: cachaça em garrafa de plástico, mais barata e de pouca qualidade.
Centro Pop: equipamento da prefeitura com serviços para a população de rua.
Clínica de recuperação: local para tratamento de drogas.
Clínica geral: usuário de vários tipos de drogas.
Come lixo: apelido.

Comunidade terapêutica: local para tratamento de drogas.
Corre/correria: movimentação para ganhar dinheiro.
De rocha: verdade.
Doação: oferecer bens e/ou produtos.
Dorme sujo: apelido.
Duzentos: estuprador.
É pedo ("é Pedro"): não aconteceu, deu errado... Pedro negou à Cristo ...
Empenhado: deixar documentos em garantia.
Engoma: mentira.
Entrar na mente: convencer.
Estouro: evento, acontecimento.
Fazer um J: fazer um jogo (combinação).
Fissura: com muita vontade de usar droga.
Formação: combinação para prejudicar alguém.
Fuleragem: sem valor, negativo.
Geriquita: mulher/esposa.
Iracemado: fome.
Laborterapia: atividades feitas em locais para tratamento de drogas.
Lixonete: pegar comida do lixo.
Mangueio: técnica (oralidade) para se conseguir algo.
Merenda: lanche entre as refeições.
Na broca: fome.
Noiado: alterado quimicamente.
Pacaí/pacaia/pé duro: cigarro de fumo.
Paia: "fraco".
Papo reto: conversa direta.
Pau no gato: acerto de contas.
Pirangueiro: gente de má índole.
Quentinha: refeição.
Recaída: uso da droga, de novo.
Redução de danos: modo de enfrentar as drogas com outras possibilidades.
Rocheda: confirmação positiva.
Saciseiro: usuário de crack.
Tá ligado/morô: entendeu.

Talarica: quem sai com gente compromissada.
Tapioca: qualitativo e quantitativo de crack.
Tô na bença: está tranquilo.
Traíra: quem trai, no geral.
Treta: confusão.
Vacilo: erro.

Sumário

Prefácio
página 18

Introdução
página 21

1
A proposta de diagnóstico
página 24

2
A FACC enquanto organização proponente
página 28

3
Planejamento do estudo
página 32

4
Desenho da pesquisa
página 39

4.1 Mapeamento da rede - análise das redes sociais
página 41

4.2 Dados quantitativos - análise das bases de dados
página 42

4.3 Dados qualitativos - análise das falas dos sujeitos da pesquisa
página 43

4.4 Cartografia social
página 43

4.5 Desenvolvimento dos estudos
página 50

5
Covid-19 e a população em situação de rua
página 56

5.1 Homens e mulheres em situação de rua sofreram mais do que maioria já vinha sofrendo
página 59

6
"Viver na rua":
a percepção de quem se encontra em situação de rua
página 66

6.1 Características dos grupos focais
página 67

6.2 Motivos de morar na rua
página 74

6.3 As relações sociais na rua
página 81

6.4 Os perigos da rua
página 84

6.5 A distribuição espacial da população em situação de rua Fortaleza
página 88

6.6 Solidariedade na rua
página 93

6.7 Ser criança e adolescente na rua
página 95

6.8 O atendimento da população em situação de rua durante a pandemia
página 104

6.9 Percepção sobre as políticas públicas para a população em situação de rua
página 110

7
A rede de apoio nas ruas:
o papel das entidades e dos coletivos
página 128

Considerações finais
página 137

Referências bibliográficas
página 143

Prefácio

É com grande satisfação que comentamos o "Diagnóstico da População em Situação de Rua no Contexto da Covid-19 em Fortaleza" assinado por Maria Andréa Luz da Silva, Mônica Sillan de Oliveira e José Airton de F. Pontes Jr. Ao adentrarmos as páginas deste relato, sentimos a importância dessa jornada de descoberta e compreensão sobre um tema complexo e urgente.

Nas ruas de nossas cidades, e especialmente em Fortaleza, existe uma realidade muitas vezes invisível aos olhos da sociedade. As pessoas que enfrentam o desafio diário de viver sem um lar são retratadas apenas como estatísticas, perdendo suas identidades e histórias individuais.

No entanto, este diagnóstico busca enaltecer as vozes silenciadas, trazendo à tona as experiências e desafios enfrentados por cada indivíduo que se encontra nessa condição. Por trás de cada rosto desgastado pela dureza da vida nas ruas, há uma história única, um percurso trilhado por circunstâncias diversas.

Ao longo desta obra, os autores mergulharam nas profundezas dessa realidade, desconstruindo preconceitos e abrindo espaço para a empatia. O estudo analisa as

implicações vivenciadas pela população em situação de rua, desde fatores socioeconômicos até questões de saúde mental e dependência química.

O documento aqui apresentado, trata o seu objeto de estudo em cinco unidades: a primeira, trazendo a proposta de diagnóstico, a segunda, resumindo o perfil da instituição proponente, a FACC ; a terceira, apresentando o planejamento do estudo; a quarta, desenho a pesquisa; a quinta, discutindo o COVID-19 e a população em situação de rua; a sexta, tratando da vivencia na rua e, finalmente, a sétima, mostrando a rede de apoio nas ruas. Além disso, explora as políticas públicas existentes e suas efetividades, buscando soluções inovadoras e sustentáveis para enfrentar esse desafio social. Desafio este que não deve ser encarado apenas pelo poder público, mas por toda a comunidade, como um compromisso coletivo em promover a justiça e a dignidade para todos.

Este diagnóstico sobre a população em situação de rua permite uma compreensão mais precisa da extensão e das características desse fenômeno social. Ao coletar dados demográficos, como idade, gênero, etnia e histórico de vida, é possível identificar os grupos mais vulneráveis e entender as diferentes realidades enfrentadas por essas pessoas. Isso é fundamental para direcionar políticas públicas e programas de intervenção de forma mais direcionada e eficiente.

Ao longo desta leitura, você encontrará dados estatísticos, mapas, fotografias, relatos emocionantes e propostas de ações concretas. Acreditamos que, ao se aprofundar nesse conhecimento, você será capaz de enxergar além das aparências, compreendendo que a população em situação de rua é formada por seres humanos com sonhos, aspirações e talentos.

Portanto, convidamos os leitores a mergulharem nesta leitura com mente aberta e sem opinião formada antecipadamente. Afinal, somente quando nos dispomos a escutar e compreender as vozes dos mais vulneráveis é

que poderemos nos preparar para lutar por uma sociedade mais justa e solidária.

Finalmente, parabéns aos autores deste documento pela provocação que é feita com sua leitura, pelo estímulo para a busca de soluções e uma inspiração para a transformação. Juntos, podemos ser agentes de mudança e construir um futuro mais inclusivo e acolhedor para todos. Passou do tempo de serem buscadas soluções inovadoras e sustentáveis para enfrentar esse desafio social.

Fortaleza, verão de 2023
Francisco Horácio da Silva Frota

Introdução

A pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) afetou diretamente o convívio social e trouxe um impacto devastador no quadro da saúde pública e nas condições de vida dos mais vulnerabilizados. Segundo relatório da Organização Mundial de Saúde – OMS – (2022), o número total de mortes associadas direta ou indiretamente à pandemia de covid-19 entre 1 de janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2021 foi de aproximadamente 15 milhões de pessoas em todo o mundo.

O relatório da OMS (2022) também aponta que o Brasil foi um dos países mais afetados pela covid-19 na região da América Latina e Caribe (ALC) e o terceiro mais afetado no mundo, com mais de 22 milhões de casos diagnosticados; possui o segundo maior número de mortes totais por covid-19 no mundo, com mais de 600.000 mortes em janeiro de 2022, perdendo apenas para os Estados Unidos da América.

Os efeitos da covid-19 no Brasil, contudo, são mais devastadores quando agregarmos as análises sobre pobreza e seus impactos nas populações mais vulneráveis. De acordo com estudos realizados pela Fundação Getúlio

Vargas – FGV – (2021), existiam no Brasil, entre agosto de 2020 e fevereiro de 2021, cerca de 17,7 milhões de pessoas que voltaram à pobreza. Os dados apontam que em agosto de 2020 cerca de 9,5 milhões (4,5% da população) viviam em situação de pobreza passando para 27,2 milhões em fevereiro (12,8% da população).

As medidas sanitárias adotadas a partir das orientações da OMS[1] agravaram esse quadro. Isso porque, em maio de 2020, o Conselho Nacional de Saúde emitiu a recomendação No 036. O referido documento indicava medidas de distanciamento social mais restritivas nos municípios brasileiros que apresentassem ocorrência acelerada de novos casos de covid-19 e que atingissem níveis críticos nas taxas de ocupação dos serviços de saúde. Os efeitos de tais medidas tiveram impacto direto no mercado de trabalho, causando aumento substancial de desemprego no país. Segundo o Relatório de Pobreza e Equidade no Brasil: mirando o futuro após duas crises, do Banco Mundial (2022), cerca de 10 milhões de pessoas perderam seus empregos entre o terceiro trimestre de 2019 e o terceiro trimestre de 2020.

Outro ponto relevante a ser considerado no período da pandemia é que houve um agravamento das condições de insegurança alimentar da população brasileira. O relatório do Banco Mundial (2022) aponta que, em 2021, 29,0% dos domicílios disseram que não podiam comprar alimentos saudáveis ou nutritivos. O quadro se agrava nos domicílios chefiados por mulheres (35,9%), por pessoas com baixa escolaridade (38,9%) e entre domicílios de baixa renda (51,0%). Segundo o estudo, um em cada cinco domicílios (18,1%) relataram ter ficado sem comida pelo menos uma vez por falta de dinheiro ou de recursos no mês anterior à pesquisa.

Segundo estudo do Instituto de Pesquisas e Estudos Aplicados – IPEA (2022), a população em situação de rua

1 Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constituía uma emergência de saúde pública de importância internacional.

no Brasil cresceu numa magnitude superior ao crescimento vegetativo da população brasileira e tal crescimento acelerou nos últimos anos, quando tivemos a pandemia.

Diante desse quadro, foi elaborada a proposta do presente estudo no intuito de compreender os efeitos diretos e indiretos da pandemia em grupos vulneráveis. O objetivo desse relatório é apresentar um diagnóstico da população em situação de rua no contexto da pandemia causada pela covid-19, com ênfase nas condições humanas das crianças e dos adolescentes. A proposta, nesse sentido, é tentar compreender quais as circunstâncias que levaram essas pessoas a estarem em situação de rua, entender o alcance das políticas públicas para essa comunidade e quais as respostas institucionais foram implementadas para garantir os direitos básicos desse público específico.

1
A proposta de diagnóstico

O intuito desse projeto, portanto, foi realizar um diagnóstico participativo junto à população em situação de rua no contexto da pandemia causada pela covid-19, em Fortaleza, com ênfase nas condições humanas das crianças e dos adolescentes. Trata-se de um projeto idealizado pela organização social – Frente de Assistência à Criança Carente – FACC que tem como objeto a realização de um "diagnóstico quanti-qualitativo junto à população em situação de rua no contexto da pandemia causada pela covid-19 em Fortaleza, com ênfase nas condições humanas das crianças e dos adolescentes", sendo desenvolvido a partir da parceria, mediante Termo de Fomento Nº 924817/2021/Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Para a execução da presente proposta, estabeleceu-se parceria com o Núcleo de Pesquisas Sociais (vinculado ao Programa de Políticas Públicas da UECE), Coletivo Arruaça e Movimento População de Rua – Fortaleza, além de outros entes e parcerias potenciais.

Além da utilização de bases estatísticas, foram realizadas entrevistas e grupos focais ou outras metodologias

participativas, tomando o cuidado de não revitimizar os sujeitos respondentes da pesquisa.

Para tanto, foram estabelecidas interfaces com Secretaria de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social de Fortaleza, Coletivo Arruaça e demais órgãos governamentais e da sociedade civil que realizam atividades com o referido público.

Também foi realizada pesquisa junto a órgãos coletivos e a indivíduos que executam um trabalho com esse segmento. O debate e a escuta em profundidade dos atores desse sistema ajudaram a compreender como tal política foi sendo implementada, bem como suas condições existenciais, sociais e programáticas.

A estrutura básica de procedimento metodológico encerrou quatro aspectos principais independentes do campo de intervenção e relacionadas com o diagnóstico:

- **Investigação:** Culminando nesse diagnóstico da situação-problema, sistematizando os dados para a sua compreensão.

- **Programação:** Apoiou os resultados do diagnóstico para formular propostas de intervenção com garantias de sucesso e eficácia.

- **Execução:** Levou em conta o diagnóstico para estabelecer a estratégia operativa e a implementação das ações.

- **Avaliação:** Pode ser feita em diferentes momentos do processo, entre eles, o diagnóstico, na medida em que exprime uma situação inicial que serve como ponto de referência da meta que se pretende alcançar, ou como elemento de comparação para avaliar as mudanças produzidas.

Objetivo Geral

- Realizar diagnóstico quanti-qualitativo junto à população em situação de rua no contexto da pandemia causada pela covid-19 em Fortaleza, com ênfase nas condições humanas das crianças e dos adolescentes.

Objetivos Específicos

- Realizar pesquisa quanti-qualitativa junto à população em situação de rua, visando conhecer o quadro situacional desse segmento;

- Realizar evento de apresentação do diagnóstico para os órgãos e lideranças locais que atuam junto às políticas voltadas para população de rua de Fortaleza.

Para o desenvolvimento do diagnóstico foi necessário um desenho de todas as etapas do processo conforme tabela a seguir:

Quadro 1 - Etapas do Processo

META	ETAPA	AÇÕES
META 1: Realizar diagnóstico quanti-qualitativo da população em situação de rua no contexto da pandemia causada pela covid-19.	**ETAPA 1**: Planejamento e nivelamento da equipe de trabalho (coordenação, apoio e pesquisadores).	**a)** Encontros de formação e de nivelamento acerca dos métodos e técnicas de pesquisa; **b)** Estudo, formulação e adequação de instrumentais para aplicação dos procedimentos da pesquisa; **c)** Realização de planejamento das equipes de pesquisadores, com elaboração de cronograma e estratégias de campo.

	ETAPA 2: Aplicação da pesquisa quantitativa (dados secundários e nos locais) e qualitativa (pesquisa-ação).	**a)** Levantamento de dados quantitativos e secundários; **b)** Aplicação de pesquisa-ação junto às pessoas em situação de rua, com técnicas a serem definidas pelos pesquisadores de campo, a partir das suas expertises de atuação com populações em situação de rua (pretende-se que a equipe de pesquisadores do campo qualitativo seja composta por membros dos coletivos e lideranças representativas do segmento, aproveitando a experiência, inclusive de pessoas ex-moradoras de rua); **c)** Aplicação da pesquisa de campo no âmbito institucional, envolvendo os equipamentos públicos que atendem ao segmento.
	ETAPA 3: Análise, elaboração, revisão e editoração de relatório.	**a)** Sistematização, análise e tratamento dos dados coletados; **b)** Elaboração, revisão e editoração do relatório **c)** Apresentação do diagnóstico em versões e-book e impressa.
META 2: Realizar evento de apresentação do diagnóstico para os órgãos e lideranças locais que atuam junto a políticas voltadas para população de rua de Fortaleza.	**ETAPA 1:** Realização do evento.	**a)** Pré-produção do evento (credenciamento dos participantes previamente, organização da logística do evento, convite aos órgãos coletivos e representantes da população em situação de rua, que serão escolhidos durante a aplicação da pesquisa); **b)** Apresentação do diagnóstico; **c)** Lançamento do diagnóstico; **d)** Pactuação acerca da formulação das políticas públicas para a população em situação de rua.

Fonte: Produzido pelos autores

2

A FACC enquanto organização proponente

A FACC – Frente de Assistência à Criança Carente – é uma organização da sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, localizada na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, e surgiu a partir da demanda da comunidade por programas sociais que promovessem inclusão, cidadania e desenvolvimento local de crianças, adolescentes e suas famílias. Foi constituída em 13/10/86 por lideranças do bairro, que organizaram-se buscando financiamento de projetos através de doação e submetendo-se a editais de financiamento, com foco no atendimento social e garantia de direitos de populações e comunidades em vulnerabilidades social e de direitos. Está situada na capital cearense, em sede própria. Sua **missão** é oferecer um trabalho social que gere impacto positivo em âmbito pessoal e comunitário de pessoas em situação de vulnerabilidades. Sua **visão** é ser referência de trabalho social, voltado para as causas humanitárias, tendo por **objetivo** contribuir para a construção de uma cultura de paz social através da transformação e melhoria das condições de vida de seus beneficiários, com integração de suas famílias e comunidade.

Tem quase 40 anos de atuação ininterrupta na intervenção social, notadamente voltada para crianças,

adolescentes, juventudes periféricas e populações em situação de vulnerabilidades, na busca por justiça social e na construção de uma sociedade pacífica, por meio da garantia dos direitos humanos.

Manteve parceria com o *ChildFund* Brasil, de 1986 a 2014, tendo expertise em cooperação internacional, submetendo-se à auditoria externa. Ao longo de sua existência, tem tido alcance na capital, região metropolitana, outros municípios cearenses e demais estados, atuando em projetos de promoção básica e mantendo representação nos conselhos direitos e setoriais e demais representações no âmbito do controle social e *advocacy*.

A organização desenvolve um programa de capacitação continuada com seu corpo técnico, no sentido de manter atualizados todos os parâmetros e demais normativas que embasam a atuação, bem como os referenciais teóricos que servem de fundamentação para atuação junto aos seres humanos em condições subumanas.

A partir de 2010, tomou parte no movimento nacional pela prevenção e enfrentamento à violência letal contra crianças e adolescentes, especialmente dos adolescentes negros e periféricos nos principais centros urbanos no estado do Ceará. No ano de 2013, através de um processo de seleção, passou a implementar o **Programa de Proteção à Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte do Ceará – PPCAAM/CE** –, desenvolvido mediante parceria entre órgãos governamentais estaduais e federais, por quase 07 anos consecutivos, tendo sido considerada gestão modelo do Programa, em nível nacional, por conta da excelência no desempenho programático e técnico-operacional.

Foi cofundadora do Fórum Nacional das Entidades Gestoras dos Programas de Proteção à Criança e Adolescentes Ameaçados de Morte – FNEG-PPCAAM –, tendo coordenado a região Nordeste e feito frente junto aos demais fóruns, que lutam pela garantia do direito à vida e pela proteção das pessoas, com alcance de ações determinantes, em nível de país.

Presidiu por 2 mandatos o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente do Ceará (2011-2013 e 2019-2021), e, também, o Conselho Municipal da Assistência Social de Fortaleza. Integra, ainda, o Fórum Estadual Interconselhos do Estado do Ceará, uma instância que atua congregando as pautas comuns de vinte conselhos setoriais e de direitos humanos do estado do Ceará, no sentido de deflagrar um amplo processo de diálogo e de pautas conjuntas, com resoluções e atuações no campo do *advocacy* e da incidência política para a melhoria das políticas públicas que afetam diretamente as populações mais carenciadas e vulnerabilizadas do estado do Ceará.

A organização desenvolve parceria com a Central Única das Favelas – CUFA – desde 2016, tendo no ano de 2020, durante o agravamento da pandemia causada pela covid-19, realizado ações em âmbito nacional, levando ajuda humanitária, através da entrega de cestas básicas, equipamentos de proteção individual, material de higiene e dando formação para que as pessoas atendessem aos protocolos sanitários. Essa parceria fez a salvaguarda de mais de 120.000 pessoas em 1 ano. Nos anos anteriores, ainda, em parceria com a CUFA, a organização desenvolveu projetos com o apoio da Cooperação Internacional nos estados do Piauí Maranhão e Fortaleza, como forma de fortalecimento e de convencimento da juventude periférica para os cuidados à saúde de forma plena e global. Desenvolveu, ainda, o projeto Rede Comunitário de Esporte, em parceria com a Secretaria de Esporte e Juventude do estado do Ceará, abrangendo 2.000 jovens na grande periferia de Fortaleza.

A organização foi premiada pela Biblioteca Nacional (2013), Fundação Banco do Brasil de Tecnologias Sociais (2017) e finalista do Prêmio IPL – Retratos de Leitura, do Instituto Pró-Livro (2017) pelo Projeto Aprender a Ler é um Prazer (incentivo à leitura e manutenção de biblioteca comunitária) e certificada pela Fundação Banco do Brasil (2019), com o projeto, "Fala sério: Formando para participa-

ção na política de direitos humanos no Ceará".

Além disso, a FACC adota uma proposta que tem por objetivo preparar os sujeitos para obter resiliência, frente às adversidades vivenciadas no cotidiano pessoal, comunitário e social, na perspectiva de construir um projeto de vida assertivo, sendo referendada pelo pensamento do Paulo Freire (1996).

A Frente de Assistência à Criança Carente – FACC – tem compromisso com a política de direitos humanos e trabalha com programas que promovem e contribuem para promoção integral de seus membros. Conta uma equipe técnica experiente e engajada (membros da gestão institucional pós-graduados).

3
Planejamento do estudo

A pesquisa em grupos vulneráveis não é tarefa fácil e necessita de ferramentas metodológicas capazes de compreender a realidade estudada. Um dos pontos importantes no planejamento dessa natureza é a inclusão dos atores sociais no processo, haja vista que são eles quem mais sabem sobre a sua própria realidade. Dessa forma, a proposta desse diagnóstico foi trabalhar na perspectiva da etnografia por pares que utiliza a abordagem da pesquisa participante para produzir dados que servirão de base para a elaboração de programas e políticas públicas.

Segundo Santos (2014), na etnografia por pares prevalece a ideia segundo a qual o que o povo diz sobre a vida social e o seu comportamento muda segundo o nível de familiaridade e confiança estabelecida entre o pesquisador e o pesquisado. Para tanto, é necessário que os pesquisadores de campo devam ser reconhecidos em sua comunidade e que estejam na mesma situação dos que deverão ser os sujeitos da pesquisa.

O objetivo principal dessa pesquisa, portanto, não é coletar dados demográficos ou sociais dos sujeitos, mas é compreender os significados que eles atribuem ao compor-

tamento social do seu grupo. Para isso foi realizada uma parceria com o Núcleo de Pesquisas Sociais da Universidade Estadual do Ceará com o intuito de fazer a seleção dos auxiliares de pesquisa e acompanhar todo o processo de levantamento de dados das pesquisas para o diagnóstico.

Dentre as atribuições dos auxiliares de pesquisa estavam:

- Levantamento das informações estatísticas nas bases de dados;
- Mobilização das entidades da rede de atendimento da criança e do adolescente;
- Acompanhamento na aplicação dos instrumentais de pesquisa;
- Transcrições das entrevistas e grupos focais;
- Digitação e tabulação de dados;
- Elaboração de gráficos e tabelas das pesquisas;
- Apoio na análise e redação dos relatórios.

Um dos pontos relevantes da escolha dos auxiliares de pesquisa é que fosse um grupo heterogêneo que contemplasse alunos dos cursos de graduação do Serviço Social, Ciências Socais e Geografia, profissionais com experiência e habilidade na atuação junto a público em situação de vulnerabilidade, bem como, pessoas em situação de superação de rua que participam ativamente de coletivos ou grupos que desenvolvem trabalhos para a população de rua em Fortaleza.

A escolha da equipe, portanto, levou em consideração dois aspectos: o saber constituído no ambiente acadêmico com as diversas pesquisas e projetos sobre o tema;

e a experiência dos atores sociais que por décadas desenvolvem trabalhos específicos para tal público, ou público com características semelhantes, no que diz respeito às condições de vulnerabilidades.

Para poder alinhar tantas experiências advindas de áreas diversas foi necessário elaborar e aplicar técnicas e vivências, por meio da realização de oficinas, visando nivelar os conhecimentos e posturas. Dessa forma, foram realizados encontros formativos com toda equipe de pesquisa e coordenação do projeto compreendendo:

a) socialização e integração dos pesquisadores, que ocorreram no Campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE), na sede do Coletivo Arruaça, num galpão denominado Mukambo e na sede da organização FACC, cujo objetivo era contextualizar o conceito de pessoa em situação de rua e quais políticas e serviços existem para esse público;

b) preparação para abordagem da pesquisa, tendo por mediadores, num primeiro momento, os pesquisadores em superação de rua, em seguida, através da aplicação de técnica de sociodrama, a discussão sobre as vivências na rua, referendada pela metodologia do Teatro do Oprimido (Augusto Boal) por um educador e pesquisador com vivência no teatro e no trabalho com população em situação de rua;

c) tempestade de ideias e estudo em grupos e em plenária para construção de nota metodológica participativa, através da orientação dos professores coordenadores da pesquisa e os estudantes;

d) reuniões para estudo, nivelamento, planejamento das atividades, preparação para a etapa de coleta de dados com as sete equipes, a partir de cada estudo da pesquisa e acompanhamento pela coordenação

da pesquisa e do projeto, inclusive para construção e homologação das propostas de instrumentais de pesquisas;

e) apresentação da proposta para o Conselho Municipal de Assistência Social de Fortaleza: debate e estabelecimento de parceria;

f) participação nas ações de mobilização para formulação para a Política Municipal para População em Situação de Rua de Fortaleza, por meio dos representantes dos pesquisadores;

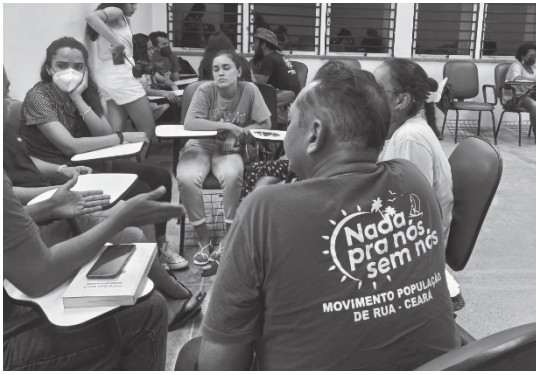
g) participação das atividades de festejos juninos na Praça do Ferreira com população em situação de rua, como forma de aproximação das organizações e lideranças com o campo da pesquisa.

Nessa perspectiva, o processo de capacitação dos pesquisadores e coordenadores teve como finalidade de promover um alinhamento conceitual e teórico-metodológico, que possibilitasse a construção coletiva, horizontal e de troca mútua dos saberes da academia (pesquisadores graduandos, graduados e pós-graduados) e saberes práticos (pesquisadores membros dos coletivos e ex-moradores de rua).

Essa abordagem formativa tomou por referência teóricos na linha de Boaventura de Sousa Santos (2013), a partir da sua obra Epistemologias do Sul, quando afirma que "para além do pensamento abissal: das linhas globais há uma ecologia dos saberes". Nesse sentido, a expectativa dessa capacitação é que ao final haja excelência no nível de relação interpessoal, desenvolvendo as capacidades de convivência e colaboração entre os membros da pesquisa, sobretudo, escutando qualitativamente os pesquisadores que vivem e/ou atuam no território, sendo parte da metodologia

participativa, bem como oferecer subsídios para que eles possam aplicar as técnicas e instrumentos, a partir da sua própria vivência.

Imagem 1 – Encontro formativo



Fonte: Documento Fotográfico do projeto/maio de 2022.

Após esse primeiro momento, foi estabelecida uma divisão de trabalho pautada nas necessidades do levantamento de dados.

Quadro 2 – Estrutura dos estudos da pesquisa

ESTUDOS	BASES DE PESQUISA/ FONTES DE BUSCA	METODOLOGIA/ ANÁLISE
1ª Etapa		
ESTUDO 1: Notícias sobre a população em situação de rua em Fortaleza	– Principais jornais (Opovo e Diário do Nordeste); – Notícias digitais; Site de notícias da cidade; – Redes sociais das entidades e coletivos que trabalham com a temática; – Site institucionais da Prefeitura e do Governo do Estado.	– Classificar por categorias; – Fazer uma síntese da notícia; – Verificar o destaque da notícia.

ESTUDO 2: Rede da Prefeitura, órgãos de controle social do Governo do Ceará em Fortaleza	– Equipamentos; – Projetos/ ações desenvolvidas pelos Mapas Estratégicos para Políticas de Cidadania – MOPS; – IPANFOR; – PPA/Fecop/ciclo orçamentário; – CMAS/COMDICA; – CMAS–Fortaleza; – CEAS/CEDCA; – CEDECA; – Portal da Transparência Fortaleza	– Identificar os equipamentos; – Principais projetos; – Número de atendidos; – Espaço das atividades/ações; – Inserir a incidência da população de rua por distrito, bairros.
ESTUDO 3: Acompanhamento das ações nas promotorias/ defensorias	– Direitos humanos; – Educação; – Idoso e pessoa com deficiência; – Infância e juventude; – Saúde pública; – Habitação.	– CAOPS; – Ver petições da defensoria pública; – Site do Ministério Público e nos dados disponíveis das Promotorias; – Entrevistas (2ºetapa).
ESTUDO 4: Indicadores	– Evasão escolar; – Cadastro Único e Bolsa Família; – Saúde; – Vacinação (microdados população em situação de rua); – Mapa Vacinada (população em situação de rua) – Auxílio Emergencial Federal – Auxílio Emergencial Estadual – Auxílio Emergencial Municipal – Conselho Tutelar (denúncias sobre crianças e adolescentes em situação de rua); – COMDICA; – IML.	– Site de MDS, Secretaria de Saúde, buscar dados junto aos Conselheiros; – Ver setores que prestam atendimento para pessoas com situação de rua; – Ver programas criados durante a pandemia; – Como foi a força tarefa de assistência humanitária a essas pessoas;

ESTUDO 5: Análise espacial	– Mapear os bairros e locais com pessoal em situação de rua; – Listar as entidades e ações realizadas.	– Identificar nos distritos censitários essas demandas
ESTUDO 6: Instrumental qualitativo para os coletivos	– Mapear o perfil de pessoas envolvidas nos trabalhos dos coletivos.	– Aplicação de questionários para mapear a rede.
2ªEtapa		
ESTUDO 7: Instrumental qualitativo para órgãos	– Analisar órgãos que as prestam serviços à população em situação de rua.	– Entrevista com os responsáveis.
ESTUDO 8: Escuta qualitativa das pessoas em situação de rua	– Caracterizar as situações das pessoas; – Verificar os percursos das pessoas; – Realizar oficinas/grupos focais.	– Entrevistas em profundidade; – Relatos de vida.

Fonte: Produzido pelos autores

4
Desenho da pesquisa

As técnicas de pesquisa compõem um conjunto de meios de coleta de dados escolhidos a partir do quadro de referência composto pelo marco conceitual e normativo adotado pelo país para a política pública para a população de rua, a saber:

- Decreto nº 7.053 (2009), que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento;
- Constituição Federal de 1988 (CF/1988), art. 3º;
- Resolução CNAS Nº 13, de 13 de maio de 2014;
- Lei nº 9.990, de 28 de dezembro de 2012, regulamenta a Política de Assistência Social de Fortaleza em consonância com o que regulamenta o SUAS;
- Decreto Municipal nº 13.471, de 18 de dezembro de 2014, que institui a Política Municipal para a População em Situação de Rua;

Foram também levados em consideração os documentos de criação do Comitê Municipal de Políticas Públicas, dentre outros marcos legais, políticos e normativos que são considerados relevantes para embasamento do trabalho.

A pesquisa também se apoiou em dados quantitativos e qualitativos. Nesse sentido, foram trabalhados os indicadores socioeconômicos da cidade de Fortaleza (comparativamente do Ceará e Nordeste). Com o intuito de avaliar a evolução dos indicadores sociais de Fortaleza em relação ao restante do estado, foi tomado como base o processo metodológico das principais instituições do estado e as medidas sintéticas dos indicadores estaduais utilizados pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Governo Estado do Ceará – IPECE. Também serviu de referência o 1º Censo e Pesquisa Municipal sobre população em situação de rua de Fortaleza. Os resultados desses indicadores para o ano de 2021 foram complementados com dados qualitativos que permitiram uma visualização melhor da situação.

Inicialmente podem ser destacados os indicadores intersetoriais (das áreas de demografia, educação, mercado de trabalho e pobreza, vulnerabilidades e desigualdade, escolaridade, mortalidade, dentre outros). A pesquisa qualitativa "responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado." (MINAYO, 2002, p.21)

Nesse sentido, adota-se uma metodologia participativa através da pesquisa-ação, a qual, segundo Thiollent (2002, p. 14):

> [...] é "um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo"

Os procedimentos da pesquisa foram testados num breve piloto de campo, que compreendeu a aplicação das técnicas e instrumentos, em uma amostragem simbólica de órgãos e sujeitos a serem indicados pelos coordenadores e pesquisadores. O resultado do piloto possibilitou fazer ajustes e adequações necessárias à aplicação efetiva.

Importa informar que toda aplicação dos instrumentais e técnicas da pesquisa somente ocorreram após anuência expressa dos sujeitos respondentes, por meio de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A pesquisa, portanto, foi dividida levando em consideração as seguintes abordagens abaixo relacionadas:

Imagem 2 – Desenho metodológico

Fonte: Produzido pelos autores.

4.1 Mapeamento da Rede – análise de Redes Sociais (ARS)

Para Grosetti (2003; 2004), a Análise de Redes Sociais (ARS) é um instrumento utilizado para estudar as redes informais, espontâneas e não intencionais que são advindas das inter-relações em sociedade. A utilização, portanto, das ARS como ferramenta de análise permite conhecer as interações entre os indivíduos ou grupos de indivíduos representados através de um gráfico ou uma rede.

Ao analisarmos uma Rede Social o intuito não é per-

ceber de forma isolada a opinião de um indivíduo, mas por suas ligações e relações interpessoais, ou seja, a Análise de Rede tem como foco: as conexões entre os indivíduos; os principais motivadores desse relacionamento e; os tipos de lações existentes.

Para a análise dos dados coletados foi necessário construir uma matriz na qual foram identificados os atores da rede, suas relações entre si, seus principais atributos e objetivos de interação, levando em consideração os seguintes passos:

- **Identificação da Rede:** resulta na elaboração da lista dos primeiros atores que irão compor a rede;
- **Aplicação do instrumental:** elaboração de questionário para identificar as características dos atores da rede;
- **Matriz de Atributos:** elaboração de uma matriz com todos os atributos da rede selecionados a partir do resultado dos dados da pesquisa.

4.2 Dados quantitativos – análise das bases de dados

A pesquisa quantitativa possibilitou avaliar a evolução dos indicadores sociais de Fortaleza em relação ao restante do estado. Foi tomado como base o processo metodológico das principais instituições do estado e as medidas sintéticas dos indicadores estaduais utilizados pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Governo Estado do Ceará (IPECE). Foram analisados os indicadores intersetoriais (das áreas de demografia, educação, mercado de trabalho e pobreza, vulnerabilidades e desigualdade, escolaridade, mortalidade, dentre outros). O Censo e pesquisa municipal sobre população em situação de rua de Fortaleza também foi utilizado como fonte secundária de pesquisa.

4.3 Dados qualitativos – análise das falas dos sujeitos da pesquisa

A escuta dos sujeitos da pesquisa foi realizada através dos seguintes instrumentais:

- **Entrevistas semiestruturadas:** foram realizadas junto aos equipamentos que prestam atendimento à população em situação de rua no município. As perguntas estão vinculadas às atribuições dos atores, permitindo conhecer suas trajetórias pessoais/profissionais, motivações, condições de trabalho, avanços e desafios no atendimento. O instrumental foi produzido a partir da construção coletiva com a equipe de pesquisa.

- **Grupos Focais:** técnica utilizada para conhecer as condições e situações vivenciadas pela referida população. Esse momento ocorreu in loco. O papel do pesquisador foi de moderação, lançando as questões relacionadas aos objetivos da pesquisa e pactuando a possibilidade de fala de todos (as), guardado o sigilo. As gravações foram autorizadas previamente para uso restrito da pesquisa.

- **Relatos de Vida:** escuta individualizada, face a face, na busca de obter informações pormenorizadas acerca das condições de vida, das expectativas e do olhar sobre sua condição.

4.4 Cartografia social

A partir da escuta dos atores da pesquisa, foram elaborados mapas que permitiram, por meio do georreferenciamento, analisar os fluxos da população em situação de rua de Fortaleza. É uma metodologia participativa e colaborativa de investigação que motiva a reflexão, organização e ação de um espaço físico e social específico.

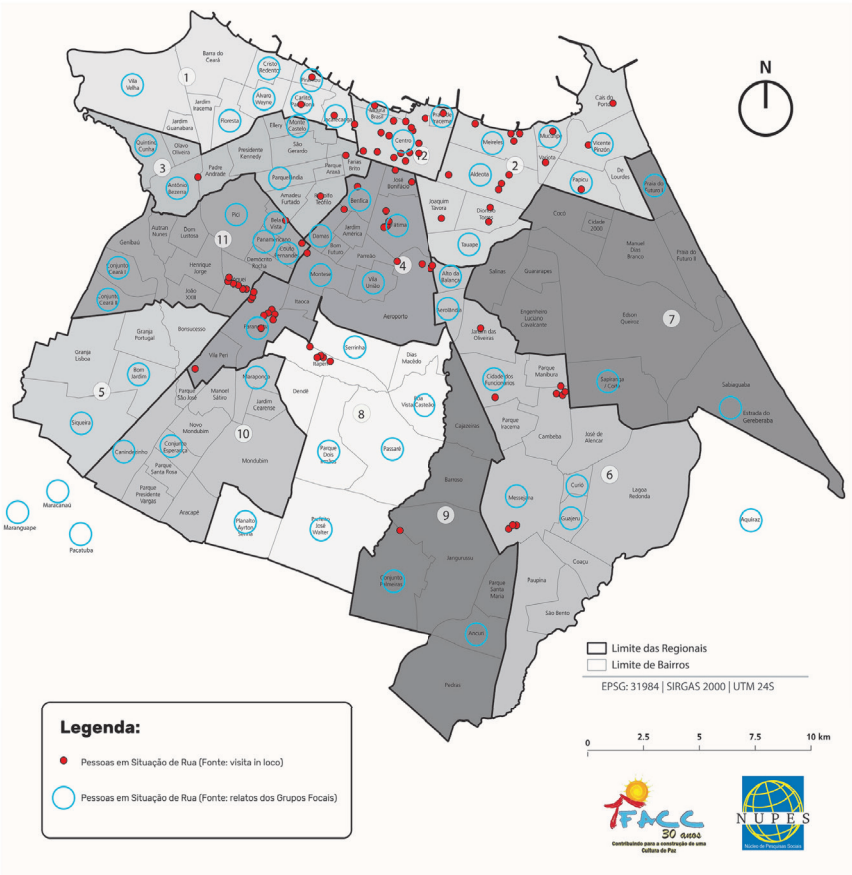
Como metodologia de trabalho de campo e como ferramenta de pesquisa, a cartografia social é concebida como uma técnica dialógica Fals Borda (1987) que nos permite propor, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, perguntas e perspectivas críticas para enfrentar os conflitos socioambientais que motivaram o exercício de pesquisa.

Imagem 3 – Discussão em grupo sobre os locais de concentração da população e situação de rua em Fortaleza

Fonte: Imagens da pesquisa.

O mapa abaixo relaciona os locais apontados nos grupos focais da presença de pessoas em situação de rua com os que foram encontrados nas visitas de observação da equipe de pesquisadores. O resultado apontado reflete a concentração de pessoas em situação de rua na zona do Centro da cidade. No entanto, o mapa apresenta uma concentração significativa que abrange os bairros Itaperi, Parangaba e Jóquei Club.

Imagem 4 – Pontos de incidência de pessoas em situação de rua em Fortaleza/2022

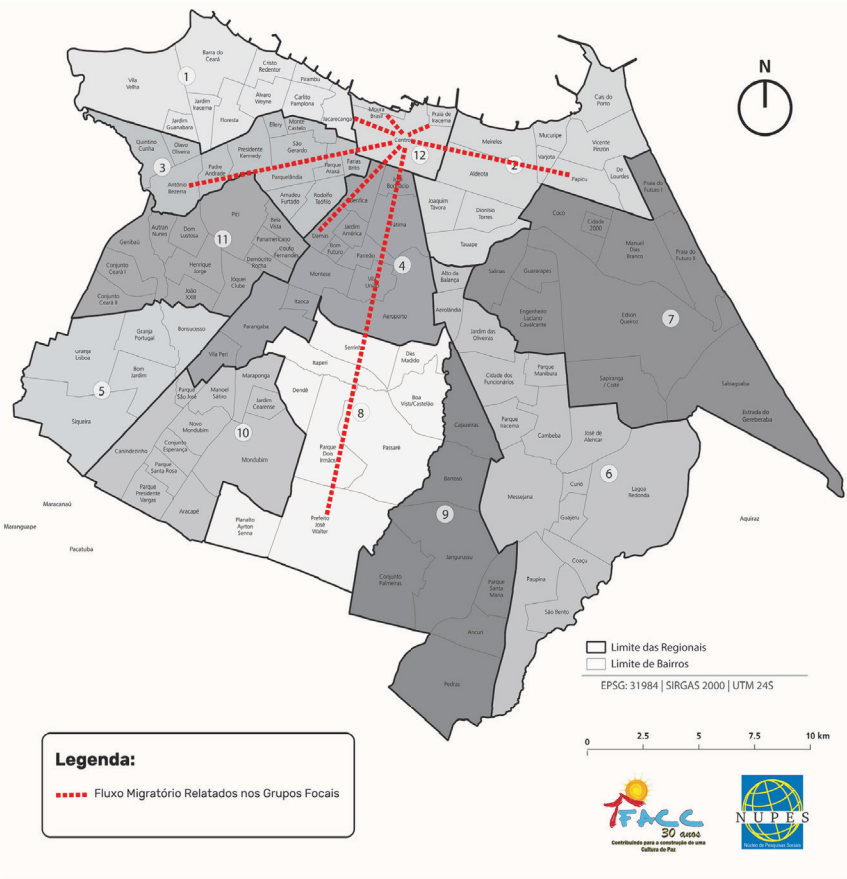


Fonte: Produzido a partir dos dados da pesquisa.

Na Imagem 5, que trata do fluxo das pessoas em situação de rua, percebe-se um direcionamento para o Centro da cidade, indo e voltando de bairros mais próximos, como Praia de Iracema, Moura Brasil e Jacarecanga, e até mesmo de bairros mais distantes como Antônio Bezerra, Papicu e Prefeito José Walter. Cabe enfatizar que essa imagem não está relacionada aos bairros citados, mas são

caminhos relatados nos grupos focais de como ocorrem as rodas migratórias de pessoas em situação de rua dos bairros próximos e que cruzam esses trajetos.

Imagem 5 – Fluxo Migratório de pessoas em situação de rua em Fortaleza/2022

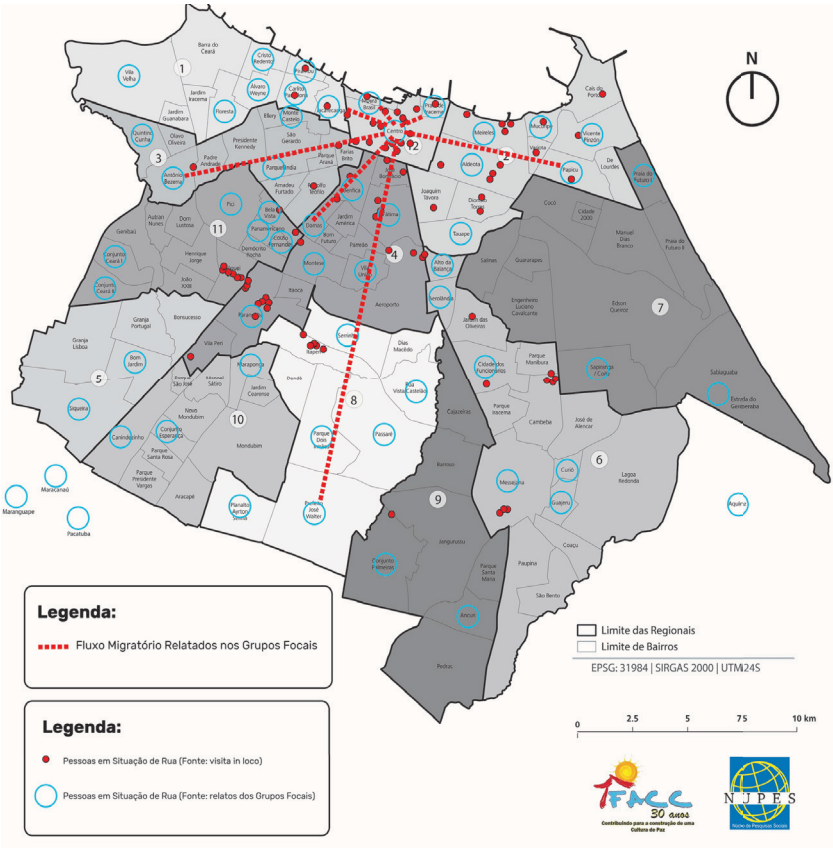


Fonte: Produzido a partir dos dados da pesquisa.

Quando se faz a análise da sobreposição do fluxo migratório com a incidência de pessoas em situação de rua (Imagem 5), percebe-se os diversos locais que essas rodas

abrangem, principalmente das Regionais 2, 3, 4, 8 e 11. Importante observar que foram relatados nos grupos focais que há pessoas em situação de rua da região metropolitana que, por vezes, também buscam o Centro da cidade durante o dia e retornam no final do dia.

Imagem 6 – Sobreposição do fluxo migratório com a incidência de pessoas em situação de rua em Fortaleza/2022

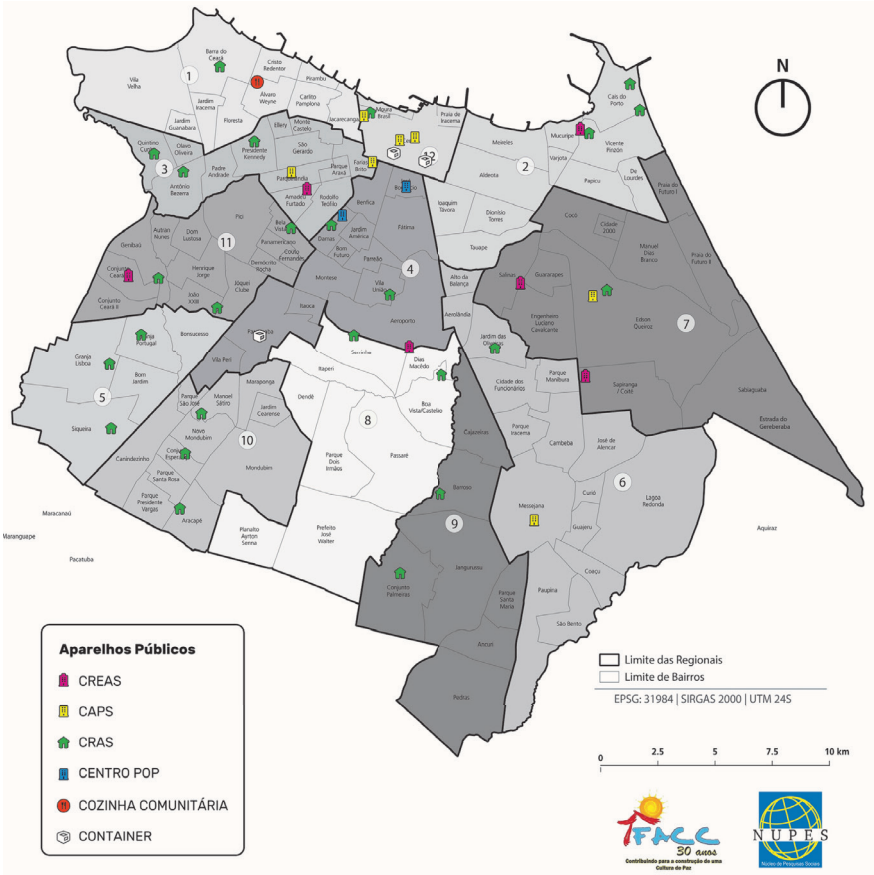


Fonte: Produzido a partir dos dados da pesquisa.

A Imagem 7, que trata dos equipamentos públicos na cidade de Fortaleza, apresenta espacialmente as presenças dos CRAS, APS, CRAS, Centro POP, Cozinha Comuni-

tária e Containers. Observamos que o Centro da cidade e adjacências– para o lado oeste – têm a maior concentração de equipamentos, principalmente os Centro Pop, Containers e APS e CRAS.

Imagem 7 – Equipamentos públicos na cidade de Fortaleza/2022

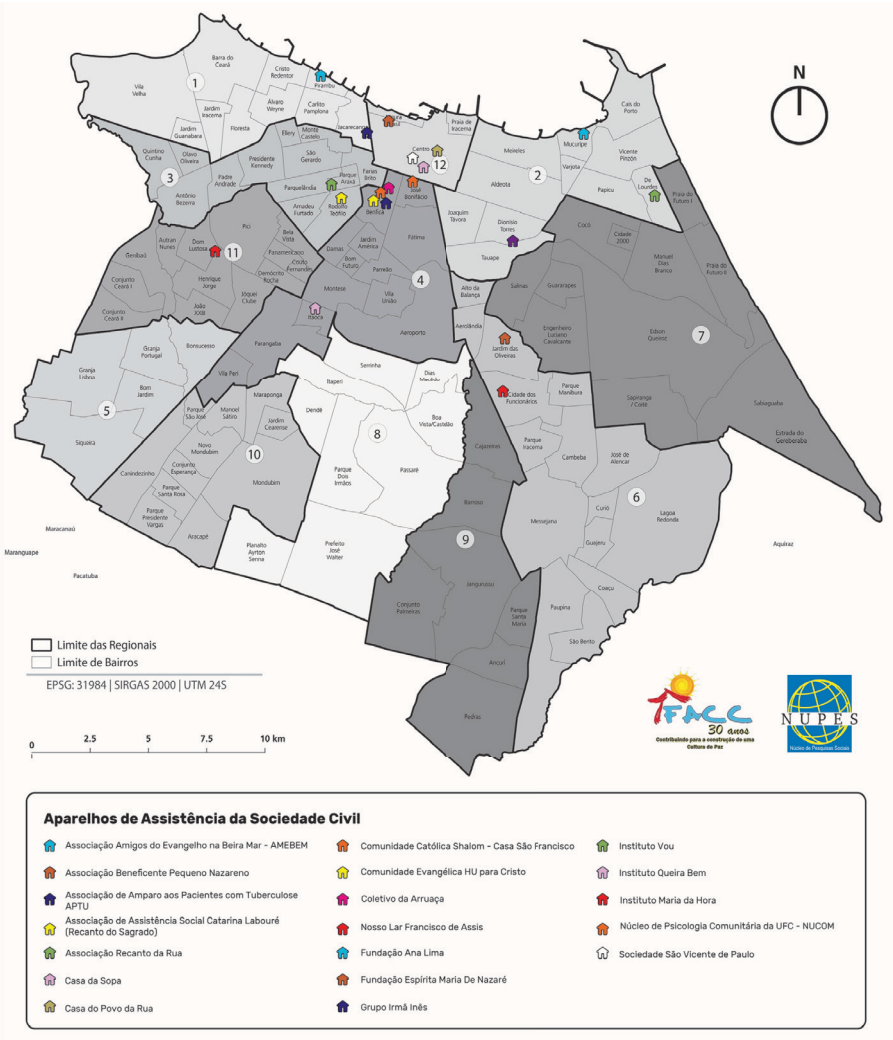


Fonte: Produzido a partir dos dados da pesquisa.

Em relação à rede de apoio a pessoas em situação de rua, apresentamos 11 aparelhos de assistência da sociedade civil de entidades de diferentes características,

tais como saúde, religiosa e social. Além disso, também se observa a predominância de atuação desses aparelhos na regional do Centro e nas adjacências nas regionais 3 e 4.

Imagem 8 – Rede de apoio a pessoas em situação de rua na cidade de Fortaleza/2022



Fonte: Produzido a partir dos dados da pesquisa.

A Imagem 9 que trata do Mapa com os conjuntos das informações apresentadas anteriormente, ajuda-nos a compreender a complexidade espacial das distribuições e fluxo das pessoas em situação de rua com a rede de apoio e equipamentos públicos da cidade de Fortaleza. Percebe-se que as rodas dos fluxos migratórios estão próximas aos pontos de maiores incidências de pessoas em situação de rua, bem como são caminhos para os equipamentos públicos e para as redes de apoio, além de ficar evidente que o Centro e o lado oeste da cidade e da região metropolitana são os que demandam mais atenção para a assistência.

4.5 Desenvolvimento dos estudos

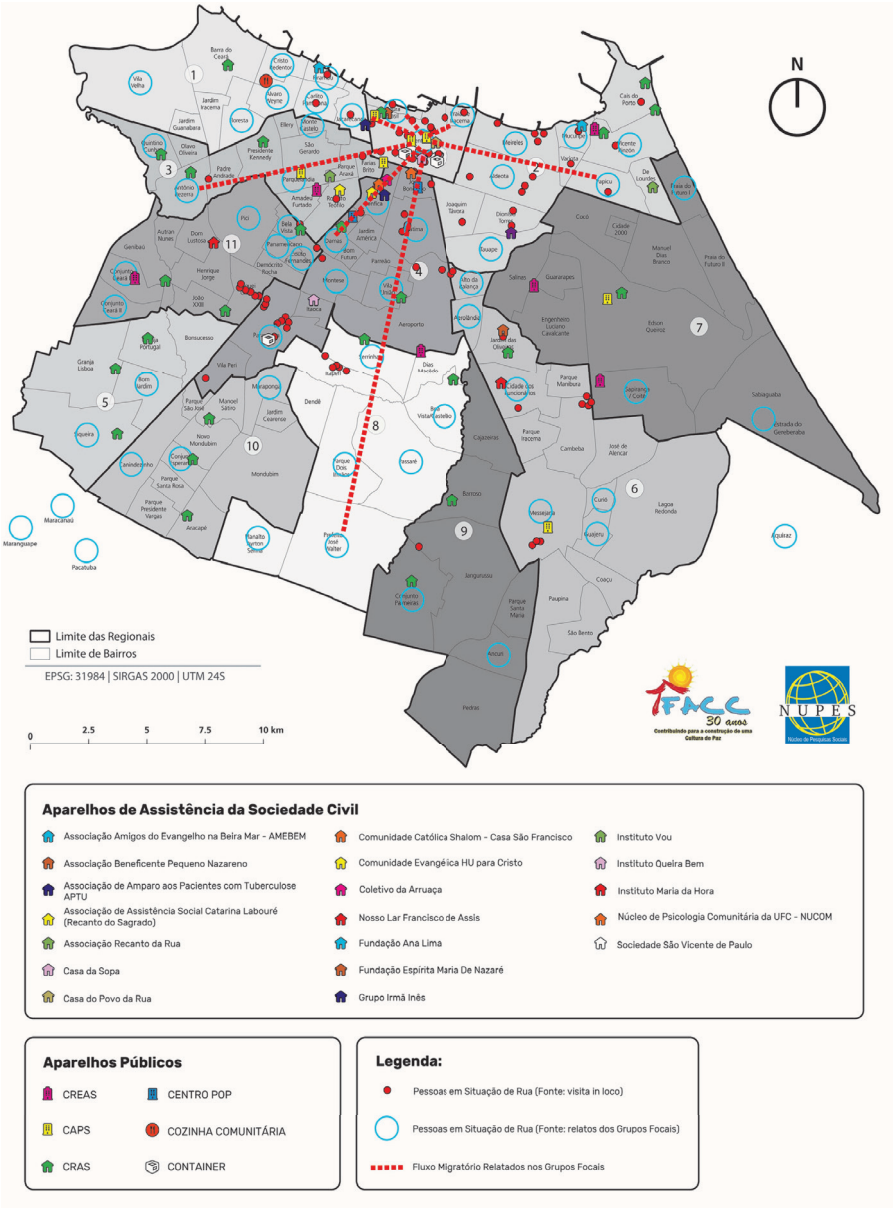
O estudo 1 teve como objetivo a busca e a análise de notícias sobre a população em situação de rua em Fortaleza, utilizando-se dos principais veículos de informação da cidade, como redes sociais e sites governamentais. O foco das pesquisas abrangeu os meses de julho de 2019 a julho de 2022. Alguns dos jornais pesquisados foram: O Povo, Diário do Nordeste e G1CE.

A pesquisa foi feita por meio online, visitando as plataformas de notícias desses jornais e utilizando-se de palavras-chave que direcionassem a pesquisa à temática aqui disposta. Ademais, realizamos a classificação e a categorização do que foi coletado, além de sintetizarmos os dados apanhados.

Como termos-chave de busca foram utilizados "população em situação de rua Fortaleza", "situação de rua", "pessoas em situação de rua Fortaleza" e "população em situação de rua".

Na estruturação e na análise das notícias referentes à base de dados do jornal online G1 CE, houve uma recorrência de notícias voltadas para a temática dos projetos sociais direcionados às populações em situação de rua, seguido por dados de segurança pública e casos de violência contra esse grupo.

Imagem 9 – Mapa com o conjunto das informações/2022



Fonte: Produzido a partir dos dados da pesquisa.

Diante do que concerne aos materiais orientados para os projetos sociais autônomos, temos um padrão de direcionamento ativo de grupos de arrecadação de alimentos e cobertores, campanhas de solidariedade em comunidades periféricas, realização de festividades, distribuição de cestas básicas, prestação de serviços voltados à saúde pública (kits de higiene pessoal feminina, atendimentos clínicos, pias e banhos coletivos).

Já sobre a coleta dos dados em relação à violência e a segurança pública, os recortes que podem ser feitos são de uma latente e excessiva violência policial frente à população em situação de rua, especialmente instalados na Praça do Ferreira. Ademais, casos pontuais de pessoas anônimas que se utilizam do período noturno e atacam jovens e idosos em diversos pontos da cidade, especialmente na Av. Beira-Mar e no Centro.

Outros casos mais escassos são voltados para a segurança pública, marcados por assaltos e furtos protagonizados por algumas pessoas em situação de rua que logo foram presas. As demais notícias encontradas são quantitativamente baixas e voltavam-se para políticas de assistência durante a pandemia (construções de leitos, distribuição de absorventes, kits de limpeza, documentação, caminhão de vacinação, capacitação), além de denúncias voltadas para a situação da saúde pública do estado, falta de garantia de direitos desse grupo, e algumas ações solidárias. Somente uma notícia sobre mulheres em situação de rua foi veiculada, e uma crítica sobre o Censo da população em situação de rua de 2020 também foi veiculada.

O Estudo 2 teve como objetivos: i) identificar os aparelhos de assistência à população em situação de rua; ii) atribuir essas informações nos mapas temáticos; iii) colaborar com o instrumental da metodologia geral da pesquisa; iv) produzir mapas com as informações coletadas em campo; v) e fazer uso da cartografia aplicada em temas sociais.

Como plano de mapeamento, foram considerados a seleção das ferramentas, a metodologia e os resultados es-

perados. No mapeamento, utilizamos o QGIS, Google *Earth*, Excel e MOPS, bem como os dados georreferenciados, a malha municipal de Fortaleza e o Basemap. Para o desenvolvimento da síntese, foram considerados os aparelhos de assistência em Fortaleza, a localização e a classificação. Como layout, levamos em conta a escala para delimitação, formato e design, principalmente para impressão.

Os pontos de interesse foram coletados através do Software Google *Earth* Pro e transformados em KMZ/KML. Após a coleta dos dados, e a transformação para KMZ/KML os pontos foram inseridos no Software de Geoprocessamento, QGIS versão 3.22.6 e transformados em pontos de *Shapefile* Georreferenciados.

Dessa forma, o material produzido considerou: a localização dos aparelhos de assistência; o mapa de localização dos aparelhos; a elaboração do plano de mapeamento; a seleção de referências; e a tabela preliminar de localizações da população em situação de rua.

O Estudo 3 teve como objetivo o acompanhamento das ações nas promotorias/defensorias, mais especificamente dentro das esferas dos direitos humanos, da educação, do idoso, da pessoa com deficiência, da infância, da juventude, da saúde pública e da habitação. O levantamento de dados foi realizado através de buscas na internet por meio dos sites oficiais do Ministério Público do Ceará e da Defensoria Pública Geral do Estado do Ceará, coletando notas, informes, notícias e ações acerca dos temas aqui dispostos. Foram priorizadas as informações transmitidas e protagonizadas pelos dois órgãos que já foram citados. Houve também visitas presenciais de membros do grupo de pesquisadores em alguns órgãos para colher dados, por já conhecerem algumas pessoas e estarem por dentro da luta por moradia.

O Estudo 4 teve como objetivo coletar dados sobre vacinação, Cadastro Único, Bolsa Família, sub-registros e registros diretamente ligados à população em situação de rua durante a pandemia de covid-19 na cidade de Fortale-

za. Buscou-se, também, informações sobre evasão escolar, violência institucional e/ou policial contra adolescentes em situação de rua e denúncias sobre crianças e adolescentes que estejam nessa realidade. Objetiva-se registrar o maior número possível de informações, visando compreender a real situação que vive a população em situação de rua em Fortaleza.

Para o Estudo 5 foi realizada a coleta de dados *in loco* para o desenvolvimento de uma análise espacial, mapeando bairros e locais, como também, listar entidades e ações realizadas voltadas para esse público, aprofundando as discussões acima e trazendo dados pertinentes e atualizados para essa investigação.

O objetivo desse estudo foi mapear bairros e locais com incidência de pessoas em situação de rua, analisando o local de permanência, o quantitativo de pessoas e as condições as quais essa população sobrevive.

No primeiro momento, foram coletados dados para a elaboração de uma tabela de mapeamento, constando a localização de bairros com incidência de pessoas em situação de rua e, dessa forma, estabelecido rotas divididas por bairros para visitas de observações que serviram de base para os relatórios com relatos das condições, estrutura do local e quantitativo de pessoas, além de fotografias para registro.

Para as visitas foram eleitos os seguintes parâmetros: local de incidências, quais as condições, estimativa de pessoas; observar questões de saúde, alimentação, segurança, moradia e saneamento básico; equipamentos voltados para população em situação de rua, entidades civis e governamentais (e se tiver, quais são); observar atividades laborativas (se faz e qual); quem são essas pessoas, se estão em situação de rua ou em situação de vulnerabilidade social.

O objetivo do estudo 6 foi mapear o perfil de pessoas envolvidas nos trabalhos dos coletivos, com os seguintes objetivos específicos: i) identificar perfil socioeconômico,

cultural e político das pessoas envolvidas nos trabalhos junto à população em situação de rua; e ii) identificar as motivações que essas pessoas têm para realizar esse trabalho.

Foram aplicados questionários para identificar os perfis das pessoas envolvidas nos trabalhos junto à população de rua. O questionário, com 23 perguntas de teor pessoal, conta com questões objetivas e abertas e foi criado na plataforma Google *Forms*. Temos entrado em contato com uma liderança da entidade/coletivo via *whatsapp*, *e-mail* ou ligação para envio do link do questionário e ofício.

5

Covid-19 e a população em situação de rua

A pandemia recente, forma mais avançada de reprodução da covid-19, estendeu seus efeitos mortais numa abrangência e numa velocidade que foram ajustadas ao mundo de hoje. A globalização, a velocidade das informações e a interconectividade em todas as suas formas, produziram efeitos que se fizeram notar em todos os aspectos da vida social.

O pavor do mundo foi maior em decorrência da rapidez entre a primeira morte (11 de janeiro) em Wuhan e a declaração de pandemia (em 11 de março) pela Organização Mundial de Saúde. No prazo aproximado de um mês, já tinha havido mais de 10 mil mortos.

A expansão do vírus, como era de se esperar, não se comportou da mesma forma em todos os estados, em todas as cidades, em todos os bairros ou em todos os grupos sociais.

A imagem do Nordeste esteve durante muito tempo associada à presença da pobreza e à necessidade de políticas públicas específicas, haja vista a insuficiência de renda que alcança grande parte da sua população. A desigualdade está presente em todas as unidades da região e se manifesta no abastecimento de água, esgotamento

sanitário, coleta de lixo, moradia, emprego e renda de sua população. Nesse sentido, tal desigualdade também se fez presente durante a pandemia.

O impacto dacovid-19 nas políticas públicas da região e, principalmente, do Ceará, teve a marca da luta contra tal desigualdade. Em Frota, Frota e Silva (2020, p.47) há um trecho da fala do Governador do Ceará, Camilo Santana, explicitando as decisões do Comitê de Combate ao Vírus, quando disse:

> Estamos todos juntos e unidos para vencer os vírus, mantendo a política de isolamento social, pois essa é a política mais importante no mundo inteiro para salvar vidas. Vamos manter, sempre com diálogo e compreensão do momento e das dificuldades, um enfrentamento que não é só nosso, é do Nordeste, é do Brasil e é do mundo.

No contexto geral do combate à pandemia, a atuação governamental foi muito positiva. Todas as iniciativas, no entanto, convivem com o muro que separa a cidade: a dos bairros nobres e a dos bairros nos quais a população nada tem ou tem muito pouco.

No início do mês de abril, a maior parte dos infectados morava em bairros considerados nobres: Meireles, Aldeota, Mucuripe, Cocó e Guararapes, moradores com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e renda média considerada alta para o padrão da cidade – comprovação de que a epidemia se iniciou por pessoas que chegaram contaminadas de outros países e de outras partes do Brasil. Fortaleza, capital do Estado, também veio comprovar a tese que destaca o maior sofrimento das populações que na sua pobreza absoluta se encontram invisíveis para o poder público e para o conjunto da sociedade.

Essa diferença estrutural modifica o mapa da expansão e das mortes por coronavírus na cidade. Os indicadores da Secretaria de Saúde mostraram que a letalidade avançou sobre 121 bairros, atingindo, principalmente, os

bairros mais sofridos: Grande Vicente Pinzon; Barra do Ceará; Cais do Porto; Grande Pirambu; Cristo Redentor; Vila Velha; Planalto Ayrton Sena; Quintino Cunha; José Walter; Granja Lisboa; Carlito Pamplona e a confluência dos bairros Fátima, Joaquim Távora, São João do Tauape e Alto da Balança.

Segundo a Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, o cenário de 13 de maio em Fortaleza demonstrava a seguinte situação: 12.664 casos confirmados, 1.026 óbitos e todos os bairros infectados. O número de óbitos nos bairros de menor IDH, era alarmante: Barra do Ceará 45; Vicente Pinzón 35; Cristo Redentor 31; Cais do Porto 25; Vila Velha 22; Carlito Pamplona 22; Granja Lisboa 22; Quintino Cunha 20; Planalto Ayrton Sena 20; José Walter 20. Essa realidade demonstrava que os óbitos ocorriam nas áreas mais pobres.

Conforme destacado por Frota, Frota e Silva (2020), embora o Governo do Estado do Ceará tenha pensado em promover ações para os mais necessitados (isenção do pagamento de água e luz, distribuição de gás, antecipação do cartão Mais Infância), tais medidas foram insuficientes ante a grandeza do número de famílias em nível de pobreza.

A realidade de um grande contingente de famílias moradoras da periferia não se adequava às orientações dos sanitaristas, nem às condições de higiene pretendidas. A realidade apontava para uma situação na qual muitos tiveram o salário mínimo reajustado abaixo do índice da inflação, o valor do auxílio emergencial (embora tendo sido ampliado durante os meses de atendimento) reduzido à metade e muitos sobrevivendo com as cestas básicas distribuídas nas comunidades.

Em síntese, como dizem os autores citados, crescia os que teimavam em sobreviver enfrentando as filas da Caixa Econômica, a venda nas feiras livres, os trabalhos insalubres, a internação nos asilos, nas casas correcionais, nos presídios e nas ruas.

5.1 Homens e mulheres em situação de rua sofreram mais do que a maioria já vinha sofrendo

O Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (POLOS-UFMG), desenvolvendo pesquisa com base nos dados do CadÚnico, do Ministério da Cidadania, registrou a grande ampliação das pessoas que passaram a morar nas ruas do Brasil em decorrência da covid-19. Dados que podem estar subnotificados, haja vista o levantamento ter sido feito apenas com pessoas que estão no CadÚnico. Segundo os pesquisadores do Observatório em 2020, por exemplo, 33% das pessoas que viviam na rua não estavam no CadÚnico e em 2021, o número era de 45%.

Quadro 3 - População em situação de rua no Brasil

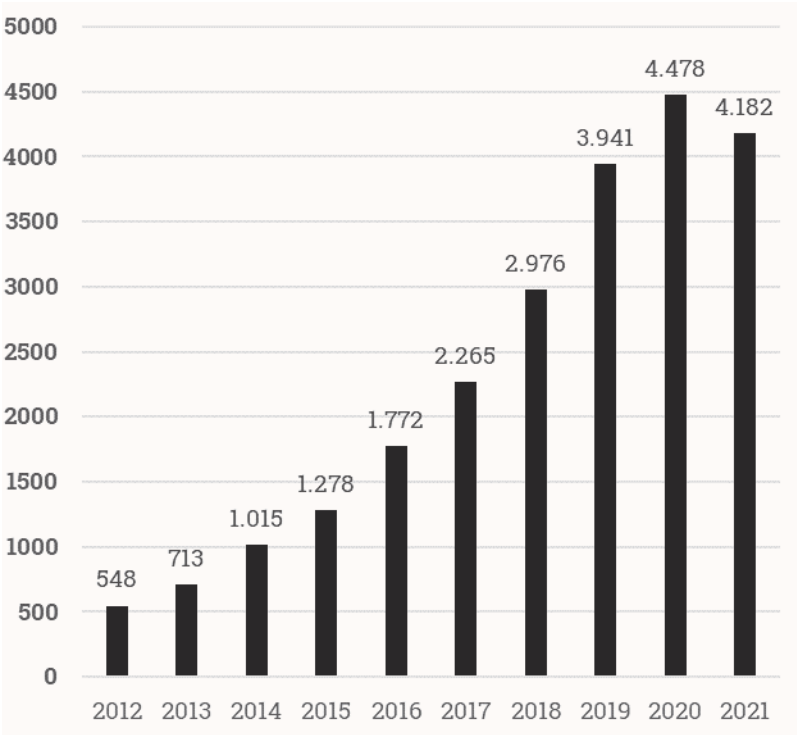
ANO	BRASIL
2012	12.775
2013	22.922
2014	37.419
2015	52.440
2016	73.874
2017	101.302
2018	138.332
2019	174.766
2020	194.824
2021	158.057
2022	213.371

Fonte: Gráfico produzido pelos autores a partir dos dados do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (2022).

Conforme mostra o quadro anterior da série histórica 2012-2021, existe um processo crescente da população

brasileira em situação de rua. Em 2019, o número era de 174.766 pessoas em tal situação, em 2020, 194.824 pessoas, em 2021, eram 158.057, contudo em 2022, segundo o Observatório das Metrópoles, mesmo sendo contabilizado fora da série dos dez anos, o número saltou para 213.371 pessoas em situação de rua.

Gráfico 1 - População em situação de rua em Fortaleza – série histórica 2012- 2021



Fonte: Gráfico produzido pelos autores a partir dos dados do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (2021).

O estudo também aponta a distribuição dessa população por região: o Sudeste concentra 62% dessa população – o estado de São Paulo abriga 40% do total do país –; o Nordeste, 15%; o Sul, 14%; o Centro-Oeste, 7%; e o Norte, 2%.

Quadro 4 - População em situação de rua no Brasil totais por região Nordeste, Ceará e Fortaleza série histórica 2012-2021

ANO	BRASIL	NORDESTE	CE	FORTALEZA	SEXO	TOTAL PERFIL SEXO	% PERFIL SEXO
2012	12.775	1.650	610	548	M	448	81,75%
2012	12.775	1.650	610	548	F	100	18,25%
2013	22.922	2.523	846	713	F	125	17,53%
2013	22.922	2.523	846	713	M	588	82,47%
2014	37.419	3.688	1.236	1.015	F	158	15,57%
2014	37.419	3.688	1.236	1.015	M	857	84,43%
2015	52.440	4.840	1.577	1.278	M	1.113	87,09%
2015	52.440	4.840	1.577	1.278	F	165	12,91%
2016	73.874	7.027	2.215	1.772	M	1.533	86,51%
2016	73.874	7.027	2.215	1.772	F	239	13,49%
2017	101.302	10.275	3.162	2.265	M	1.940	85,65%
2017	101.302	10.275	3.162	2.265	F	325	14,35%
2018	138.322	14.970	4.503	2.976	M	2.482	83.40%
2018	138.332	14.970	4.503	2.976	F	494	16,60%
2.019	174.766	20.112	5.938	3.941	M	3.265	82,85%
2.019	174.766	20.112	5.938	3.941	F	676	17,15%
2020	194.824	22.895	6.708	4.478	M	3.719	83,05%
2020	194.824	22.895	6.708	4.478	F	759	16,95%
2021	158.057	20.801	6.114	4.182	F	728	17,41%
2021	158.057	20.801	6.114	4.182	M	3.454	82,59%
2022	**213.371**						

Fonte: Quadro produzido pelos autores a partir dos dados do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (2021).

Embora o estudo aponte que a população de rua do Nordeste seja apenas de 15% do Brasil, não significa que seja um contingente formado por poucas pessoas, em 2021 existiam 20.801 em tal situação. A participação do Ceará, segundo o mesmo quadro, no mesmo período, era de 6.114 pessoas e Fortaleza possuía 4.182 homens e mulheres em situação de rua.

Quadro 5 - Pessoas desempregadas em situação de rua no município de Fortaleza – Ceará – Brasil série histórica 2012-2021

ANO	TOTAL DE DESEMPREGADOS	TOTAL DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA	% DESEMPREGADOS	MUNICÍPIO	ESTADO
2021	3.598	4.182	86,0	Fortaleza	CE
2020	3.887	4.478	86,8	Fortaleza	CE
2019	3.421	3.941	86,8	Fortaleza	CE
2018	2.622	2.976	88,1	Fortaleza	CE
2017	2.014	2.265	88,9	Fortaleza	CE
2016	1.537	1.772	86,7	Fortaleza	CE
2015	1.004	1.278	78,6	Fortaleza	CE
2014	692	1.015	68,2	Fortaleza	CE
2013	477	713	66,9	Fortaleza	CE
2012	487	548	88,9	Fortaleza	CE

Fonte: Quadro produzido pelos autores a partir dos dados do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (2021).

O perfil dessa população em Fortaleza é basicamente de desempregados, haja vista que os dados de 2021 indicam que 86,0% dessas pessoas não possuem emprego.

Quadro 6 - Idosos em situação de rua em Fortaleza série histórica 2012-2021

ANO	TOTAL	IDOSOS	% IDOSOS	MUNICÍPIO	ESTADO
2021	4.182	272	6,5%	Fortaleza	CE
2020	4.478	324	7,2%	Fortaleza	CE
2019	3.941	261	6,6%	Fortaleza	CE
2018	2.976	174	5,8%	Fortaleza	CE
2017	2.265	120	5,3%	Fortaleza	CE
2016	1.772	81	4,6%	Fortaleza	CE
2015	1.278	59	4,6%	Fortaleza	CE
2014	1.015	50	4,9%	Fortaleza	CE
2013	713	32	4,5%	Fortaleza	CE
2012	548	24	4,4%	Fortaleza	CE

Fonte: Quadro produzido pelos autores a partir dos dados do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (2021).

Quadro 7 - Crianças em situação de rua no município de Fortaleza – série histórica 2012-2021

ANO	TOTAL	CRIANÇAS	% CRIANÇAS	MUNICÍPIO	ESTADO
2021	4.182	186	4,5%	Fortaleza	CE
2020	4.478	191	4,3%	Fortaleza	CE
2019	3.941	166	4,2%	Fortaleza	CE
2018	2.976	113	3,8%	Fortaleza	CE
2017	2.265	74	3,3%	Fortaleza	CE
2016	1.772	48	2,7%	Fortaleza	CE
2015	1.278	29	2,3%	Fortaleza	CE
2014	1.015	47	4,6%	Fortaleza	CE
2013	713	43	6,0%	Fortaleza	CE
2012	548	31	5,7%	Fortaleza	CE

Fonte: Quadro produzido pelos autores a partir dos dados do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (2021).

Nas ruas de Fortaleza também se encontram pessoas idosas e crianças, no primeiro caso, 6,5% dos moradores estão em situação de rua e, no segundo, 4,5% são crianças.

Quadro 8 - Mulheres pretas e pardas em situação de rua no município de Fortaleza – Ceará série histórica 2012-2021

ANO	TOTAL DE MULHERES	PRETAS E PARDAS	% PRETAS E PARDAS EM SITUAÇÃO DE RUA	TOTAL DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA	MUNICÍPIO
2012	100	85	85,0%	548	Fortaleza
2013	125	97	77,6%	713	Fortaleza
2014	158	126	79,8%	1.015	Fortaleza
2015	165	133	80,6%	1.278	Fortaleza
2016	239	207	86,6%	1.772	Fortaleza
2017	325	291	89,5%	2.265	Fortaleza
2018	494	443	89,7%	2.976	Fortaleza
2019	676	598	88,5%	3.941	Fortaleza
2020	759	662	87,2%	4.478	Fortaleza
2021	728	618	84,9%	4.182	Fortaleza

Fonte: Quadro produzido pelos autores a partir dos dados do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua (2021).

No caso das mulheres nessa situação, a predominância é de mulheres pretas e pardas, conforme o quadro anterior, ou seja: 84,9% das mulheres possuem esse perfil.

Fortaleza está dividida em 121 bairros, com grande diversidade e desigualdade entre eles. Existem os que possuem comércio intenso, os que se caracterizam pelas unidades residenciais – conjuntos habitacionais – os que correspondem às favelas, às ocupações, e aos loteamentos populares com infraestrutura precária. Nesse contexto de cidade, a pandemia aprofundou as desigualdades e fez aumentar todas as questões sociais.

Os moradores da periferia, além do convívio com os óbitos, internações e adoecimentos por covid-19, tiveram que conviver com o colapso dos equipamentos de saúde, o desemprego, a falta de renda, a pobreza, a fome. Aliada a diminuição da renda com o desemprego, os cortes nos salários e impedimento do exercício de comércio formal ou informal, a permanência das pessoas em casa aumentou muito os gastos domésticos.

O Observatório das Metrópoles também publicou uma pesquisa – A COVID-19 NAS PERIFERIAS DE FORTALEZA – sobre populações de rua e nas suas considerações finais apresenta um quadro de recomendações relacionadas às situações de violação de direitos que foram detectadas nas respostas aos questionários, bem como a atuação das entidades junto às comunidades e movimentos nesse contexto da pandemia.

O texto se refere ao DIREITO À MORADIA, como parte do rol de direitos sociais garantidos no art. 6º da Constituição Federal de 1988; o DIREITO AO SANEAMENTO BÁSICO e o conjunto dos serviços: infraestrutura e instalações operacionais de abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana, drenagem urbana, manejos de resíduos sólidos e de águas pluviais; o DIREITO À ÁGUA limpa e segura como um direito humano essencial para a garantia do direito à vida e dos demais direitos humanos; a SEGURANÇA PÚBLICA como direito social que deve ser concretizado pelo Estado para garantir que todos possam viver dignamente com plena liberdade de ir e vir, salvaguardando os direitos relacionados à integridade física, psíquica e moral; o ACESSO À INFORMAÇÃO para manter a população bem informada por meios oficiais; a redução da SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE DA MULHER combatendo a violência doméstica e familiar contra a mulher e os DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE que historicamente são mais vulneráveis e impactados por situações de negligência em contextos de vulnerabilidade.

6

“Viver na rua”: a percepção de quem se encontra em situação de rua

O Direito à Cidade, conforme evidenciado, é um direito humano e coletivo que deve ser garantido tanto a quem nela vive hoje quanto às próximas gerações, devendo ser assegurado a todos do território.

> [...] se manifesta como a forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade (LEFEBVRE, 2008, p. 134).

No entanto, existe um abismo social que separa as cidades e coloca indivíduos em condições de exclusão. Nesse aspecto, a pessoa em situação de rua é a expressão mais forte dessa segregação social, haja vista que a sua marginalização não é apenas dos modos de produção, mas principalmente da condição humana, dos direitos e do estigma que passa a carregar.

O termo situação de rua, conforme vem sendo demonstrado, reflete as condições de fragilidade, incerteza,

provisoriedade e precariedade nas quais vivem indivíduos e grupos sem-lugar que, regra geral, não utilizam moradia convencional regular (Nonato, Raiol, 2016). À tal situação, são atribuídas representações sociais depreciativas e pejorativas que acabam por construir uma "identidade" marginal e estabelecer um olhar estigmatizante sobre os indivíduos e grupos em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Dessa forma, pensar a cidade e a relação com os que nela habitam é refletir sobre políticas inclusivas que possibilitem o usufruto do espaço urbano para todos os seus habitantes, principalmente, tornando as cidades mais justas, humanas, democráticas e com condições dignas de vida.

Nesse aspecto, procuramos a partir da fala dos entrevistados, compreender os motivos pelos quais a rua passou a ser o seu espaço de moradia e convívio social, haja vista que no Centro de Fortaleza, as pessoas em situação de rua enfrentam uma série de desafios diários. Um dos maiores desafios é encontrar um lugar seguro para dormir. Muitas pessoas em situação de rua acabam dormindo em calçadas, parques ou até mesmo embaixo de viadutos. Esses lugares não oferecem proteção contra o frio, a chuva ou outros perigos, como assaltos ou violência.

6.1 Características dos grupos focais

O primeiro momento da pesquisa qualitativa foi identificar, junto aos órgãos e coletivos que desenvolvem alguma atividade com população em situação rua, pessoas que já tinham vivenciado a experiência da rua para contribuir na discussão dos temas orientadores. O Grupo foi denominado de Pessoas em Situação Superação de Rua pelo fato dos participantes se encontrarem, já há algum tempo, vivendo em residência própria ou de aluguel social. A reunião foi realizada na sede do Coletivo Arruaça que é referência para essa população, pois desenvolve, há mais cinco anos, atividades de arte, cultura e educação. Esse grupo também articulou, durante a pandemia, em

conjunto com outros coletivos, várias ações importantes para garantir alimento e atendimento médico.

Imagem 10 – Participantes do grupo focal com pessoas em superação de rua

Fonte: Documento fotográfico do projeto maio de 2022.

Quadro 9–Participantes do grupo focal com pessoas em superação de rua

PARTICIPANTE DO GRUPO	GÊNERO	SITUAÇÃO
Participante 1	Homem	Passou dois anos em situação de rua e está há quatro anos em superação de rua.
Participante 2	Mulher trans	Passou um ano em situação de rua e está há dois anos em superação de rua.
Participante 3	Mulher	Passou seis anos em situação de rua e está há cinco anos em superação de rua.
Participante 4	Mulher	Passou seis anos em situação de rua e está há cinco em superação de rua.
Participante 5	Homem	Passou quatro anos em situação de rua permanente e está há dois anos em superação de rua.
Participante 6	Homem	Passou quinze anos em situação de rua permanente e está há cinco anos em superação de rua.
Participante 7	Mulher trans	Passou sete anos em situação de rua permanente e está há quatro anos em superação de rua.

Fonte: Quadro produzido pelos autores.

O segundo grupo focal foi realizado na sede do Grupo Espírita Casa da Sopa, entidade da sociedade sem fins lucrativos que há 25 anos atua no campo da assistência social, promoção da saúde e defesa dos direitos da população em situação de rua na cidade de Fortaleza-CE. A entidade distribui sopas nas ruas da cidade e atende na sua sede para banho e distribuição de alimentos e roupas. Recentemente a Casa Sopa iniciou o projeto educacional Escola Mandacaru que objetiva o letramento de pessoas em situação de rua em Fortaleza.

Quadro 10 – Participantes do Grupo Focal com Pessoas em Situação de Rua (Casa da Sopa)

PARTICIPANTE DO GRUPO	GÊNERO	SITUAÇÃO
Participante 1	Mulher (30 anos)	Passou dois meses em situação de rua, em seguida, conseguiu um aluguel social.
Participante 2	Mulher (61 anos)	Passou quatro anos em situação de rua e está há dois anos e nove meses em superação de rua. Conseguiu um aluguel social.
Participante 3	Mulher Trans (43 anos)	Passou um ano em situação de rua. Ganhou uma casa da mãe, mas continua na rua para ganhar o sustento e pagar as contas de água e luz.
Participante 4	Mulher (32 anos)	Nunca viveu em situação de rua porque utiliza o que ganha no Bolsa Família para pagar um quarto, mas é na rua que tira o seu sustento. Não recebe aluguel social.
Participante 5	Mulher (45 anos)	Passou trinta e seis anos em situação de rua e está há quatro anos em superação de rua. Recebe o aluguel social.
Participante 6	Mulher (26 anos)	Passou quinze anos em situação de rua permanente e está há cinco anos em superação de rua.

Fonte: Quadro produzido pelos autores.

O terceiro grupo focal foi realizado no Centro de Referência Especializado para a População em Situação Rua (Centro Pop), localizado no Bairro Benfica. Esse é um equipamento da Prefeitura de Fortaleza ligado à Secretaria dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SDHDS) e que realiza atendimento socioassistencial às pessoas em situação de rua. O equipamento oferece acesso gratuito aos serviços de atendimento técnico individual, psicossocial, orientação jurídica, encaminhamentos à rede socioassistencial, Cadastro Único para programas sociais e demais políticas públicas. Também é disponibilizado serviço básico de alimentação e higiene pessoal, além de lavagem de roupas e entrega de kits de higiene pessoal.

Imagem 11 – Participantes do grupo focal com pessoas em situação de rua (Centro POP do Benfica)

Fonte: Documento fotográfico do projeto maio de 2022.

Quadro 11–Participantes do grupo focal com pessoas em situação de rua (Centro POP do Benfica)

PARTICIPANTE DO GRUPO	GÊNERO	SITUAÇÃO
Participante 1	Mulher (39 anos)	Está há sete meses em situação de rua.
Participante 2	Homem (33 anos)	Está há três anos em situação de rua.
Participante 3	Homem (52 anos)	Está há vinte e dois anos em situação de rua. Tem o histórico de idas e vindas.
Participante 4	Homem (34 anos)	Está há quatro anos em situação de rua. É de Minas Gerais e tinha chegado em Fortaleza fazia um dia. Saiu de Minas e foi para Pinheiro, depois para São Luís no Maranhão até chegar em Fortaleza. Tem o histórico de idas e vindas.
Participante 5	Homem (37 anos)	Morou oito anos na rua e estava há três anos fora das ruas, mas retornou por problemas familiares.
Participante 6	Homem (31 anos)	Está há dez anos em situação de rua. Tem o histórico de idas e vindas.
Participante 7	Mulher (33 anos)	Está há três anos em situação de rua.
Participante 8	Homem (30 anos)	Está há nove meses em situação de rua.
Participante 9	Mulher (22 anos)	Está há seis anos em situação de rua.
Participante 10	Homem (49 anos)	Está há seis anos em situação de rua. Tem um histórico de prisão e internação em clínicas de reabilitação.
Participante 11	Homem (54 anos)	Está há dez anos em situação de rua. Tem um histórico de internação em clínicas de reabilitação.
Participante 12	Homem (63 anos)	Está há vinte anos em situação de rua.

Fonte: Quadro produzido pelos autores.

O quarto grupo focal foi realizado na Pastoral do Povo da Rua que desenvolve ações junto à população de rua e catadores de materiais recicláveis com o objetivo de dar visibilidade às questões referentes a população da rua. Atua desde 2002 realizando atividades nas ruas, praças, viadutos e comunidades de Fortaleza, denunciando ações violentas e discriminatórias e apoiando a articulação e organização da população de rua e catadores de material reciclável. Os participantes desse grupo, na sua maioria, receberam uma casa do projeto da Prefeitura de Fortaleza.

Imagem 12 – Participantes do grupo focal com pessoas em situação de rua (Pastoral do Povo da Rua)

Fonte: Documento fotográfico do projeto maio de 2022.

Quadro 12 – Participantes do grupo focal com pessoas em situação de rua (Pastoral do Povo da Rua)

PARTICIPANTE DO GRUPO	GÊNERO	SITUAÇÃO
Participante 1	Mulher (26 anos)	Passou dois anos em situação de rua e está há quatro anos em superação de rua.
Participante 2	Homem (33 anos)	Passou vinte anos em situação de rua. Com muitas idas e vindas.
Participante 3	Homem (41 anos)	Passou vinte e dois anos em situação de rua. Tem o histórico de idas e vindas.
Participante 4	Homem (34 anos)	Passou oito anos em situação de rua e há quatro meses recebeu a casa.
Participante 5	Mulher (37 anos)	Passou dez anos em situação de rua e há quatro meses está morando de aluguel social.
Participante 6	Homem (31 anos)	Passou um ano em situação de rua e há quatro anos recebeu a casa.
Participante 7	Homem (32 anos)	Passou dezesseis anos em situação de rua e há quatro anos em superação de rua.
Participante 8	Mulher (42 anos)	Passou vinte anos em situação de rua e há cinco anos em superação de rua. Recebeu apartamento e foi expulsa pela facção.
Participante 9	Mulher (35 anos)	Passou dez anos em situação de rua e há quatro anos em superação de rua.
Participante 10	Homem (40 anos)	Passou três anos em situação de rua e há seis meses em superação de rua.

Fonte: Quadro produzido pelos autores.

Além dos grupos focais descriminados acima foram realizadas entrevistas com dois grupos focais na Praça do Ferreira, um grupo focal na Central Única das Favelas (CUFA/CE) com lideranças das favelas de Fortaleza na sede. Também tiveram entrevistas na Associação de Assistência Social Catarina Labouré/Recanto do Sagrado Coração, mais conhecida como casa Irmã Inês, devido ao fato da referida irmã ser uma referência na defesa dos direitos da população em situação de rua. Foi também realizada uma entrevista em profundidade para registrar o relato de vida de uma pessoa em situação de rua.

Imagem 13 – Participantes do grupo focal com pessoas em situação de rua (Praça do Ferreira)

Fonte: Documento fotográfico do projeto maio de 2022.

6.2 Motivos de morar na rua

Os motivos que levam as pessoas a se submeterem a viver na rua são os mais diversos. No primeiro momento, poderia se pensar em razões pessoais, ou individuais, mas o que se percebe na fala daqueles que participaram dos grupos focais é que as algumas trajetórias se fazem a partir de elementos que, de alguma forma, se entrelaçam e abarcam um conjunto de circunstâncias favoráveis à ida dessas pessoas para a rua: a drogadição, a relação conflituosa com a família e as condições financeiras.

> No meu caso foi assim, eu deixei minha vida social, profissional, tá entendendo... fiquei totalmente doente pela, pela droga. Então assim.. eu fui pra rua pra encarar. Eu fui praticamente sem medo... tá entendendo... porque eu já tinha uma profissão. Mas assim eu tive a sorte de Deus de encontrar pessoas boas que me ajudaram. Mas assim eu passei toda a situação, tá entendendo, de qualquer morador de rua. Mas o que me fez encarar foi a coragem de poder encarar o mundo, dizer assim, eu vou conseguir o que eu quero, o objetivo era a droga. E consegui, fui resgatada, minha sorte foi essa.
>
> GF CASA DA SOPA

Tenho 49 anos. Vivo há mais de 5 anos de rua, prisão, clínica, rua. E, às vezes, dá certo ficar em casa, às vezes, não dá certo, aí a gente volta para a rua é mais tranquilo, não arranjo intriga, aí dessa forma já estou com 6 anos.

GF CENTRO POP

Eu tenho 43 anos, eu sou cabeleireira há 22 anos, trabalhei durante 10 anos e pouco numa empresa. E, quando eu saí, eu fui direto para a rua, porque eu sou dependente químico. Então, morei durante um ano, aí minha família me resgatou. Aí eu ganhei uma casa da minha mãe, tá entendendo? Mas eu sou só um pouco em situação de rua, porque ela só me deu a casa, água e luz e o meu sustento eu me viro. Eu não trabalho, tá entendendo. Recentemente, recebo o meu auxílio. Então, assim eu me mantenho só, me mantenho de pé e tudo às custas da rua, tá entendendo. Mas assim, habitação e tudo eu tenho. Então assim, eu morei na rua durante um ano. Eu sei como é que é a situação.

GF CASA DA SOPA

Depressão, drogadição, abandono de família, tudo influi. Porque, às vezes, pessoas têm famílias, mas elas não ajudam os seus. Enfim tem muitas coisas, é assim uma... como é que eu digo? É uma questão psicológica no seu estado emocional. É uma questão assim porque graças a Deus, hoje, tem uma unidade dessa que alimenta e que dá banho, certo, resolve problema de documento. E de hoje, nós temos a pousada social, mas o nosso tempo desde que era há mais de oito anos atrás, dez anos, quando eu saí na rua foi por causa... foi por causa de droga, a minha família me abandonou, porque a minha família não tava preparada psicologicamente para tratar de um filho adicto, viciado. Eu entendo a minha família, entendeu.

GF CENTRO POP

Irmão é o seguinte, o meu caso é bem diferente. Lar conturbado, fui abusado sexual quando eu era criança. Foram

três vezes, seis ou eram sete anos até os oito anos de idade. Era um lar desestruturado psicologicamente. Amiga, o lar era perturbado, a vida era ruim, não tinha um amigo, não tinha uma amiga, [inaudível] fazia da minha forma, escrava, na drogadição, Minha mãe acaboudando a minha irmã e eu fiquei sendo rebolado de um lado a outro. Minha mãe não queria me criar, o pessoal me espancava. Nesses abusos, eu fui crescendo com aquela coisa dentro de mim, uma coisa na cabeça, mas ninguém me entendia, eu só vivia gritando. Eu queria cercear aquilo ali. Quando eu conheci as drogas, eu conheci as drogas muito pequeno (...) Aí comecei a anestesiar nas drogas: psicotrópico, a bebida, o cigarro de maconha, o crack, o solvente. Fui me aprofundando, num instante chegou a um ponto, 17 anos eu já tava.

GF CENTRO POP

Eu conheci a rua em 2017. Meu marido me largou, porque ele não me aguentou porque eu era usuária, aí eu fiquei por aí, doida.

GF CASA DA SOPA

Pois é, eu tenho quatro filhos, meu marido era usuário e eu também me aviciei no crack junto com ele. Ela aqui (a filha) foi uma que me denunciou pro Conselho Tutelar, não foi? Aí eu fui parar na rua. Às vezes, as pessoas têm gente na rua que têm a família boa que tem condição, mas a família não quer. A família não quer usuário de drogas no meio da família deles. Porque a gente fica o quê, a gente fica à mercê das drogas e a família da gente vira as costas para gente.

GF PASTORAL DO POVO DA RUA

Como eu cheguei na rua? Por quê? O motivo? A razão? As circunstâncias que eu tô aqui. Rapaz, primeiramente sem-vergonhice, essa foi a chave de tudo: Rebeldia. Comecei a fugir de casa com 7 anos de idade, aos meus 8

anos de idade conheci a cola, aí continuei na rua por conta da cola; minha mãe buscava, eu fugia de novo; aí conheci o loló, aí veio ripinol, aranha e pedra. (...) Aí fiquei mais viciado ainda e fui me distanciando da minha mãe, do meu canto, do meu lar, do meu conforto para viver na rua. Porque eu quando eu era pequeno eu dizia assim: Rapaz, na rua eu faço o que eu quero, vou dormir na hora que eu quero, em casa não, minha mãe me bota para dormir. Essa tal Liberdade que eu pensava que era bom... aí eu fiquei na rua, na rua 20 anos.

GF IRMÃ INÊS

Foi quando eu perdi meu marido, quando ele botou fogo na minha casa, perdi tudo. Tô com 2 anos que eu tô na rua.

Eu, foi família. Fui criada com uma família, mas morreram tudinho. Tenho 2 filhos, um casal. Eles são casados, moram na casa deles e eu continuei vivendo na rua. Me separei do meu marido, ele só vivia me maltratando aí eu deixei ele.

GF IRMÃ INÊS

O agravamento da crise financeira do país, os efeitos da pandemia e a falta de políticas públicas voltadas para o enfrentamento da pobreza também contribuíram para a inserção de índividuos e famílias na condição de rua.

Já tem quase 3 anos (...) minha avó faleceu, eu cuidava dela quando ela tava doente, por isso eu parei os meus estudos, para cuidar dela. Fiquei cuidando dela, até ela falecer. Aí não teve mais como eu morar de aluguel porque era ela que pagava.

GF CENTRO POP

Problema financeiro, falta de trabalho, oportunidade de trabalho, tem isso também, [falta de] capacitação na área de trabalho

GF CENTRO POP

A rua para mim, no momento, tá sendo a segunda minha casa, porque eu tava na minha casa mesmo. Toda vida que eu saio de casa eu fico na rua. É lá onde eu tenho uma dormida, enquanto eu me estabeleço. Eu trabalho vendendo água só que no inverno, não tem como vender. Se tivesse fazendo sol todo dia eu já tava com um dinheiro para pagar um kitnet e para comprar o meu material.

GF CENTRO POP

A situação financeira das pessoas. Ás vezes a pessoa está trabalhando, perde o emprego e não tem condições financeiras de pagar o aluguel, de comer, não tem o apoio de ninguém, aí isso que leva.

GF CASA DA SOPA

Mas também aumentou muito a população de rua, por causa da comida. Porque tem muita gente que não mora em rua, está saindo das suas casas para pegar alimentação para pegar... para pegar comida e pegar alguma coisa.

GF CASA DA SOPA

Alguns aposentados, tem muita gente aposentada, que tem condições de sobreviver não, não.

GF CASA DA SOPA

(...) eu venho da Argentina, estou aqui há 14 meses, mas só 5 meses na rua. Eu vim aqui procurando trabalho, mas tive um problema com minha documentação, com a minha embaixada e não consegui os papéis. Meu último trabalho na Argentina era motorista de táxi, porque eu sei inglês, estudei pra ensinar inglês, mas trabalhava de motorista. Eu estou recebendo assistência lá onde eu estou não é muito cômodo (não sei como se fala em português) eu estou na pousada. Eu estou agradecido por estar na pousada; tem banheiros, é digna, mas tem que comparti-

> lhar o banheiro com muita gente, mas prefiro isso do que estar na rua, entende? Na rua não tenho banheiro e aí muita gente gosta de ajudar, mas também tem gente que não quer.
>
> GF IRMÃ INÊS

Para quem já vive nessas condições há muito tempo e milita na política e/ou no movimento da população em situação de rua, outro elemento tem se tornado recorrente dentre os fatores que levam as pessoas a continuarem na rua. Trata-se da condição de egressos do sistema prisional, ou até mesmo do sistema socioeducativo, em se tratando de adolescentes. A guerra por territórios impetrada pelas facções e a falta de políticas públicas tem agravado, em muito, essa condição de ressocialização dos egressos.

> Na rua acontece dois caminhos, aliás, tem três caminhos na rua: é o caminho dos vínculos rompidos, dos problemas familiares, é o caminho dos egressos que não pode voltar para a comunidade a qual ele pertencia, porque lá no sistema, ele foi preso por outras pessoas que são contrária aquela comunidade que ele pertencia e eles marcam um encontro na praça. Quando ele sai da cadeia ele não pode ir, aí fulano fala: olha, vai para a Praça do Ferreira, vai para a Praça da Parangaba. Aí, então se torna um caminho entre a cadeia, entre a comunidade, que é as regras que tem dentro da comunidade e as regras que têm dentro da cadeia e os vínculos que foram rompidos. Aí a pessoa sai de casa porque muitas vezes não consegue obedecer regras e na rua ela é obrigada a obedecer essas regras.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

A dinâmica da rua também propicia um certo atrativo para alguns. Apesar de que os conflitos familiares e o uso contínuo e abusivo das drogas serem as principais portas de entrada para a situação de rua, a permanência dessas pessoas nesta condição se deve, na visão dos entrevistados, pela sensação de liberdade que a rua oferece.

No entanto, os mesmos, reconhecem que essa é uma falsa impressão, haja vista que quando confrontada com a realidade da violência, do medo e de todas as dificuldades que uma pessoa nessas condições tem que enfrentar, essa "liberdade" acaba por se tornar uma prisão sem grades.

> Eu acho que não são nem motivos, são consequências e que traz a maioria das pessoas para a rua. Consequência de algumas decisões, de alguns caminhos errados e também essa falta de liberdade. Porque a rua ela tem uma liberdade que ela escraviza.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Quando você vem e você chega tudo é bom, mas depois de um certo tempo, essa liberdade tem um preço, ela se torna uma prisão. Ela vicia.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> E é uma prisão sem grade, escravizado nesse sistema. É por isso que é tão fácil a pessoa que já teve na rua voltar de novo para rua.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> A gente vira refém da própria liberdade, porque como o rapaz falou e o outro rapaz também falou é que muitos caem na rua por querer, por ter aquela sede de liberdade. Só que quando chega na rua se frustra, quebram a cara, porque não é bem assim.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Eu só tomo cachaça. Eu não... eu não uso droga por causa da minha habilitação que eu não vou perder, eu faço exame toxicológico.
>
> GF PRAÇA DO FERREIRA

6.3 As relações sociais da rua

Elaborar um diagnóstico sobre a situação de rua não só implica em descrever as razões pelas quais essas pessoas estão nessa condição, como também, indagar sobre as consequências de tal decisão. A rua tem suas regras e quem nela se dispõe a ficar deve aprender, desde o primeiro momento, que a melhor forma de sobreviver é seguir o que determinam tais normas.

> Aparentemente, parece que na rua tudo é livre, que é tudo bagunçado, mas na rua é o lugar que mais tem regra, principalmente numa praça. Se você for morar numa praça, você vai ter que seguir muitas regras daquele povo que tá naquela praça, é um sistema próprio. É um desgoverno, é um sub-governo, não sei. É um sistema de governança que existe em cada território.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Esse espaço aparentemente caótico da rua se revela um sistema integrado que age sobre aqueles que nela permanecem. As praças, bem como, os lugares de costume para dormir, comer, fazer a higiene ou até mesmo receber donativos passam a ser do domínio de grupos ou indivíduos que criam suas próprias normas, leis e que agem com força coercitiva para manter essa ordem.

> Apesar de haver, mas não é nem isso aí, eles levam muito a sério negócio de olhar para a mulher do outro, coisa desse tipo, entendeu?
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Mexer com criança ou coisa assim.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Negócio de dívidas também, entendeu?
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Desrespeitar os irmãos que fazem caridade. Essa é uma regra que é quase mortal na rua. Se você desrespeitar um irmão, ou alguém que venha fazer uma caridade, alguém que tá fazendo um trabalho, entendeu? Roubar, roubar em cima da praça não é permitido. Ser roubado dentro da praça qualquer coisa que seja, uma caixa de fósforo, a sentença é meio complicada.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Alguns desses pontos acima destacados como condutas proibidas são submetidos a severas punições.

> E se é muito grave ele é espirrado dessa esfera aqui. Eu já cansei de ver, meu Deus do céu, é muito grave. Porque existe um julgamento, as regras não são escritas, não é assim: ei aconteceu isso, ei, cuidado com aquilo, e assim vai aprendendo, que é regra de cadeia, quem passou pela cadeia sabe muito bem. Normalmente, quem é mais velho, papudinho, não sabe, foi preso na verde, não passou pela cadeia. Então vai apanhando assim. Uma vez eu estava com zíper aberto, aí alguém falou: Ei tá vacilando. Será? O que é isso? Aí alguém falou: ei irmão, o zíper tá aberto.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Para os entrevistados essa situação é o reflexo de cidade dominada por grupos ou facções que se aproveitam da vulnerabilidade daqueles que por algum motivo estão em situação de rua. Utilizam a coerção para extorquir e criar normas e regras que regulam a vidas das pessoas. Até os benefícios sociais que muitas vezes o poder público destina a essa população serve como meio de coerção.

> E essa minoria se esconde na grande massa que é a população de rua. E muitos deles, até casa tem. Vem para a rua como forma de domínio, de marcar territórios e criar domínios. Ele sai da cadeia passa dois, três meses na rua, aí já ganha uma posição ali na praça, ele já

> começa a extorquir o povo porque é uma coisa triste, mas acontece, a população de rua é como se fosse um gado, entendeu? Ali é extorquido seu aluguel, é extorquido o seu auxílio, nem vou falar em isso aí de liberdade porque a gente tá aqui, mas eu não posso falar isso nem no meio da rua porque eu posso morrer. É por essas palavras, mas ali cria uma dependência. Aquelas pessoas que tão na praça pertencem àquele fulano ali: o cartão entrega na mão dele, se ele emprestasse R$10, é por R$20, se emprestar R$50 é por R$100, se for R$100 é por R$200 e o cara não pode pegar com outra pessoa, se torna ali um refém. Ele vive daquele negócio. Aquilo que a gente vê na Cracolândia em São Paulo é verdade, a maioria daquelas pessoas são refém, são refém desses grupos. Então, o que a gente sente falta na rua é do resgate, na realidade, essas pessoas precisam ser resgatadas do meio da rua, porque elas sozinhas ela não vai dar conta porque ela tá presa dentro daquele sistema.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

É preciso, no entanto, compreender que existe uma diferença entre esses grupos ou indivíduos que se utilizam da coação como forma de impor um domínio no espaço público e da grande maioria das pessoas em situação de rua. Isso fica bem claro na fala dos entrevistados.

> É porque existe uma diferença entre estar na rua, ser da rua e passar pela rua tem uma diferençazinha assim. Um morador de rua assim, como o outro rapaz, é manso cara, entendeu? Ele usa o [pausa]... ele usa a droga dele, a bebida dele, ele é Tranquilino, ele pede, entendeu, ele nem rouba nem nada porque ele tá exposto, ele tem uma vida exposta, todo mundo sabe o que o cara faz. Quem tá passando na rua lá do bairro, da cadeia, é que quer organizar a bagunça e que exploram os outros (...). Morador de rua seco ele não rouba, ele é tranquilo, ele tem um de pedir, ele faz os corre dele, tá passando ali e todo mundo conhece

sabe quem é quem, porque a vida da rua é uma vida pública, todo mundo sabe o que faz e o que deixa de fazer.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

6.4 Os perigos da rua

Dentre os perigos levantados pelos entrevistados, o mais recorrente é o assédio e a violência sexual sofrida por mulheres e pessoas trans.

Tem dois: um primeiro é dormir e o outro segundo é acordar [risos dos outros participantes]. A gente vive o perigo constante na rua.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Eu já sofri muito na rua (...) Eu já tive de acordar com um rapaz desatando o nó da minha blusa, beijando a minha boca. Isso foi logo quando eu cheguei, com uns dois meses (...) Quando eu acordei, eu olhei, e era pessoa que era meu amigo, que tava ali do meu lado, que eu ajudei amostrando onde era que tinha comida e tudo. Então não era uma pessoa desconhecida, era uma pessoa do meu lado. Então, é assim você não sabe quem é quem.

GF CENTRO POP

Eu tinha 15 anos. Meu pai me deu, me deu, me vendeu pra essa pessoa que ele era mais velho do que eu. Ele já tinha 2 filhos. Ele me levou pra a ponte e pronto. Quando eu vejo falar em estupro eu tenho pavor. Eu tenho pavor a altura. Eu fui estuprada com 15 anos.

GF CASA DA SOPA

Eu sempre tive medo. Eu passei os 9 meses grávida dela na rua, mas eu só cochilava. Eu ia trabalhar, assim na rua. Aí eu pagava um hotel para mim dormir.

GF CASA DA SOPA

Mas eu não dormia. Eu ficava com um olho direto abrindo e fechando. E quando era pra gente lá encostado na parede, botava uns paninhos nela (na criança), não mas não presta não, nenhum canto é bom no meio da rua.

GF CASA DA SOPA

E fora isso também tem o assédio e a violência contra as mulheres e com as mulheres trans também, inclusive, eu sofri várias violências enquanto dormia.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Eu pedi muito a Deus pra mim sair da rua, porque não tava mais aguentando. Minha filha ia sofrendo um abuso, a mais nova. Eu pedi a pessoa para vigiar, eu confiei na pessoa. A pessoa pegou disse assim: pode dormir com a sua filha que eu fico lhe pastorando lá do outro lado da Praça, não chego nem perto de você. Quando eu for dormir, você vai e me pastora e também pode ficar do outro lado, eu confiei. Acabei cochilando de tanto sono, né, enrolei só ela com uma toalha. Quando eu acordo, de repente, eu vejo um negócio no meu colchão e não mexeu em mim que eu não senti, só senti um negócio mexendo. Quando eu olhei era o rapaz que tava deitado assim praticamente perto da minha filha, quando eu levantei a cabeça que ele me viu, ele deitou a cabeça bem rápido. Eu me levantei toda me tremendo, sem consegui falar com ninguém. A maioria das pessoas estava dormindo, com medo de falar e rolar sei lá, uma morte, eu não queria que ninguém morresse por conta disso, mas foi muito difícil, entendeu, para mim.

GF PASTORAL DO POVO DA RUA

Sabe o que aconteceu com meu filho? Porque, que eu vou sairda rua e não desejo mais voltar, porque Deus me deu um livramento, foi o meu filho. Eu tenho um filho de 25 anos, que ele é homossexual. Ele trabalha, ele vinha do trabalho e aí foi sair com uns amigos (..) Um caras pegaram ele. Estavam num carro. Pegaram ele num sábado de

madrugada e vieram soltar ele no domingo. Sabe foi o que fizeram? Estupraram o meu filho com um cabo de vassoura. Ele chegou em casa todo ensanguentado. Passei ainda três dias no IJF (hospital) com ele. Ele saiu na noite de Natal. Que Deus é maravilhoso, que Deus viu o sofrimento dele. Deus, deu um livramento a ele, porque não perfurou por dentro, não pegou o intestino, as tripas. Foi a salvação dele foi essa. Mas ele sofreu tanto, o bichinho, ele sofreu.

GF CASA DA SOPA

A violência sofrida por essas mulheres e pessoas trans é tão grande que elas só estão de alguma forma resguarda quando acompanhadas por parceiro. O respeito acaba por se impor pela lei de que não se deve "mexer" com a mulher dos outros e dessa forma, aquelas que estão solteiras ou de sem companheiros viram alvo fácil de todos os tipos de abusos.

É que eu não sou mulher, eu não tenho lugar de fala, mas pelo que eu observei, a mulher normalmente, ela não consegue ficar sozinha na rua, não consegue ficar tranquila. (...) Sempre tem que ter alguém. (...) na rua tem que ter um companheiro, alguém. As mulheres solteiras é assediadas o tempo inteiro. Não pode ser solteira e morar sozinha, entende? Não consegue.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

E quando ela disse não, sabe, quando ela diz que ela não quer se relacionar, ela é ameaçada ou até muitas vezes, é violentada. No meu caso, assim no meu caso, me apeguei ao meu companheiro. Eu fiquei com ele não foi com medo da rua, não foi com medo de ninguém vir para cima de mim fazer massacre, não.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

O adoecimento físico e mental também faz parte da rotina das pessoas em situação de rua. Muitos são os relatos de uma tristeza profunda, angústia e medo que essas pessoas vivenciam. A noite é sempre o pior momento, não só pelos perigos acima relatados, mas também, devido ao fato que nesse turno o medo fica mais presente, todas as sensações mais intensas.

> E dá medo, e dá desgosto. Uma angústia. Quando chega a noite é mais. A noite é mais triste você fica pensando. Durante o dia não, você sai anda, quando chega a noite... Dá uma tristeza. A noitinha é muito frio.
>
> GF CASA DA SOPA

> O pior é a fome, porque a noite não tem que comer muitas vezes.
>
> GF CASA DA SOPA

> Nem todo mundo é amigo. Eles fingem que são amigos (...) Eu tava na rua e não estava mais usando droga, mas as pessoas insistiam (...) Eu passei uma semana morando na rua. Foi muito triste, que eu não dormia, a bichinha (a filha) se coçava, era mosquito e eu chorava tanto. Aí as pessoas ficava perto de mim, só falando em droga, em droga, em droga, para mim cair em tentação, mas até hoje eu nunca mais caí.
>
> GF CASA DA SOPA

> Foi na pousada que eu peguei a meningite, que me levou o estado que eu estou hoje no meu braço, foi na pousada social.
>
> GF CASA DA SOPA

> Era melhor dormir na rua do que naquela pousada. Eu dormi lá, pernoite. Eu peguei só piolho, no meu cabelo.
>
> GF CASA DA SOPA

> Agora que eu tenho medo mesmo, porque tá tão perigoso. Está muito perigoso, porque estão matando o pessoal dor-

mindo, sem fazer nada, estão tocando fogo nas pessoas.

GF CASA DA SOPA

Porque antes, antes não tinha negócio de facção. Não tinha muita droga, como tem agora.

GF CASA DA SOPA

Olha, e principalmente, porque cada dia que passa a facção ela está avançando no mundo. Estão tomando de conta do mundo. Olha é assim que eles fazem, quer ficar aqui? Tem que ser assim. É assim todos os dias e quando eu ando por aí, todo dia é uma novidade. Por isso que nem ligo mais, eu vou à luta, saio na rua, faço isso e faço aquilo. Vendo uma coisa, vendo outra. Eu vou para poder ganhar o pão de cada dia dessa criança. Porque não tem condição de eu estar 24 horas no meio da rua, atrás de comida. Ela precisa de roupa, fralda e remédio. Então agora, eu tô vendendo a minhas coisas. Arranjei uma pessoa para me ajudar. Eu arranjei uma pessoa para me ajudar porque eu precisava. Aí ele me ajuda, então eu estou vendendo umas besteirinhas, porque você está 24 horas, com essa inocente correndo atrás comida, minha amiga, é triste.

GF CASA DA SOPA

(..) aqui (na rua) é muito ruim. Tem os que rouba até o papelão quanto mais o celular.

GF PRAÇA DO FERREIRA

6.5 A distribuição espacial da população em situação de rua em Fortaleza

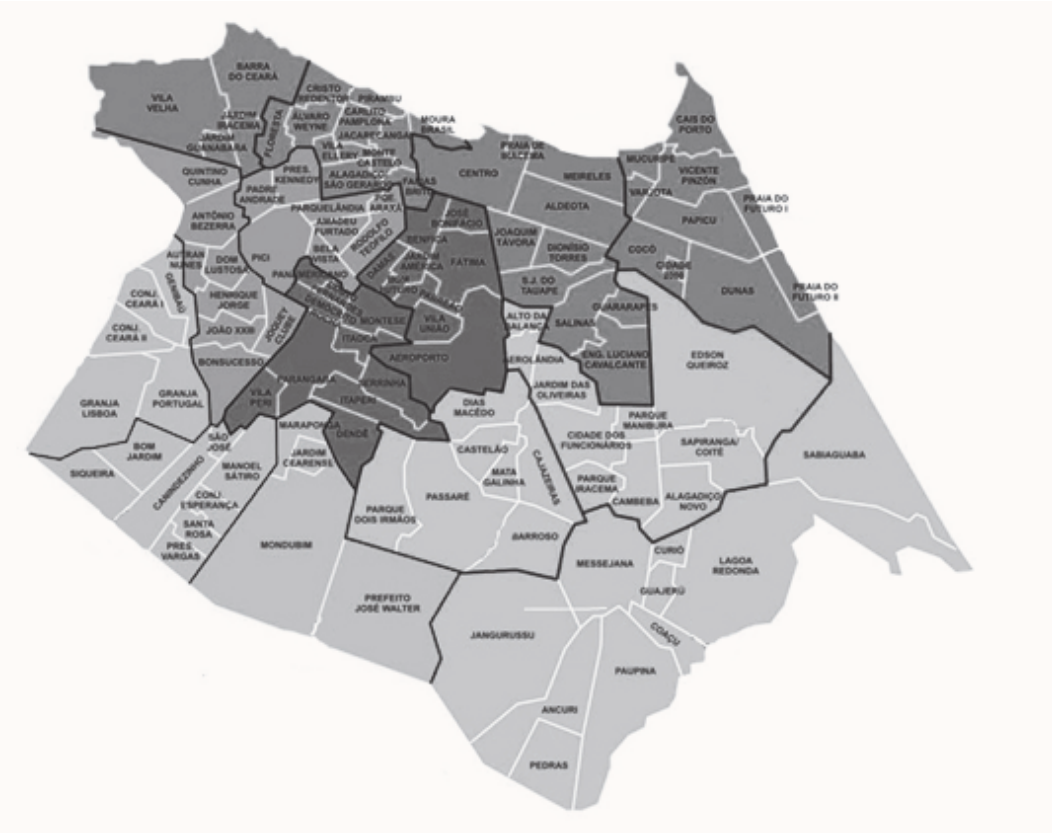
Fortaleza apresenta suas desigualdades nos assentamentos urbanos precários e na forma como se distribuem pelos seus bairros.

Conforme os dados de 2013, apresentados no Plano Local Habitacional de Interesse Social de Fortaleza

(PLHISFor), o percentual de pessoas vivendo oficialmente em condições precárias totaliza 44% dos moradores.

No mapa da cidade, 19 bairros possuem mais de 80% da sua população vivendo em assentamentos urbanos precários, áreas que são denominadas como bairro-favela. Deste conjunto, 14 possuem mais de 90% de sua população nesta condição. Nove bairros com maior concentração de população em favelas são litorâneos, ocupando dunas e faixas de praia em núcleos com altíssima densidade e de maneira conflituosa.

Imagem 14 – Mapa da cidade de Fortaleza



Fonte: Fortaleza em mapas. Prefeitura de Fortaleza, 2022.

Dentre tais bairros, se destacam: Arraial Moura Brasil, Pirambu, Cristo Redentor e Barra do Ceará que representam todo o litoral oeste do Centro de Fortaleza, abrigando antigas comunidades formadas desde a implantação da via férrea. Outros 16 bairros apresentam percentuais consideráveis de pessoas em assentamentos precários, variando entre 80 e 60%. Destes, pelo menos 10 apresentam características que os colocam na condição de bairros populares, visto que os demais setores abrigam unidades domésticas em situações socioeconômicas similares. Chama atenção que os demais – Mucuripe, Papicu, Edson Queiroz, Sapiranga, Jardim das Oliveiras e São João do Tauape, são bairros de interesse do mercado imobiliário por conta de sua proximidade com as centralidades mais valorizadas.

Segundo os estudos sobre o percentual de moradores em assentamentos precários por bairro elaborados pela PLHIS, 2013, e Censo IBGE, 2010, existe também uma situação intermediária, haja vista que outros 15 bairros formam um grupo com percentual entre 40 e 60% de sua população vivendo em assentamentos precários. Sendo que pelo menos 10 são periféricos e apresentam graves problemas de saneamento ambiental decorrentes da comercialização ilegal de seus loteamentos, repletos de irregularidades urbanísticas.

Em Fortaleza, a desigualdade também se revela quando se observa os 33 bairros com menores percentuais, aqueles com menos de 10% de sua população em assentamentos precários.

A população em situação de rua em Fortaleza, no entanto, costuma ficar, em sua maioria no Centro da cidade, ocupando lugares que, há bastante tempo, se tornaram referência como as praças.

Imagem 15 – População em situação de rua na Praça do Ferreira

Fonte: Documento fotográfico do projeto maio de 2022.

A presente pesquisa mapeou áreas com incidência de pessoas em situação de rua em Fortaleza buscando identificar: locais permanência, quantitativo de pessoas e condições de sobrevivência dessa população.

O mapeamento estabeleceu rotas que subsidiaram visitas de observação, o que possibilitou a identificação das condições e da estrutura dos locais onde existiam agrupamentos de pessoas.

Um dos pontos observados foi próximo à Unidade de Higiene Cidadã onde pessoas aguardavam a distribuição de almoço pelo Instituto de Assistência e Proteção Social - IAPS. Segundo informações da instituição, são distribuídas 180 quentinhas por dia, todos os dias, incluindo final de semana. O local funciona das 08h às 17h e são distribuídas 50 fichas pela manhã e 50 fichas pela tarde. Foi observado que na fila para a distribuição do almoço pelo IAPS não era composta somente por pessoas em situação de rua, também existiam pessoas de comunidade em situação de vulnerabilidade social. No entanto, após a dis-

tribuição de comida só permanece no local pessoas que provavelmente estão em situação de rua.

> (...) aumentou muito a população de rua, por causa da comida. Porque tem muita gente que não mora em rua, está saindo das suas casas, para pegar alimentação, para pegar comida e pegar mais alguma coisa.
>
> GF CASA DA SOPA

> Alguns são aposentados, tem muita gente aposentada, que não tem condições de sobreviver.
>
> GF CASA DA SOPA

A Praça do Ferreira, a Lage da ACAL, o Mercado São Sebastião e a Praça da Bandeira, também ocorre a distribuição de alimentos. Nessas áreas,as instituições e organizações sociais distribuem alimentos, roupas e material de higiene. Nesse momento, acontece o "*estouro*", ou seja, a corrida em busca de alimentos.

> O estouro é a caridade que chegou. Sabe por que que é estouro? É porque é igual a boiada estourada, quando gritam "estouro" é igual a boiada, é todo mundo correndo.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Onde se concentra mais pessoas, então as pessoas viraram para mim: olha se quiser comida vai lá, fica mais fácil. Aí quem fica mais afastado fica mais à mercê, à mercê.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Chega os irmãos das que são solidários, aí estourou, estourou a comida, então, a gente não pode ultrapassar um limite, não pode passar na frente do colega. Se eles doam uma roupa, se você pegar e outro, puxar aqui pela mão, é a violência. Já não pode, e tem a agressão física. Tem uns que se passar do limite, bota lá para trás e chega até bater.
>
> GF CASA DA SOPA

> Eles não são donos da praça, é o regime que sempre que eu conheci a Praça do Ferreira.
>
> GF CASA DA SOPA

> Tem o Centro POP. É maravilhoso, alimentação perfeita, café da manhã. Pelo menos o café da manhã lá é maravilhoso. O almoço é quando tem atendimento. Você vai participar da reunião, aí você participa do almoço. Você vai para a oficina, né, que é chamada oficina e aí almoça.
>
> GF CASA DA SOPA

6.6 Solidariedade na rua

No contexto da pandemia de covid-19, a solidariedade se tornou ainda mais importante. Muitas pessoas em situação de rua estão em grupos de risco e enfrentam dificuldades ainda maiores para se proteger e se manter saudáveis. Nesse sentido, parcela da população contribui através de doações de máscaras, álcool em gel e outros itens de higiene, além de auxiliar na divulgação de informações sobre prevenção e acesso aos serviços de saúde.

A solidariedade, no entanto, não deve ser apenas uma questão assistencial ou uma questão pontual, mas sim uma postura constante de respeito e apoio. A solidariedade também existe entre os próprios moradores que estão na rua. Quem chega é orientado onde tem distribuição de alimentos.

> Porque às vezes aparece gente que lá na praça está chegando a primeira vez não sabe onde vai comer, não sabe onde tomar banho. Aí tem umas pessoas que vai e ajuda, diz onde é isso, onde é aquilo. Pronto, não tem tanto, mas tem algumas que pode ajudar.
>
> GF CASA DA SOPA

> Eu vim para Casa da Sopa através do meu menino. Meu menino mais velho, porque ele já frequentava aqui. E aí

> ele disse, mãe como a senhora passa muita necessidade, vá para a Casa Sopa, que lá a senhora ganha as coisas. A senhora come lá, tem quentinha, aí eu vim pra cá. Aí pronto eu comecei a vir.
>
> GF CASA DA SOPA

Um ponto muito importante para as pessoas em situação de rua é a falta de locais públicos para a higiene pessoal. Para os entrevistados é muito difícil usar um banheiro para banho e outras necessidades. A cidade de Fortaleza possui poucos lugares adequados destinados a população em situação de rua.

> É, hoje tá mais fácil, hoje tem o Centro Pop, tem o espaço de Higiene Cidadã, tem também as comunidades, né, os irmãos à noite que às vezes eles trazem kits que é pasta de dente, sabonete, entendeu?
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> (...) no Centro POP tem esses locais de apoio, mas no Centro POP de Messejana, no da Parangaba ainda não tem na grande a higiene. Ali no grande Vicente Pinzon agora tem um contêiner lá para tomar banho. Mas as pessoas procuram o mar, procuram umas bicas (...) Procuram as lagoas para poder tomar banho. As bicas debaixo do chão que é as drenagens que tem aqui mesmo na ponta da Dom Manuel.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Tem, tem os containers. São três containers. Tem um container que é lá no Oitão Preto, o Corre pra Vida. Mas quando eles estão fechados, aí o jeito é na rua.
>
> GF CASA DA SOPA

> As irmãs do banho [que] toda quinta-feira vêm com os containers. Show, é muito show. É o grupo Amor. O grupo Amor é todo domingo.
>
> GF CASA DA SOPA

> (...) quem trabalha ali pela feira tem uns banheiros que você paga R$ 1 para usar, R$ 2 para tomar um banho, entendeu? Que quem faz um corre ali, vende uma água, que olha um carro, nesses espaços que tem. Mas isso é uma discussão que nós já tivemos com o CDL. O CDL pensa que se botar banheiro na rua vai atrair o povo. Ele pensa que o povo vai sair de casa para usar o banheiro do meio da rua. Ele pensa que é isso que um banheiro aqui vai atrair mais gente. Mas não é isso, não é isso. A pessoa não vem para a rua atrás de um banheiro não. As pessoas vêm para a rua porque não têm... Não tem a casa, não tem um banheiro, não tem teto não tem nada. Se tivesse fosse só o banheiro que resolvesse esse problema a gente dava um banheiro para cada um e pronto. Dava um banheiro desse aí de plástico para cada um, leve o seu banheiro e seja feliz [riso dos outros participantes]. É o "Meu Banheiro Minha Vida". É o Minha Casa Minha Vida, pois é o "Meu Banheiro é Minha Vida" [risos].
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

6.7 Ser criança e adolescente na rua

A vulnerabilidade das pessoas em situação de rua é mais agravada quando, junto com os adultos, estão crianças e adolescentes. Tal fato foi percebido, na pesquisa, através de técnicas de intervenção lúdica com as crianças na Praça do Ferreira no Centro da cidade, local onde se concentra um número significativo dessa população. Para atrair a atenção das crianças foi realizada intervenção interativa com teatro de bonecos e uma oficina de desenho, para estimular a voz espontânea das crianças e adolescentes. Também foi ofertado lanche.

Imagem 16 – Atividade lúdica na Praça do Ferreira com crianças e adolescentes

Fonte: Acervo da pesquisa.

A ação foi realizada às 22 horas após a distribuição diária de alimento, momento esse, em que a praça fica mais tranquila e contou com a participação de 16 crianças e adolescentes com idade entre 04 e 15 anos. Dentre as crianças presentes, algumas estavam em situação de rua e outras com algum tipo de moradia, principalmente para dormir, segundo relato delas. Nesse grupo não houve intervenção de pais ou responsáveis, uma vez que concomitantemente foram realizado dois grupos focais com o público adulto.

O primeiro momento da ação foi a apresentação de bonecos que despertou a atenção tanto dos adultos quanto das crianças. Esse momento possibilitou quebrar um

pouco da resistência e desconfiança sobre os motivos da pesquisa. Foi um momento de descontração e risos que envolveu todos os participantes.

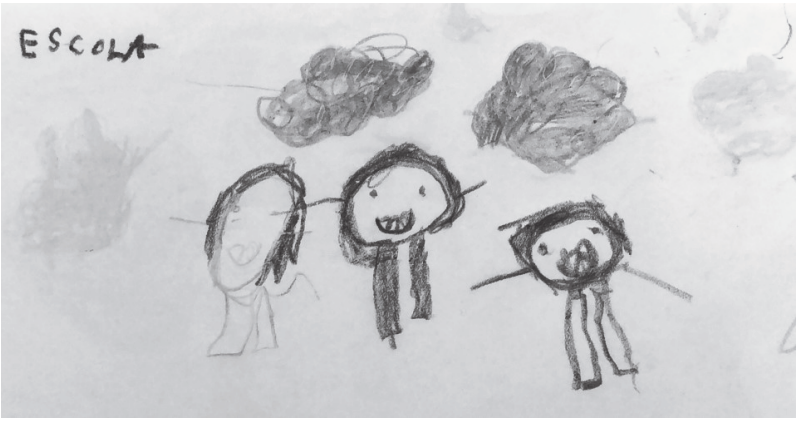
No segundo momento, as crianças participaram de uma oficina de desenho que tinha o intuito compreender como as crianças se percebiam naquele contexto da praça. O uso da técnica do desenho tinha como objetivo estimular a fala das crianças e organização de suas ideias.

Apenas seis crianças relataram ter tomado a vacina. Duas disseram ter se contaminado com a covid-19 e poucas crianças afirmaram ter o hábito de escovar os dentes em casa, mas alguns disseram que escovam na rua mesmo. Nove crianças afirmaram tomar banho todos os dias.

Duas crianças afirmaram que frequentam a escola, as demais afirmaram já ter estudado, mas não estavam matriculadas, nem frequentando a escola. Vejamos o relato:

> Minha mãe também foi atrás (vaga pra escola)... foi atrás lá com os pessoal lá do, como é o nome? Dos Parque das Crianças pra ver se conseguia, mas ela ela ... ela quer ir, só que ela não foi ainda não. Ela vai ver ainda.
>
> CRIANÇA NA PRAÇA DO FERREIRA

Figura 1 – Representação sobre a escola



Fonte: Desenho feito por crianças na atividade na Praça do Ferreira / 2022.

Acerca dessa situação, o Centro de Apoio Operacional da Educação relata:

> Especialmente no que tange à informação/dado sobre "atenção às pessoas em situação de rua em Fortaleza", comunicamos que, a partir de esforços do Centro de Apoio Operacional da Saúde e da 77ª Promotoria de Justiça de Fortaleza, voltados à identificação e vacinação de crianças "em situação de rua", chegou ao conhecimento do CAOEDUC, lista normativa referente a 93 (noventa e três) crianças em "situação de rua" vacinadas contra covid-19, a fim de verificar informações sobre matrícula escolar.
>
> Oficiou-se a Secretaria da Educação de Fortaleza para prestar informações sobre matrícula das crianças nome dos pais/responsáveis e endereço/telefone. Em resposta, a SME apresentou informações, contudo não existem quaisquer dados do Sistema de Gestão Escolar Municipal sobre 24 (vinte e quatro) das 93 (noventa e três) crianças. (CAOEDUC, Ofício Nº 0273/2022)

Apesar de algumas crianças não saberem responder com exatidão algumas das perguntas, tanto pela idade, uma vez que tinha criança na primeira infância e ainda não verbais, quanto por estarem empolgadas com os desenhos, observamos percepções negativas por conta de estarem na rua, como também demonstrações de desejo por ter uma casa confortável para dormir. Alguns verbalizaram:

> Tem alguns dias que é difícil? Alguns dias são fácil... porque dá algum dia que não tem estouro, algum dia que tem, algum dia que a gente tem que vender partilha, já alguns dias que a gente tem que manguear os pessoal e os pessoal humilha a gente.
>
> CRIANÇA NA PRAÇA DO FERREIRA

Quando questionadas acerca de como chegaram e há quanto tempo se encontram na rua, as crianças apresentaram diversas situações: algumas relataram vir de outros municípios e estados, outras sobre dramas familiares e ainda diferentes períodos na rua:

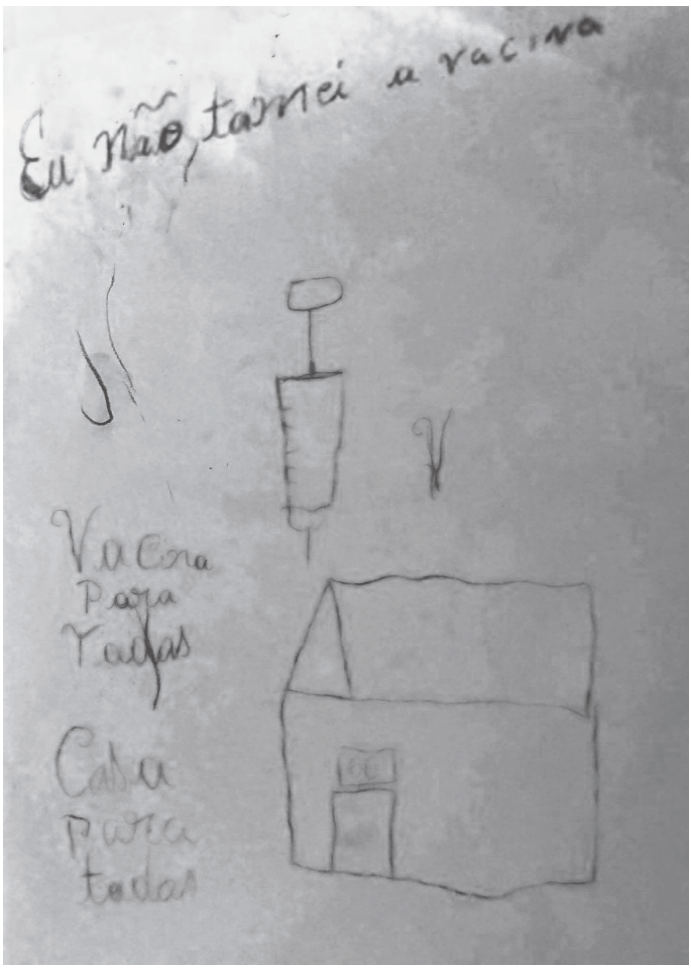
Figura 2 – Representação das crianças sobre tempo na rua

Fonte: Produzido pelos autores a partir das falas das crianças na atividade na Praça do Ferreira / 2022.

Nas figuras abaixo, a seguir, têm-se as imagens de desenhos que estavam relacionados a uma percepção negativa sobre si mesmo e de desejos. Como percepção negativa, observa-se nesses exemplos “não tomei vacina” e

"minha vida é um lixo" em que as crianças expressam as dificuldades de acesso à saúde e de condições de higiene. Uma criança de 11 anos se negou a desenhar, quando se pediu que explicitasse o motivo ela relatou ter dormido duas vezes na rua e que não quis participar dessa brincadeira do desenho com uma expressão nítida de tristeza.

Figura 3 – Desenho relacionado à percepção negativa da rua



Fonte: Desenho feito por crianças na atividade na Praça do Ferreira / 2022.

Quanto às condições da vida na rua, as crianças relataram a fome enquanto principal flagelo:

> Só de vez em quando só. (comer) Só quando eu ganho algumas coisa lá no McDonald's, lá no rei do salgado... e de noite. Quando dá sopa e comida aqui. Hoje só... só um sorvete, um enroladinho lá no rei do salgado
>
> CRIANÇA NA PRAÇA DO FERREIRA

> Alimentação às vezes é alguns estouro, mas às vezes nem tanto. Dia de segunda é ruim porque só dá de noite. Atrás de alguma coisa pra nós comer. Pedir os outros pra pagar alguma coisa pra nós comer.
>
> CRIANÇA NA PRAÇA DO FERREIRA

> Tá bem assim, se eu vendo bombom assim pro povo também pra nós conseguir comprar alguma coisa... a gente segurou né porque dia de segunda a gente está vendo é pouca gente, assim pra dar estouro. Ai eu sempre vendo alguns bombons.
>
> CRIANÇA NA PRAÇA DO FERREIRA

> Na rua não é tão ruim. Mais tudo não é perfeito. Tem coisas boas e ruins. Uma coisa que eu mais gosto é as pessoas que ajuda a gente. Mas tem duas coisas que eu não gosto é a chuva e acordar cedo. Eu já dormi na rua, mas eu não durmo mais.
>
> CRIANÇA NA PRAÇA DO FERREIRA

Acerca dessas condições de insegurança alimentar, a promotoria afirmou atuar junto aos órgãos governamentais para garantir a manutenção dos locais de distribuição de alimentos e o aumento das distribuições de alimentação, além disso, pontuou que não houve uso político da distribuição de alimentos, no período da pandemia.

Observamos que o fator de ter um lar faz diferença na percepção das crianças sobre si e sobre os sentimentos

com a rua, com a família e com a escola, independentemente das condições dessa moradia:

> Gostaria de uma casa né, pra minha mãe sair dessa vida.
> CRIANÇA NA PRAÇA DO FERREIRA

> É ali, é pequeno. Também só é um quartinho, nós dorme tudo no chão assim com um lençol.
> CRIANÇA NA PRAÇA DO FERREIRA

Figura 4– Desenho de criança sobre sonho da moradia

Fonte: Desenho feito por crianças na atividade na Praça do Ferreira / 2022.

Nesse tocante, a Promotoria de Habitação tece a seguinte análise:

> Sobre o grupo de crianças e adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social nas ruas, há uma dificuldade conceitual e, portanto, de um potencial direcionamento de políticas específicas. Esses jovens,

> muitas vezes, estão em constante movimento, não estando inteiramente em situação de rua, mas passando boa parte do dia ajudando os pais, familiares e, pela noite, retornam à residência, que muitas vezes é precária.
>
> Esse cenário abandona e invisibiliza essas crianças e adolescentes que não se adequam às políticas de quem é possuidor de uma moradia convencional, e nem sequer podem ter acesso às medidas de assistência social formuladas para as populações em situação de rua. Uma solução apontada viria da atual alteração da lei de aluguel social (Lei Ordinária nº 11.156, de 02 de setembro de 2021), a qual dá preferência para mães solo, famílias com crianças e adolescentes, pessoas com deficiência, puérperas, pessoas idosas e pessoas em liberdade assistida.

De modo geral, o que foi perceptível é que as crianças e adolescentes que estão expostas a graves situações de violações de direitos, que destoam do paradigma da proteção integral, bem como do interesse superior da criança, consagrados na Constituição Federal de 1988, Art. 227, passam a ter o status de sujeitos de direitos e não mais de objeto da família e da sociedade, com o direito a uma convivência familiar e comunitária que lhes proporcionem desenvolvimento integral pleno, reafirmado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Nº 8.069/1990, bem como Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016 e demais protocolos, dos quais o país é signatário, que ratificam e reafirmam o pacto pela garantia à prioridade absoluta, sobremaneira das crianças na primeira infância, tal como consta:

> É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, **em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral** (BRASIL, 1990, Art. 19 – Grifo nosso)

Nas situações averiguadas, ainda que superficialmente, e pelos relatos e textos imagéticos promovidos pelas crianças, constatam-se às condições de vulnerabilidades ao direito à convivência familiar e comunitária, e prejuízos no pleno desenvolvimento das crianças.

6.8 O atendimento da população em situação de rua durante a pandemia

A população em situação de rua foi atingida de muitas maneiras pela pandemia da covid-19. Segundo os relatos nos grupos focais, quando a orientação passou a ser o isolamento social, ou seja, que todos ficassem em casa, a população em situação de rua começou a vivenciar um outro problema: a ausência do alimento diário.

> (...) ficou todo mundo abandonado, ninguém sabia o que é que estava acontecendo. Foi o quê? Deixa em casa, fica em casa. (...) ficou abandonado lá (na rua), à mercê, passando fome e necessidade.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> (...) ninguém sabia o que era e todo mundo ficou com medo de ir para rua e faltou o que traz exatamente a comunidade para a rua: comida, não tinha comida. Os restaurantes tudo fechado, só ficou a população de rua. Ah, vai para casa! Que casa? Aonde? Que lugar?
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> E o município ficaram desamparados, as ações do governo foram muito lenta, muito lenta na covid, as pessoas sofreram muito e tiveram que buscar um acolhimento, um abrigo. E quando se via na televisão que aqui no Centro de Fortaleza tava dando comida, dando cesta básica, dando agasalho, dando alimentação, as pessoas corriam. Eu conheço gente que veio do interior, passar aqui 15 a 20 dias, batendo palma nas portas, arrecadando arroz e

> feijão, alimento, juntar sacos e sacos de mantimento, de roupas e voltar para o interior.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Segundo os entrevistados, o momento mais crítico da pandemia foi o fechamento de tudo, o *lockdown*. Com o comércio do Centro da cidade fechado, com os equipamentos de apoio a população em situação de rua com atividades reduzidas e, principalmente, a diminuição do fluxo das entidades na rua, houve um agravamento das condições de sobrevivência de quem tira da rua o seu sustento, o de quem dela necessita para se alimentar diariamente. A população em situação de rua passou a conviver com o medo de contrair um vírus tão letal, mas principalmente, com o da fome.

> (...) O morador de rua só não morreu por covid não sei nem porque. Eu acho que sei lá, parece que só criptonita que mata a gente. [Risos dos outros participantes]. É, o resto não mata mais não, porque é uma coisa triste, porque o que a gente teve de abandono no meio da rua largado, com fome, sem salubridade, sem nada e ainda estamos vivos.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Diante do agravamento da fome nas ruas, as entidades perceberam que deveriam fortalecer a rede de apoio para criar condições para que o alimento e os produtos de proteção como máscaras, álcool e outros itens de higiene pudessem chegar para esse público. Os entrevistados reconhecem que esse movimento conseguiu chamar a atenção das autoridades públicas e da população em geral para as condições precárias de quem vive na rua.

> Depois que houve esse movimento, aí foi uma das coisas melhor que aconteceu porque aí as pessoas iam trazendo comida, era cesta básica, aí depois veio o auxílio, sei de muitas pessoas usou realmente o auxílio para sair da rua,

> muitas pessoas que eu conheço que realmente saíram da rua na época da pandemia por causa desse auxílio que veio, usaram realmente porque aí você tira realmente que as pessoas não querem tá na rua porque senão iam gastar o dinheiro e tinham ficado lá na rua. Muitas pessoas usaram, gente que não recebeu o aluguel social que paga o aluguel até hoje com seu auxílio, seu auxílio e já está com medo de acabar porque como é que vai fazer em janeiro se não tiver, que vai voltar para a rua.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Algumas ações do Ministério Público foram de fundamental importância para cobrar do poder público um plano contingência voltado à população em situação de rua diante da situação de crise vivenciada em decorrência da pandemia do novo coronavírus (covid-19). Ações desse plano deveriam ser voltadas para atender as condições de saúde e bem-estar dessas pessoas durante o período de obrigatoriedade do isolamento social e foram direcionadas ao acesso a pontos de hidratação, higiene, testagem, além de distribuição de alimentos, por conta do fechamento dos refeitórios sociais. O plano também recomendava que fossem instalados equipamentos para acolhimento de pessoas em situação de rua, oportunizando o isolamento social, necessário para conter a disseminação do vírus, bem como fossem ampliadas e disponibilizadas, com urgência, vagas para essas pessoas no Programa de Locação Social do Estado do Ceará (Lei 14.965/2011). O documento do MP foi direcionado ao Governo do Estado, à Secretaria de Saúde do Estado do Ceará (Sesa), à Secretaria das Cidades do Estado do Ceará e à Secretaria de Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos do Estado do Ceará (SPS).

Segundo um dos membros do Ministério Público entrevistado, as maiores demandas da população em situação de rua durante o isolamento social foram,

> (...) a retirada de documentação (para inscrição e saque do auxílio emergencial) para pessoas em situação de rua e para os demais;programas de alimentação; estabelecer mecanismos de diminuição das aglomerações; ampliar a atuação em diferentes aspectos para população em situação de rua e para os vulneráveis; e aplicação da vacina Jansen (dose única) para facilitar a vacinação.
>
> ENTREVISTA COM O MEMBRO DO MP/CE

Para os entrevistados, o apoio do Ministério Público foi fundamental para que a população em situação de rua tivesse seus direitos garantidos diante do agravamento da pandemia.

> (...) Aí foi que a Dra. Giovana (Promotora de Justiça) mais uma vez, a Dra. Geovana aqui. Ela é o nosso braço, entendeu? Ela é humana. Ela é uma pessoa realmente que se identifica com a causa e ela realmente vai atrás. Conseguiu essa vacina, aí primeiro no primeiro dia da vacina não podia vacinar porque ninguém tinha documento. Aí foi que conseguiram lá, vibraram lá e aí conseguiram a documentação do pessoal através dos Centros Pops, né, o CPF e tudo aí a gestão passada do Centro Pop que foi na pessoa do Frei Nailson que articulou isso também que a gente tem que dar a César o que é de César, né. Ele trabalhou muito para que essa vacinação acontecesse. Aí, a dificuldade foi que não tinha a Phizer, só tinha Astrazeneca. Como é que vão ter o controle da população? Aí, vamos reter o cartão nos equipamentos, vamos vacinar nos equipamentos para ter o controle da população. Aí foi feito todo o trabalho para que houvesse essa vacinação. Aí houve realmente no CAPS, na Casa da Sopa, no Centro Pop, nos locais a vacina foi até onde as pessoas estavam e garantiu um grande número de vacinação.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Outro apoio importante destacado pelos entrevistados é que o atendimento médico a essa população no período da pandemia foi, muitas vezes, garantido através dos grupos e movimentos que desenvolveram ações na rua.

> O que aconteceu, o que aconteceu na pandemia de ação para a população de rua foi as entidades e o grupo dos Médicos Populares, entendeu, se não fossem eles a coisa tinha sido bem pior. Foram para as entidades, entendeu, eles que foram para a rua, entendeu, eles que foram...
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Aqui na Casa da Sopa era maravilhoso. Eu conheci a Casa da Sopa, que passaram a me ajudar de verdade. Eu vim de verdade pra cá, eu vim conhecer eles de verdade foi na pandemia. Aqui tinha médico. Muita alimentação, muita coisa, era médico...
>
> GF CASA DA SOPA

> Na pandemia foi muito ruim, porque muita gente morreu. Era aquela coisa muito grave. Mas pra mim e a minha filha foi bom, porque muita gente ajudou nós duas.
>
> GF CASA DA SOPA

> Eles iam na casa da gente, era muitas pessoas assim, que ajudavam (voluntários) na Casa da Sopa, né? Era muitos grupos. Roupa para todo mundo. Muito produto de higiene.
>
> GF CASA DA SOPA

O atendimento médico para a pessoa em situação de rua durante a pandemia,na visão dos entrevistados, foi muito precário. Isso fez com que muitos não procurassem a rede pública de saúde.

> As pessoas nem sabem se estavam doente ou não, porque morador de rua não procura hospital. Se ele não for levado morrendo, ele não procura um hospital. Ele já tem um trauma de não ser atendido no hospital, a ser maltratado, ele não procura hospital. Se o hospital não vier até ele... Essa é a nossa briga por um consultório de rua, se o consultório de rua não for até lá as pessoas não procuram. Se um membro de uma entidade não vê ele morrendo lá no banco. Não vou longe, o Peterson, lembra do Peterson? Não lembra do Peterson, um moreno da Casa da Sopa morreu numa situação triste em cima do banco e a gente fizemos de tudo para querer levar ele e ele não queria ir. Ele queria morrer ali, ele não aceitava ir para lugar nenhum, entendeu? Ele pegou várias doenças, várias, várias, várias. Só não pegou a covid [risos], mas o resto.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Só tava pegando os rico, porque morador de rua nunca ouvi falar, né. Eu nunca ouvi falar que algum morador de rua pegou covid.
>
> GF CASA DA SOPA

Os entrevistados informaram que quando suspeitavam que tinham contraído o covid-19 procuravam alguns espaços que garantissem o mínimo de isolamento, ou se automedicavam.

> Como eu peguei o começo da pandemia no tempo da pousada que era na Solon Pinheiro, e eles trancaram o pessoal. Quem quisesse ficar lá dentro ficava, quem não quisesse podia sair. E como saía gente e entrava a gente, tinha gente com covid. A gente fazia o pacto do isolamento. A pessoa chegou ali na hora, não tinha testagem, não tinha nada. Fica 10 dias 15 dias trancado dentro do quarto. No isolamento lá dentro, isolada a pessoa dentro daquele quarto, durante 15 dias. Se a

pessoa não tivesse nenhum sintoma poderia entrar em contato com as outras.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Mas eu peguei. Acho que peguei. Eu senti ó, uma febre de 40°. O meu estômago ele inchou. Aqui no meio das minhas costas, era uma dor tremenda e dor de cabeça. 4 dias. Um amigo disse que os sintomas era da COVID. Fui na farmácia, ele botou o dinheiro na conta e comprei os remédios. Aí uma moça me ensinou para tomar alho com mastruz, e não sei o quê. Eu fui no mercado e fiz um cozimento. Quando eu tomei foi quando eu melhorei.

GF CASA DA SOPA

6.9 Percepção sobre as políticas públicas para a população em situação de rua

Uma das questões levantadas pelo grupo focal realizado na Pastoral do Povo da Rua foi a falta apoio para quem saiu e recebeu um apartamento. Esse foi um projeto da Prefeitura de Fortaleza que tinha o propósito de retirar as pessoas em situação de rua no Centro da cidade para morar em apartamentos novos construídos especificamente para esse público. No entanto, os entrevistados apontam uma série de problemas que têm impossibilitado as famílias beneficiadas de permanecerem no imóvel.

É a pergunta que não quer calar. É porque falta acompanhamento. O acompanhamento da parte do governo é muito pouco ainda sabe. É muito pouco o atendimento pra quem vive em situação de rua, para quem hoje vive em moradia definitiva. A gente não tem assistência, a assistência é uma... é uma desgraça. Não vou dizer que não tem total porque nós aqui e acolá recebe ainda todo mês uma cesta. Mas falta o acompanhamento psicológico, falta um acompanhamento psicológico falta muita coisa né.

Porque como eu lhe falei, tem uma coisa aí que favorece a moradia, aí o cara que não tem nada, não tem uma profissão, que não sabe remendar um cano, que não sabe mexer com energia, só sabe reciclar. A fonte de renda dessas pessoas que saíram daqui e levam para lá...

GF PASTORAL POVO DA RUA

Ó, são várias as questões. Uma, o cara não teve acompanhamento psicológico, dependente químico A e D, porque A e D é álcool e droga. Foi para lá não durou um ano, já se endividou de novo não teve condições de pagar casa nem luz e ficou naquela situação e não tinha o que comer, foi o jeito pegar [inaudível] e vender. E outros mais, pronto foi isso que aconteceu com muitos, né? Então é isso, para mim ainda falta muito, muito mesmo a causa, o apelo social para manter essas poucas pessoas que estão lá, porque eu estou vendo os meus irmãos saírem de lá, a cada dia que passa. Numa luta com álcool e as drogas, eu só vejo a notícia dizer, eu vou abrir, foi lá..., abandonou. Perdeu.

GF PASTORAL POVO DA RUA

Porque quando a gente entra dentro de um apartamento, a gente vê o apartamento mas não tem aquela condição de sobreviver. Como? Trabalho. Se não tiver trabalho você fica sem ação, porque vai chegar no final do mês a água e a luz e aí tem a alimentação.

GF PASTORAL POVO DA RUA

Prometeram que iam tirar a gente da rua, que não iam pagar taxa nenhuma, ia dar bilhete único, que ia dar R$ 5. 000 para nós parcelar para poder botar um negócio para a gente. E ia dar um carrinho de loja, ou um carrinho de coisa e a gente não viu nada disso.

GF PASTORAL POVO DA RUA

Aí para todo mundo é fácil, aí tem estudo, tem colégio,

> tem isso, tem aquilo, ganha um apartamento e pronto e acabou-se e não é assim. Não é assim, porque teve gente que veio de pés de lá e voltou para a rua porque não tinha o que comer dentro de casa. E ninguém não dá, vizinho nenhum vai dar arroz, feijão, tirar essas coisas para dar para ninguém não.
>
> GF PASTORAL POVO DA RUA

Segundo um membro do Ministério Público entrevistado, a demanda maior de quem se encontra em situação de rua é por regularização de documentos de identificação. Outro ponto seria a falta de uma política habitacional mais efetiva, o que demandaria ampliação de serviços para esse fim.

> Demandas não só da população em situação de rua, mas da sociedade civil com um todo. Uma das principais demandas durante a pandemia foi a retirada de documentação (para inscrição e saque do auxílio emergencial), para pessoas em situação de rua e para os demais Programas de alimentação. No entanto, é importante se pensar em mecanismos de diminuição das aglomerações,atuação em diferentes aspectos para pop em situação de rua e para os vulneráveis e ampliar os pedidos de vacina da Jansen (dose única) para facilitar a vacinação desse público.
>
> PROMOTOR DE JUSTIÇA

O Ministério Público já acompanha os casos de famílias que estão tendo que sair das suas casas por causa violência.

> Algumas ações que poderiam ser desenvolvidas pela promotoria de Habitação na busca por investigar os problemas que desencadearam o aumento das pessoas em situação de rua durante a pandemia, e também com o intuito de mitigar esses problemas, seriam o mapeamento de prédios ociosos no Centro, juntamente com a promoção de políticas habita-

cionais com visão regionalista, fugindo um pouco do aspecto mais amplo do programa Minha Casa, Minha Vida.

PROMOTOR DE JUSTIÇA

Outra possibilidade seria uma reformulação do Aluguel Social, principalmente frente a formas de assistência para as pessoas em superação da rua, para que possam permanecer naquele local, além da construção de novas moradias a partir da regulamentação de prédios e terrenos ociosos, prezando um uso do solo com finalidades sociais.

PROMOTOR DE JUSTIÇA

Um problema grave apontado pelos entrevistados é a inserção das facções nesses condomínios da prefeitura. Os relatos apontam que as facções estabeleceram regras rígidas para a permanência das pessoas nos apartamentos e quando essas regras, de alguma maneira, são quebradas, a punição é a expulsão. Em muitos casos, ocorre do morador sair um por uns dias e quando voltar a facção toma o imóvel e coloca outra pessoa no lugar.

Eu ganhei apartamento, passei 7 anos, e 7 meses para perder. Eu tenho 42 anos dois anos. O meu marido ficava bêbado aí botaram (as facções) ele para sair. Eu podia ficar eu com as crianças. Aí eu vim para o Centro para conseguir alguma coisa para o sustento e quando eu cheguei de volta já tinha uma senhora morando no meu apartamento. Eu tô devendo uma dívida de 4.000 sem puder pagar, já fui no fórum, todo canto e nada para resolver. Perdi com tudo que tinha lá dentro, quando eu cheguei e não tinha mais nada, só uma senhora.

GF PASTORAL POVO DA RUA

E a gente não pode estar perturbando os vizinhos não. A gente não pode tá perturbando não, porque lá na Cidade Jardim era a fome e a facção. É mentira isso daí? É a fome e a facção.

GF PASTORAL POVO DA RUA

> Se fizer alguma coisa, expulsa. Então se pronto a casa não é da gente, a casa é deles (facção).
>
> GF PASTORAL POVO DA RUA

> A polícia botou foi a arma na cabeça do meu pai por causa dos meninos (da facção). Foi, por causa que os meninos estavam lá, porque correram do policial. Eu ia apanhando por causa deles, porque ele disse, você acoitou eles, você vai presa por associação e tráfico. Seu menino, eu sou trabalhadora, eu só venho aqui no final de semana, eu abandonava a casa lá, e vinha no final de semana, não era não? A casa ficava lá fechada. Porque a gente não tinha o que comer.
>
> GF PASTORAL POVO DA RUA

> (...) a gente não pode brigar com o marido da gente, a gente não pode brigar com o vizinho, a gente não pode falar alto, porque tudo eles vêm conversar com a gente, tem que ter a disciplina. Não pode... Quer aumentar o som um pouquinho, ele já vem tudo para cima. Aí o que é que eles faz, toma a casa da gente, e se a gente passar uma semana fora, quando a gente chega tem mulher com menino dentro da casa e a gente não pode expulsar por quê, já bota uma mulher com um monte de menino. Para quê, se nem a polícia pode botar para fora, entendeu? E a gente perde a casa da gente, desse jeito.
>
> GF PASTORAL POVO DA RUA

Outro ponto destacado pelo grupo focal, foi a dívida que muitos passaram a ter depois que receberam seus apartamentos. Muitos não tinham condições de arcar com a parcela do banco e mais as despesas de água e luz.

> E tem R$80 por mês. Porque foi bom, para mim foi bom, eu não tenho o que dizer, mas eu tô com problema aí, eu tô com a Doutora Geovana, com a Larissa, com os governantes que eles venham resolver o nosso problema, porque do jeito que vai a gente tão vendo a hora, quem tá nos

apartamentos até hoje, tá vendo a hora tem um despejo por causa dos bancos.

GF PASTORAL POVO DA RUA

Não tinha aluguel (na rua) para pagar e lá (no apartamento) querendo ou não a gente vai ter que pagar a taxa. É 80 por mês. Mais a água, luz. E aí hoje em dia é preocupação com água, com luz, com a alimentação para quatro criança, que eu tenho quatro filhos não é só um. E vem as condições financeiras, sem trabalho entendeu, é muita coisa. Aí a gente tá precisando mesmo de um auxílio. De alguém para dar uma força.

GF PASTORAL POVO DA RUA

(...) por isso que muitos já abriram mão do apartamento, é porque não tem condição. Certo para a maioria dessas pessoas era ter mais ação social para esse povo. Nós não temos nem o apoio psicológico, como é que a gente vai raciocinar, ajudar a gente a agir.

GF PASTORAL POVO DA RUA

Meu filho puxou pelo Banco do Brasil eu tô devendo R$ 70 e poucos mil. Eu moradora de rua como, é que eu tô devendo 70 e poucos mil? Se eu não posso tirar um cartão, se a gente não pode fazer nada, nada, porque o meu nome tá sujo.

GF PASTORAL POVO DA RUA

No começo, quando entregaram os apartamentos o pessoal acompanhava a gente, mas depois nada.

GF PASTORAL POVO DA RUA

Esse carro de loja que a gente ia ter era para ser um meio de trabalho. E esses R$5000 que a gente ia poder mobiliar a casa. Era para nós prestar conta, sabe, tudo direitinho e tal, mas o que nós conseguimos, pelo menos aqui, na rua, a gente tinha onde comer. Nós não tinha que dormir em apartamento, mas ninguém tinha dívida de 70.000, de 80.000.

GF PASTORAL POVO DA RUA

> Porque esse negócio, o cara recebe o apartamento e chega lá vai comer o quê? Parede? Então eu acho assim, que um projeto conclui o outro, entendeu? Colocou a pessoa dentro de casa, então, dê serviço.
>
> GF PASTORAL POVO DA RUA

Os entrevistados indicaram o aluguel social como um dos benéficos que mais atende as demandas de quem quer sair da rua. Isso porque diferente da política de moradia que entregou apartamentos, mas cuja localização é distante de onde do Centro da cidade, o aluguel social facilita o trânsito da pessoa para buscar trabalho e meios de sobrevivência.

> Porque o aluguel social ficava melhor, porque a gente poderia alugar em qualquer canto. Por exemplo, que alugasse aqui no Centro, eu tinha como pegar a carroça e reciclar e fazia uma coisa e outra. E a casa lá nos confins de mundo para poder vir para o Centro e o dinheiro do ônibus, para pessoa vir de pés de lá para cá, não tem condição.
>
> GF PASTORAL POVO DA RUA

Outro benefício que ajudou muito foi o auxílio emergencial do Governo Federal na época da pandemia. Os entrevistados afirmaram que muitas pessoas que conseguiram esse benéfico conseguiram sair da rua.

> (...) muitas pessoas que eu conheço que realmente saíram da rua na época da pandemia por causa desse auxílio que veio, usaram realmente porque aí você tira realmente que as pessoas não querem tá na rua porque senão iam gastar o dinheiro e tinham ficado lá na rua. Muitas pessoas usaram, gente que não recebeu o aluguel social que paga o aluguel até hoje com seu auxílio, seu auxílio e já está com medo de acabar porque como é que vai fazer em janeiro se não tiver que vai voltar para a rua.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

As ações desenvolvidas nos equipamentos da Prefeitura de Fortaleza são muito relevantes para os entrevistados. São colocadas como referência principalmente para o atendimento psicossocial.

> O CAPS [Centro de Atenção Psicossocial], eu gostava muito do CAPS porque a gente tinha grupos como esse aqui de roda de conversa, onde a gente desabafava e muitas vezes a pessoa ia para o CAPS não era por causa do banho e do almoço não, e iam para lá mais para poder conversar. E esses a gente via que esse realmente era aquele morador de rua que procura tentar sair da rua, porque ele não aceita aquela condição.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> (...) eu posso recitar nomes porque são pessoas a qual eu posso contar que são os nossos amigos né, são as pessoas do Centro Pop. Eu não conhecia o Centro Pop, eu não conhecia os projeto social. Eu não sabia que tinha nada disso para a população em situação de rua. E logo de início, que eu soube que tinha isso para nós, imediatamente eu corri para tirar os meus documentos, até porque quando eu caí em situação de rua foi em 2020, foi no alto da pandemia.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> (...) no primeiro dia da vacina não podiam vacinar porque ninguém tinha documento. Aí foi que conseguiram a documentação do pessoal através dos Centros Pops, né, o CPF e tudo aí a gestão passada do Centro Pop que foi na pessoa do Frei Nailson que articulou isso também que a gente tem que dar a César o que é de César, né.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Eu fui acompanhada pelo CAPES 4 anos. CAPES Ladeira, lá embaixo, depois do Mercado São Sebastião. Aí, agora ele está lá na Dona Leopoldina, lá na Praia de Iracema.
>
> GF CASA DA SOPA

> E tem um posto de saúde especializado no morador de rua, também... É, muito bom. Fica aqui na qui na 24 de Maio. Lá tem dentista e especializado. Tem uma salinha só para morador de rua. Para quem não tem documento, que não consegue pagar remédio.
>
> GF CASA DA SOPA

> E também tem outro centro de referência, que é um centro do Jacarecanga. Também é bom. O Jacarecanga, o posto é bom, tem muitas especialidades lá. Tem também a Policlínica, que eu fiz o meu exame, lá do posto Maciel.
>
> GF CASA DA SOPA

> (...) você tem a delegacia da mulher que é por a gente, mas Deus me livre acontecer alguma coisa com a gente, porque quando a gente chega lá vai fazer um B.O tem que ter testemunha, e aí quem é que vai querer ser testemunha de um morador de rua? E outra coisa errada que eu acho, é o morador de rua tá passando mal, o pessoal chama ambulância e não chega.
>
> GF IRMÃ INÊS

Segundo os entrevistados do Ministério Público, durante a pandemia, a demora na implementação de políticas agravou o quadro de vulnerabilidade das pessoas em situação de rua.

> (...) ocorreram diversos problemas de implementação de políticas direcionadas às populações em situação de rua. Dentre elas estão as ações de intervenção realizadas levando em consideração esse grupo como principal vetor de transmissão do vírus. Esses problemas decisórios do Município e do Estado acabam tendo consequências nas lacunas existentes na sistematização dos dados de pessoas adoecidas e internadas durante o alto contágio da covid-19. Tanto nos hospitais quanto na Secretaria da Saúde a falta de registros sobre pessoas em situação de rua que

> se utilizaram dos equipamentos de saúde ou que necessitaram de cuidados específicos após-alta não foi realizado de forma efetiva. Esses são só foram possíveis devido o diálogo do POPRUA e com a Promotoria de Saúde.
>
> PROMOTOR DE JUSTIÇA

Os entrevistados reconhecem, que apesar de ainda muito deficitárias, as políticas públicas na cidade de Fortaleza têm conseguido avançar. Um dos caminhos apontados para vencer os desafios para quem está em situação de rua é uma política pública mais articulada e um controle social mais efetivo.

> (...) você tem a delegacia da mulher que é por a gente, mas Deus me livre acontecer alguma coisa com a gente, porque quando a gente chega lá vai fazer um B.O tem que ter testemunha, e aí quem é que vai querer ser testemunha de um morador de rua? E outra coisa errada que eu acho, é o morador de rua tá passando mal, o pessoal chama ambulância e não chega.
>
> GF IRMÃ INÊS

> Época de inverno. Não tem onde dormir. Não tem abrigo pra todo mundo, né. A maioria fica na Praça da Bandeira, são 2 refeição por dia almoço meio-dia e a sopa 4 hora da tarde, mas é insuficiente; você chega lá, vamos botar 120 quentinha, tem 300 pessoas, porque assim no no meio dessas pessoas tem as pessoas estão em situação de rua, e também tem as que têm suas casas mais vem porque não tem o que comer em casa. Precisava ter uma Secretaria específica pra cuidar disso.
>
> GF IRMÃ INÊS

> Eu vi que apesar de tudo, apesar dos pesares, a política daqui é mais avançada do que em muitas regiões do Brasil onde eu andei. A rede que existe de acolhimento ela é muito mais forte em alguns lugares que eu vi com o poder

econômico até maior. Eu acho que só falta a gente realmente atrelar essa rede, que essa rede se conheça, é isso que eu acho muito importante esse mapeamento dessa rede que a gente possa fazer um seminário com essa rede, para que essa rede se conheça. Saiba quais são as suas dificuldades, as suas fraquezas as suas opiniões para que a gente possa realmente ver de que forma a gente vai conseguir ajudar essa população. Porque muitas vezes o cabra passa o dia todinho sem comer, aí estoura 10 quentinhas na noite ali no mesmo dia no Ferreira, ele vai comer todas as dez.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

E até uma curiosidade, aqui foi fundado o primeiro Conselho Estadual de Políticas Públicas que esse é o nosso o primeiro nacionalmente que foi fundado esse nosso agora, tomamos posse agora. Então, a gente tá à frente dessa política, a gente só tem que fazer ela realmente funcionar de forma transversal e intersetorial que é o que falta nessa política. Não é só assistência, só a assistência não vai dar conta: É a assistência, a educação, é a habitação, tem que trabalhar essas secretarias em conjunto, em conjunto, porque senão a política não vai avançar. Quando a gente começamos nessa política tinha 30 aluguéis sociais, hoje em dia são 307, aumentaram mais 300, agora são 607. A política andou? Andou, mas esses 300 aluguéis que estavam já era para estar numa moradia rotatividade para que mais viessem. Agora, a habitação de interesse social não é interessante para os políticos, não vai dar dinheiro habitação de interesse social. Até porque tem muito imóvel aqui no Centro que não ocupa sua função social e que o IPTU progressivo já poderia ser tomado há muitos e muitos anos esses Imóveis, mas serve só para a especulação imobiliária. A gente fomos fazer esse mapeamento dos imóveis quase apanha que a gente começava a tirar foto e era porque era eu a irmã Eugênia e a Amanda. A gente começava a tirar foto e logo vinham cabra lá

de dentro armado "ei, porque é que tu tá tirando foto daí por quê?" Aí a gente começamos a ver que esses prédios vazios era usado como estacionamento e a maioria desse povo que toma por estacionamento são oficiais da Polícia Militar, Guarda Municipal, entendeu? Então até da gente se aproximar a fazer um registro a gente tava correndo o risco de apanhar. Então é usado para algum interesse e não para moradia.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Eu acho que devia ter mais cursos para ajudar gente que tá na rua, de preferência. Não chegar com negócio de caridade, gente, desculpe eu falar. Negócio de caridade para gente, a gente vai viver o resto da vida desse jeito. Frente de trabalho como eu sou de São Paulo, eu peguei por isso, entendeu. Cada um ter o seu serviço, sua profissão, eu acho que isso aí devia chegar lá no gabinete. Quem vai fazer um passeio lá, só para passear, para mim é só passear, entendeu, chegar lá e representar morador de rua, só para fazer passeio. Chega mais irmão, para mim ouvir... mas tá bom então. Eu acho assim, que cada um de nós aqui devia ter um serviço, sem negócio de caridade, gente, desculpe, mas para o resto da vida não dá certo. Eu estou esperando o meu apartamento vai fazer 6 anos.

GF PASTORAL POVO DA RUA

Vamos colocar investimento para estudar entendeu, para quê, para gerar o quê, não só comer dinheiro. Porque desculpa gente, R$ 600, você paga R$ 100 no botijão de gás, faz uma cesta de R$ 100 e vai ficar com o quê? E o seu aluguel? Para quem não paga aluguel, beleza, para quem paga aluguel.

GF PASTORAL POVO DA RUA

Para gente é assim, se tivesse um Passe Card, para nós poder vir e pagar o dia [inaudível] e pra dar de comer para os nossos filhos e voltar de novo. Porque como a gente

mora muito longe, não tem condição da gente ficar vindo para o Centro para catar latinha, porque no meio do bairro não tem muita reciclagem, o que dá dinheiro é dentro do Centro. Porque você vir, você ganhar uma coisa de um, você ganhar coisa de outro, puxa carroça, pesa um papelão e pesa as coisas que a gente cata e volta para casa de novo. Porque a passagem é R$ 4 para ir R$ 4 para vim, né, aí que quer dizer que dá R$16. O pouco que a gente fizer aí tem que pagar passagem de ida e volta de novo, eu e o meu marido, entendeu?

GF PASTORAL POVO DA RUA

Colocar alegria, colocar palhaçaria, colocar diversão, um estouro. O aprendizado que está na fila enfrentar, pegar no seu lugar. Compartilhar. Nem que seja o tempo com um pouco da palavra que nós temos, como vocês estão fazendo agora de vir aqui?

GF PRAÇA DO FERREIRA

Para melhorar a nossa situação nossos governantes olhar mais para as pessoas carentes, as pessoas em situação de rua. Porque muitos estão aqui porque não tem o que comer em casa... porque é violentada eespancada por um padrasto, por uma madrasta, e não ter o que comer em casa aí muitos vão sair pra rua pra arrumar o que levar pra casa; aí sai pra rua para tentar arrumar aquele pouco de comida para ir de casa, e vai conhecer coisas que não é pra conhecer. Conhecer o álcool, conhecer a droga, conhecer o prostituísmo, conhecer tabagismo, essas coisas... aí vai se apegando e vai acabando, se acostumando na rua.

GF IRMÃ INÊS

Outro aspecto importante levantado nas falas dos entrevistados é como a cidade é um lugar de afeto para quem vive em situação de rua. Muitos consideram a cidade acolhedora e que o povo sabe ser caridoso.

Já vivi em várias cidades. Tem lugar aí que é o melhor lugar para morador de rua, chama-se Fortaleza.

GF CASA DA SOPA

Eu andei em várias capitais desse país. Eu saí de Foz do Iguaçu numa cargueira mas uma mulher malabarista, e nós fomos de capital em capital, cheguemos em Belém do Pará, Piauí e Maranhão, e eu voltei para o Nordeste. O meu avô é daqui, eu tinha muita vontade de vir para cá para conhecer a terra onde... E ver as minhas raízes. Quando eu cheguei aqui eu vi um lugar bom, um lugar de oportunidades, onde o povo é trabalhador, onde o povo é guerreiro, onde as pessoas são acolhedoras, coisas que eu não vi em alguns estados por aí.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

O melhor aluguel do mundo. Fortaleza é massa o povo daqui é maravilhoso, maravilhoso. Tem a violência, tem tudo, tem mas tem lugares mais violentos, Belo Horizonte é um caos.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

São Paulo é um caos, tem outros problemas, mas aqui por exemplo tem a história que é a humanidade, tem uma caridade que as pessoas, que o apoio... as pessoas em situação de rua, elas têm usar isso essas facilidades, entre aspas, para sair da rua, para sair da rua, por isso que a pública tá caminhando, a gente tá crescendo, tá cutucando porque se não for assim o prefeito e o governo não vai fazer nada. Então assim, é o melhor lugar do mundo, com todos os problemas com todas as dificuldades.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Aqui a gente vê muito a caridade, eu não saí para canto nenhum daqui não, eu sou de Fortaleza mesmo, mas eu vejo muito aqui a caridade.

GF PASTORAL DO POVO DA RUA

> A caridade, a cidade tem gente muito carente, o pessoal gosta de ajudar, eu vejo isso por mim né, é aqui numa época vamos cortar aqui da pandemia. Aqui no começo, no começo da pandemia poucas pessoas ajudavam, você via a falta, a escassez, e de uma época para cá foi mudando, foi aumentando os cuidados para a população e foi melhorando muito mais.
>
> GF CASA DA SOPA

> Eu acho que Fortaleza para mim é uma cidade acolhedora, muito acolhedora, apesar de ser daqui, né, já saí para fora, já morei dois anos fora. Morei em São Paulo. Em São Paulo é um verdadeiro caos, imundo. E Fortaleza para mim significa isso uma cidade acolhedora, onde tem pessoas que realmente praticam o bem, aquele ditado do amor ao próximo, eu me sinto bem aqui.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Todas as falas acima apresentadas estão carregadas das experiências e sentimentos de um grupo de pessoas que tiveram suas vidas afetadas pela condição de vulnerabilidade que se encontram na rua. É o caso que se apresenta no seguinte relato de vida:

> Eu tenho 54 anos, e é interessante falar da idade porque eu sou um sobrevivente. Eu estou em Fortaleza há 9 anos e em situação de rua, em superação de rua, há sete anos. Vim para cá com a proposta de trabalho, emprego arrumado, casa, tal, enfim. Deu certo uma época, depois fui mandado embora, e eu tinha medo de passar fome. Fui pegar abrigo lá no Shalom e fiquei por lá, fiquei lá um ano no Shalom e depois, enfim, nunca dormi na rua, mas sempre me virei para pagar um quartinho, um aluguel, a família ajudou, a família ajuda e tal. Eu estou queimando etapas, mas faz parte do negócio. Eu faço, hoje, eu faço parte de 32 famílias que foram contempladas com o minha casa e minha vida, numa ação, né? Uma demanda

fechada. A gente está lá no Cidade Jardim 2, também isso é importante saber. Eu penso que a situação de rua é uma ponta do iceberg, ela começa muito antes, ela começa há 30, 40, 50 anos atrás, porque eu vim de uma família muito pobre. A gente não passou fome por pouco, mas muito pobre, muita escassez e muito, também, exposta ao álcool, com muita festa, porque onde tem pobreza tem festa, senão não aguenta. Então muito exposta ao álcool, exposta a outras coisas. Fui vítima de violência doméstica, fui vítima de assédio moral a vida inteira, fui vítima de assédio sexual, estupro mesmo. Então, uma criação muito rígida, uma escassez muito pesada. E aí eu descobri que uma das saídas seria o estudo, e aí o estudo foi um doping também, uma má droga. Eu exagerei no estudo, me escondi da realidade através do estudo, desequilibradamente. Inclusive eu tenho um terceiro grau, que não é comum na rua, porque também o estudo foi feito para mascarar a realidade, uma realidade muito limitada, muito fechadinha, muito restrita. Eu fiz ciências sociais, sou bacharel em ciências sociais. Por quê ciências sociais? Eu lembro que na época do vestibular, eu queria fazer economia, administração, enfim, na verdade, é um erro também, eu sou um professor de humanas. E aí o Fernando Henrique Cardoso era presidente e sociólogo, eu tinha uma professora de história que é socióloga também. Aí eu falei: rapaz, vou fazer sociologia.

E tem também, para entender, a minha vida toda foi muito torta, muito restrita, muito errada, muito esquisita. E, rapaz, vou entender isso aí, porque eu vou entender esse negócio, por que a sociedade faz isso? Exclui os excluídos, sabe? Exclui os periféricos, exclui os pretos, exclui os pobres, exclui as bichas, exclui os travestis, exclui. E aí eu falei, vou entender isso aí, por isso que eu fui fazer sociologia. Fiz, foi bacana, não consegui dar continuidade, tentei uma ou duas vezes para fazer pós-graduação, não consegui. Aí eu desencanei e fui trabalhar, trabalhei com

projetos, trabalhei com um monte de coisa. E sempre tentando caminho, sempre tentando entender. E acho que a situação de rua tem várias causas, né? Tem desemprego, tem uso crônico de drogas, tem conflito familiar, tem briga com religião, conflito religioso, conflito individual, tem o fatalismo, que tem que ser assim, vai ser assim. Mas isso eu resumo em desconexão, você tira das tomadas as relações. A escola sempre foi um ambiente hostil. Eu sou pardo, eu não sou negro. Eu sou claro demais para ser negão, branco demais para ser preto. Isso é um fator, isso sempre foi muito claro. Eu só me identifico com negro porque eu moro na periferia, depois você me para. E fui, vou em lugares legais, aí é seguido, é barrado, é olhado. Mas isso eu não entendia. É igual a identificação de gay, as pessoas que tiram a pessoa do armário, ela agride, uma criança não sabe que é gay, não sabe o que é. Então foram muitos os trabalhos, muitas as desconexões e isso resultou em situação de rua. Eu tenho problema de relacionamento tremendo porque eu sou tímido, e essa timidez vira agressividade para proteção e para conseguir o espaço mesmo. Maneirei muito, estou maneirando muito, porque também tem uma idade já que eu consegui sobreviver. E aí eu estou descobrindo que as conexões que eu não fiz, eu estou fazendo agora. As conversas comigo é tudo pé de ouvido. Tudo vamos conversar aqui, vamos resolver ali. Porque na força, na base da força do braço, eu quase caí na rua. Problema de saúde todo, eu sou sobrevivente, tem mais de 30 anos aqui. No auge da minha vida sexual, não pude usufruir. O crack está há mais de 30 anos também. E aí você vai sacando que, sim, são limitações que eu consigo desviar. Uma das lições da rua, uma das lições da pobreza é que eu desvio. Você vai desviando, vai sobrevivendo. Eu sou um pesquisador da situação de rua. Não da situação de rua do meu irmãozinho, da minha situação de rua. Isso eu pesquiso o tempo inteiro. Eu fico, por que aconteceu? Por que não aconteceu? E uma das coisas que mais me pegou, foi a psicologia que explica a questão da

escassez, a questão da pobreza. A pobreza não é só uma pobreza material. Pobreza de recursos, de relações, e isso a minha família sempre foi muito pobre. Aí você foi muito fechadinho, muito tranquilinho,enfim. Aí eu consigo explicar por que de repente uma pessoa pobre cai na rua, quer não ter recursos materiais e não ter as relações, não ter uma escola direito, não ter um médico direito, não ter trabalho direito, não ter nada direito. E por que uma pessoa rica, que tem as conexões, rica de conexões, não cai na rua? A questão é aquela bendita rede. Isso me explica um pouco, eu entendo um pouco. Ah, então é uma pobreza não só material, é uma pobreza psicológica mesmo, e eu falei: ah, precisava ter. O desemprego não explica a situação de rua, porque a gente tem mais de 30 milhões de pessoas desempregadas e não tem 30 milhões de pessoas na rua. Então, a explicação nunca é única, nunca é uma só, sempre é um pouquinho de cada. E eu sou um pesquisador da minha situação de rua, da minha vulnerabilidade, eu sempre fui muito vulnerável.

7

A rede de apoio nas ruas: o papel das entidades e dos coletivos

As entidades e coletivos têm um papel fundamental para a população em situação de rua. Os vários relatos durante a pesquisa dão conta do quão importante são as ações desenvolvidas por tais grupos. No entanto, ainda são frágeis os dados sobre quem são e quais as ações mais importantes esses grupos desenvolvem.

Dos que responderam à pesquisa, um número significativo 26% estão há menos de um ano atuando com a população em situação de rua. No entanto, o número maior de entidades, cerca de 37% desenvolvem suas atividades há mais de cinco anos. Os atendimentos, em sua maioria são mensais (29,0%) e semanais (24,0%) com atendimento médio de 200 pessoas e ocorrendo de forma majoritária no período noturno (92,0%).

Tabela 1 – Tempo de atuação, quantidades de pessoas atendidas por atividade, periodicidade dos trabalhos desenvolvidos, horário que costumam desenvolver as atividades e por quanto tempo de duração

TEMPO DE ATUAÇÃO	N	%
1 - Até um ano	10	26,3
2 - De 1 a 2 anos	5	13,2
3 - De 2 a 5 anos	7	18,4
4 - 5 ou mais anos	14	36,8
Não responde	2	5,3
NÚMERO DE PESSOAS ATENDIDAS	N	%
1 - Até 100 pessoas	13	35,2
2 - De 101 a 200 pessoas	12	32,4
3 - 201 ou mais pessoas	12	32,4
PERIODICIDADE DOS TRABALHOS DESENVOLVIDOS	N	%
1 – Diário	3	7,9
2 – Semanal	9	23,7
3 – Quinzenal	3	7,9
4 – Mensal	11	28,9
5 – Bimestral	2	5,3
7 – Anual	3	7,9
8 - Não específico	7	18,4
TURNO DAS ATIVIDADES	N	%
Manhã	5	13,2
Tarde	6	16,7
Noite	33	91,7

Fonte: Produzido pelos autores com base na pesquisa realizada no projeto.

A atividade predominante das entidades e grupos que trabalham com população em situação de rua é a distribuição de alimentos (81,0%). As outras atividades mais citadas são: as doações de roupas (24,0%) e a doação de material de higiene (21,0%).

Tabela 2 - Tipo de trabalho desenvolvido e/ou serviços ofertados

DESCRIÇÃO	N	%
Alimentação	31	81,6
Atendimento psicológico	1	2,6
Acolhimento	2	5,3
Doações de roupas	9	23,7
Doações de alimentos e água	9	23,7
Visitas aos abrigos	1	2,6
Acompanhamento das famílias	1	2,6
Atendimento médico e/ou odontológico	5	13,2
Doação de material de higiene	8	21,1
Bazar	1	2,6
Palestras e/ou rodas de conversas	1	2,6
Evangelização	3	7,9
Outros e/ou não específico	9	23,7

Fonte: Produzido pelos autores com base na pesquisa realizada no projeto.

A Praça do Ferreira ainda é o local de maior concentração dos trabalhos realizados pelas entidades e grupos (24,0%). O segundo ponto de maior concentração é a ACAL com 34,0% dos entrevistados afirmando que realizam suas atividades naquele espaço. Isso reflete o fato de que o Centro da cidade ainda é o local onde a população em situação de rua tem como apoio para se alimentar e receber donativos.

Tabela 3 - Região/local que desenvolvem os trabalhos

EM FORTALEZA	N	%
Centro	37	97,4
Aldeota	2	5,3
Dragão do mar	3	7,9
Parangaba	3	7,9
Pirambu	1	2,6
Beira-mar	2	5,3
Aquiraz	2	5,3
Caucaia	2	5,3
Benfica	1	2,6
Aerolândia	1	2,6
REGIÃO METROPOLITANA	N	%
Aquiraz	2	5,3
Caucaia	2	5,3

Fonte: Produzido pelos autores com base na pesquisa realizada no projeto.

Dentre os entrevistados, 47,0% possuem sede própria e a maioria, 58,0%, têm algum vínculo religioso: católicos (32,0%), evangélicos (21,0%) e espírita (5,05). As entidades também destacaram o fato de receberem poucas doações (42,0%), para um público tão grande de pessoas em situação de rua e um número baixo de voluntários com disponibilidade para as atividades (21,0%) como as principais dificuldades que enfrentam para manterem suas atividades.

Tabela 4 – A entidade tem sede, vínculo religioso e os principais desafios enfrentados pela entidade

ENTIDADE TEM UMA SEDE?	N	%
Sim	18	47,4

A ENTIDADE TEM ALGUM VÍNCULO RELIGIOSO?	N	%
0 - Não	15	39,5
1 - Católico	12	31,6
2 - Evangélico	8	21,1
3 - Espírita	2	5,3
4 - Outros	1	2,6

QUAIS OS PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS PELA ENTIDADE?	N	%
Não tem	5	13,2
Receber doações	16	42,1
Falta/disponibilidade de voluntários	8	21,1
Segurança	2	5,3
Dar conta da demanda	5	13,2
Falta de políticas de apoio	1	2,6
Poucos recursos	3	7,9
Pessoas que não estão na rua e se passam como tal	2	5,3
Tirar as pessoas da rua	2	5,3

Fonte: Produzido pelos autores com base na pesquisa realizada no projeto.

Os participantes dos grupos focais reconhecem o papel importante dessas entidades e grupos no dia a dia da rua, não só na distribuição do alimento, mas também no apoio psicológico e espiritual.

Aqui tem uma grande vantagem, que é o apoio alimentar, do vestuário, tá entendo, e espiritual.

GF CASA DA SOPA

É alimentar, tem do visual e do espiritual. Aqui é quase completo. Seja completo nos dias e nos horários certos. Aqui é casa onde por exemplo, você toma banho, você come e se veste. Você tem que ter tudo.

GF CASA DA SOPA

Tem psicólogo pra quando nós tá precisando, tem médico. Tem várias coisas aqui.

GF CASA DA SOPA

Olha, quando eu me acordo, eu agradeço a Jesus e me alegro. Cada coisa linda que eu ganho pra essa criança. Cada boneca, cada colcha de cama, cada kit higiênico. Então, eu dobro, meu joelho, agradeço a Jesus e peço a Deus, agradeço por todas as pessoas. Porque não é só pela comida, porque eu não tenho que preguiça de fazer a comida. A Casa da Sopa me dá uma cesta básica, passo um mês, aí eu vendo as minhas coisas, eu compro tempero, compro uma fruta. Eu vou mais pelas coisas legais pras crianças que eles dão. Para ganhar o material escolar, domingo. Aí eu liguei pro meu irmão, ele mandou uma mochila, mandou uma bolsa para mim.

GF CASA DA SOPA

Algum lugar na rua que é bom tá? Eu, pessoalmente, eu sei alguns lugares que eu gostava de tá, como na Casa da Sopa que eu me sentia acolhido, porque tinha o evangelho, lá dentro tinha uma escuta, como na Pastoral. Porque esses grupos trazem apoio para gente e a gente cria uma sensação de família, a gente tá ali, a gente cria esse vínculo de família com as pessoas.

GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Ameniza às vezes, o Shalom às vezes era legal também, uma proteção você baixava um pouco a guarda, então, ficava mais relaxadinho um pouquinho.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> E você também nesses locais que a gente era muito acolhido, você não se sente ameaçado porque [n]a rua a qualquer minuto você tá ameaçada por uma palavra, por um gesto ou por alguém interpretar mal ou por alguém até formar sem eu ter feito nada, inventar uma história, fazer uma formação, você morre sem nem saber.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

> Por mim é só o desespero, pela dificuldade, né, porque eu ter quatro crianças e não conseguir manter a casa, entendeu. Aí eu entro em desespero e sinto vontade de vim ao menos para ver se eu consigo alimentação para os meus filhos. Porque nessa época a Pastoral também dá comida. Às vezes eu entro em desespero e sinto vontade de vim na Pastoral, pra poder conseguir alguma alimentação para os meus filhos, porque você ficar dentro de casa e aí às vezes falta o gás entendeu, aí fico em desespero.
>
> GF PASTORAL POVO DA RUA

> Porque muitas vezes o cabra passa o dia todinho sem comer, aí estoura 10 quentinhas na noite ali no mesmo dia no Ferreira, ele vai comer todas as dez. Aí no outro dia não estoura nenhuma. Aí depois passa, quando é final de semana, é dia de domingo não tem nada para se comer, então se essa rede pudesse trabalhar de uma forma mais conjunta, talvez pudesse distribuir os trabalhos dessas redes para os locais onde não chega essa alimentação.
>
> GF PESSOAS DO MOVIMENTO

Diante do quadro grave infecção pela covid-19, a Defensoria Pública Geral do Estado do Ceará, por intermédio dos Núcleos de Direitos Humanos e Ações Coletivas

(NDHAC) e de Habitação e Moradia (Nuham), expediu no dia 23 de março de 2020, doze recomendações aos poderes públicos com propostas para resguardar a população em situação de rua durante a pandemia.

As recomendações davam conta da necessidade de ampliação do horário de funcionamento dos serviços existentes que atendem essas pessoas, distribuição de kits de higiene pessoal e de proteção contra a covid-19 e testagem e garantia de isolamento social.

A atuação do Ministério Público também foi fundamental na defesa e garantia de direitos da população em situação de rua. Segundo o promotor titular do CAO Saúde na época da pandemia Ministério Público do Ceará constituiu um grupo de trabalho composto por promotorias e coordenadorias em conjunto com representantes da sociedade civil a fim de estreitar um canal de comunicação e facilitar acesso a denúncias e demandas da população em situação de rua. A partir da atuação desse grupo, o Ministério Público reforçou as ações já existentes, como a retirada de documentação (para inscrição e saque do auxílio emergencial), programas de alimentação, mecanismos de diminuição das aglomerações, pedido de vacina de dose única para essa população.

As iniciativas, tanto da Defensoria Pública quanto do Ministério Público, demonstram que esses órgãos atuaram de forma intensa para que as políticas públicas pudessem de fato serem efetivadas para a população em situação de rua.

No entanto, foi o grito diário do movimento de população de rua em conjunto com vários atores da sociedade civil que mobilizou e conseguiu dar voz a pessoas que seguem invisibilizadas perante o poder público e a sociedade.

Segundo um promotor entrevistado, é de fundamental importância a articulação da rede de apoio a pessoas em situação de rua, haja vista que é urgente e necessário um monitoramento das políticas públicas e dos Planos Municipais para esse público.

(...) para o acompanhamento de políticas públicas que afeta a questão de crianças e adolescentes em situação de rua, são realizadas reuniões com a rede, buscando pactuar fluxos de atendimento, bem como proceder com o devido cumprimento dos Planos Municipais pela Primeira Infância de Fortaleza e de Enfrentamento à Violência Sexual de crianças e adolescentes.

PROMOTOR DE JUSTIÇA

Considerações finais

O percurso da pesquisa que gerou esse diagnóstico demonstrou as múltiplas faces de uma problemática que atinge diretamente as populações mais vulneráveis. A situação de rua não é uma escolha individual, mas sobretudo, uma série de fatores que encaminham indivíduos ou as famílias a condição. É urgente e necessário que as políticas públicas voltadas para essa população possam ser elaboradas em conjunto com os movimentos sociais, bem como, com as próprias pessoas em situação de rua.

Algo que deve ser salientado nesse estudo é que continua sendo escassa a qualidade dos dados para o monitoramento e a avaliação das políticas voltadas para a garantia de direitos das pessoas em situação de rua. As marcas de violência deixadas nessa população são perpetradas sem os devidos registros e com o silenciamento sobre a vida de tais pessoas. As subnotificações relativas à sua existência escondem a profundidade do problema social existente.

O drama da pandemia provocada pela covid-19 em todo o mundo, teve seu aprofundamento nessa população como decorrência de uma situação que vem marcada pela

precarização de suas relações sociais, patologização dos que vivem em tal situação, estigmatização e criminalização.

Além desses problemas, essa população em Fortaleza também enfrenta uma série de outros desafios, como abuso de substâncias, violência, discriminação e falta de segurança. Esses problemas agravam ainda mais a situação em que se encontram, tornando difícil sair desse ciclo vicioso.

No entanto, existem soluções possíveis para melhorar a situação desse quadro de dificuldades. Uma abordagem multifacetada é necessária, que envolva políticas públicas eficazes, parcerias com organizações sem fins lucrativos e ações individuais. Algumas soluções possíveis incluem:

1. Fornecer moradias acessíveis e de qualidade para população em situação de rua, por meio da construção de abrigos e programas de habitação social. Nesse sentido, poderá incluir programas de habitação social para ajudar as pessoas a encontrarem um lar permanente. É importante que essas soluções levem em consideração as necessidades individuais de cada pessoa, como acessibilidade para pessoas com deficiência.

2. A pandemia evidenciou a dificuldade enfrentada pelas pessoas em situação de rua em Fortaleza e a falta de acesso a cuidados médicos básicos. Muitas pessoas em situação de rua sofrem de doenças crônicas, como diabetes, hipertensão e doenças cardíacas, mas não têm acesso a medicamentos ou tratamentos adequados. Além disso, muitas vezes não têm acesso a saneamento básico, o que aumenta o risco de doenças infecciosas. Garantir, portanto, acesso a serviços básicos, como água potável, saneamento e cuidados de saúde, por meio da criação de instalações públicas e móveis.

3. Oferecer programas de capacitação e treinamen-

to profissional para ajudar a esse público a adquirir habilidades e encontrar emprego estável. A capacitação e o emprego para os que estão em condições de aprendizado são vitais para ajudar as pessoas em situação de rua a se reintegrarem na sociedade. Programas de treinamento profissional e educação podem ajudá-las a desenvolver habilidades para encontrar trabalho remunerado. Além disso, programas de emprego podem ser criados para ajudar a colocar essas pessoas de volta no mercado de trabalho.

4. Implementar programas de educação acessíveis e inclusivos para garantir que todas as crianças tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de sua situação de moradia.

5. O estigma e a discriminação enfrentados pelas pessoas em situação de rua tornam ainda mais difícil para elas encontrarem um emprego, moradia ou acesso a serviços básicos. É importante, portanto, promover a conscientização e combater o estigma relacionado a essa população, por meio de campanhas educativas e programas de sensibilização.

6. Criar redes de apoio social e emocional, por meio da formação de grupos de suporte. É importante que sejam feitas parcerias com organizações locais que têm experiência no trabalho com pessoas em situação de rua.

7. As pessoas que estão morando nas ruas de Fortaleza, vivendo situação comum em todo o mundo, enfrentam um risco maior de violência e abuso. Muitas vezes, elas são vítimas de violência física e sexual, além de discriminação e estigma social. Isso pode tornar ainda mais difícil para elas encontrarem um emprego ou uma moradia segura. Combater, portan-

to, a violência e garantir a segurança dessa população por meio de fortalecimento da aplicação da lei.

Diante de todo o exposto, esse diagnostico propõe, de forma sintética, algumas sugestões para os temas levantados na pesquisa, que podem vir a contribuir com políticas públicas para a população em situação de rua:

DE	PARA
MOTIVOS PARA A SITUAÇÃO DE RUA	
1. Circunstâncias favoráveis a ida das pessoas para a rua: a drogadição, a relação conflituosa com a família e as condições financeiras.	**1.1.** Formulação e/ou fortalecimento de políticas básicas e promocionais, em todas as setoriais, que alcancem os sujeitos desde a primeira infância, proporcionando o desenvolvimento multidimensional, fortalecimento da autoestima e dos vínculos sociofamiliares; **1.2.** Garantir a implementação do Art. 7º , I, Decreto Nº 7.053/2009;
2. O agravamento da crise financeira do país, os efeitos da pandemia e a falta de políticas públicas voltadas para o enfrentamento da pobreza	**2.1.** Fortalecer as políticas públicas de enfrentamento à pobreza, no âmbito territorial, de modo a alcançar os sujeitos nas esferas municipais; **2.2.** Estabelecer instâncias consultivas e deliberativas, no contexto de crises, garantindo a participação popular, prioritariamente através de representações das pessoas em situação ou superação de rua; **2.3.** Empreender esforços, de modo intergovernamental, para garantir no período da crise, a implementação do Art. 7º , especialmente os incisos III, IX, X, XI, XII, XIII, do Decreto Nº 7.053/2009;
3. A guerra por territórios impetrada pelas facções e a falta de políticas públicas tem agravado, em muito, essa condição de ressocialização dos egressos;	**3.1.** Desenvolver estudo das condições locais para promover reinserção social e moradia em locais que apresentem neutralidade na disputa territorial; **3.2.** Criar/fortalecer política pública para egressos, em parceria com a rede das organizações da sociedade civil, de modo a apoiar e acompanhar sistematicamente a ressocialização dos egressos da situação de rua, fazendo observância, enfaticamente, ao Art. 7º , especialmente os incisos III, V, VII, XII, XIV, do Decreto Nº 7.053/2009;

4. Falsa sensação de liberdade que a rua oferece;	**4.1.** Desenvolver estudos acerca do direito à cidade, de modo a buscar proximidade e cumprimento, processual, na redução da desigualdade geoespacial; **4.2.** Empreender esforços no cumprimento da agenda 2030 da ONU, especialmente, o ODS 11.3: Até 2030, aumentar a urbanização inclusiva e sustentável, e as capacidades para o planejamento e gestão de assentamentos humanos participativos, integrados e sustentáveis, em todos os países.
ESTAR NA RUA	
5. Esse espaço aparentemente caótico da rua se revela um sistema integrado que age sobre aqueles que nela permanecem	**5.1.** Desenvolver políticas públicas com observância ao Art. 7º , especialmente os incisos IV, V e IX, do Decreto Nº 7.053/2009;
6. Assédio e violência sexual sofrida por mulheres e pessoas trans em situação de rua	**6.1.** Fortalecer/implementar políticas públicas para atendimento especializado para esse segmento, com observância ao Art. 7º , especialmente os incisos VI e VII, do Decreto Nº 7.053/2009; **6.2.** Estruturar atenção especializada para esse segmento, por ocasião do serviço de acolhimento temporário, garantindo o que está previsto do Art. 8º, do Decreto Nº 7.053/2009;
7. Adoecimento físico e mental	**7.1.** Implementar e/ou intensificar políticas de saúde mental e física, através dos consultórios de rua, com profissionais capacitados e habilitados.
8. Crianças e adolescentes	**8.1.** Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente articular o sistema de garantia dos direitos da criança e do adolescente de Fortaleza para desenvolver integração operacional, sistematizada, com a atenção voltada para o segmento.
ATUAÇÃO DA REDE SOCIOASSISTENCIAL DA SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA	
9. Distribuição geoespacial da ajuda humanitária	**9.1.** Conselho Municipal de Assistência Social mapear e articular as organizações da sociedade civil que atuam com o segmento para organizar e criar sinergia, de modo horizontal e participativo, estruturando rede de atenção, especialmente nas situações emergenciais e agravamentos; **9.2.** Fortalecimento das instâncias de debates e fóruns participativos acerca da política pública voltada para a população em situação de rua.

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA	
10. Escassa a qualidade dos dados para o monitoramento e a avaliação das políticas voltadas para a população em situação de rua.	**10.1.** Criar observatório da população em situação de rua, de modo a subsidiar nas deliberações e monitoramento das políticas públicas para o segmento; **10.2.** Criar o conselho municipal de políticas para população em situação de rua e/ou incorporar comissão permanente sobre políticas públicas para população em situação de rua nos conselhos de direitos humanos.

Referências bibliográficas

BRASIL, Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 09 de ago. de 2023.

BRASIL, Casa Civil. **Decreto Nº 7.053 de 23 de Dezembro de 2009**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%207053&text=DECRETO%20N%C2%BA%207.053%20DE%2023,que%20lhe%20confere%20o%20art. Acesso em: 09 de ago. de 2023.

BRASIL, Casa Civil. **Lei 8.069 de 13 de julho de 1990.** Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em: 09 de ago. de 2023.

BRASIL, Secretaria Geral. **Marco Legal da Primeira Infância. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-

2018/2016/lei/l13257.htm Acesso em: 09 de ago. de 2023.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Conselho Nacional de Assistência Social. Resolução CNAS Nº 13, de 13 de maio de 2014**. Disponível em: https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/files/scidadania/pdf/federal13-resolucao-cmas.pdf Acesso em: 09 de ago. de 2023.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Recomendação nº 036, de 11 de maio de 2020**. Disponível em: https://https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020. Acesso em: 09 de ago. de 2023.

FALS BORDA, O. **La subversión en Colombia**: el cambio social en la historia. 4ed. Bogotá: FICA-CEPA, 2008 [1987].

FORTALEZA, Câmara Municipal de Fortaleza. **Lei nº 9.990, de 28 de dezembro de 2012**. Disponível em: https://sapl.fortaleza.ce.leg.br/ta/980/text?#:~:text=REGULAMENTA%20A%20POL%C3%8DTICA%20MUNICIPAL%20DE,FORTALEZA%20E%20D%C3%81%20OUTRAS%20PROVID%C3%8ANCIAS. Acesso em: 09 de ago. de 2023.

FORTALEZA, Diário Oficial do Município. **Decreto Nº 13.471, de 18 de dezembro de 2014**. Disponível em: https://servidor.sepog.fortaleza.ce.gov.br/images/pdf/LEGISLACAO/REAJUSTE/Lei_102962014_-_reviso_geral_da_remunerao.pdf Acesso em: 09 de ago. de 2023.

FORTALEZA, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico. **Desenvolvimento humano, por bairro, em Fortaleza**. Fortaleza: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, 2014. Disponível em: http://salasituacional.fortaleza.ce.gov.br:8081/

acervo/documentById?id=22ef6ea5-8cd2-4f96-ad3c-8e0fd2c39c98 Acesso em: 09 de ago. de 2023.

FROTA, F. H. S.; FROTA, M. H. P.; SILVA, M. A. L. (Org.). **O impacto do COVID-19 nas políticas públicas**. 1. ed. Fortaleza: Edmeta, 2020. v. 1. 528p. Disponível em: https://storage.woese.com/ocuments/88ba515bf0e412e771d2e03307a213a70230590d.pdf Acesso em: 09 de ago. de 2023.

GROSSETTI, M. Dynamiques des réseaux et des cercles. Encastrements et découplages. **Revue d'Économie Industrielle**, v. 2, p. 327-355, 2003.

GROSSETTI, M. **Sociologie de l'imprevisible**. Dynamiques de l'activitéet des formes sociales. Paris: PUF Collection, 2004. 225p

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil (2012-2022)**. Brasília, 2022. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/1/NT_Estimativa_da_Populacao_Publicacao_Preliminar.pdf Acesso em: 09 de ago. de 2023.

INCT, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia. **Observatório das Metrópoles:** A covid-19 nas periferias de Fortaleza. Fortaleza, 2020. Disponível em: https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/wp-content/uploads/2020/07/Dossi%C3%AA-N%C3%BAcleo-Fortaleza_An%C3%A1lise-Local_Julho-2020.pdf Acesso em: 09 de ago. de 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual.** Tabela 6407: População residente, por sexo e grupos de idade, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 21a Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

NERI, Marcelo. **Mapa da Nova Pobreza**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2022. Disponível em: https://cps.fgv.br/MapaNovaPobreza https://cps.fgv.br/en/NewPovertyMap

OMS, World health statistics 2022: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals, 2022.

RNPI, Rede Nacional Primeira Infância. **Plano Nacional da Primeira Infância**. Brasília. Rede Nacional Primeira Infância, 2020. Disponível em http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2020/10/PNPI.pdf. Acesso em 22 abr 2023.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do sul** (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002

UFMG, Faculdade de Direito. **Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua, 2022**. Disponível em: https://obpoprua.direito.ufmg.br/ Acesso em: 09 de ago. de 2023

WORLD BANK, Brazil Poverty and Equity Assessment: Looking Ahead of Two Crises. Washington D.C.: World Bank, 2022.

ANEXO
Taxa de letalidade (Nº de mortos Por 100 casos confirmados), conforme IDH dos bairros de Fortaleza

IDH BAIRRO	TAXA DE LETALIDADE	BAIRROS ABAIXO DA MÉDIA CIDADE	BAIRROS POR ORDEM DE IMPORTÂNCIA, DO MAIS BEM POSICIONADO AO MAIS MAL POSICIONADO	BAIRROS ACIMA DA MÉDIA	BAIRROS POR ORDEM DE IMPORTÂNCIA, DO MELHOR BAIRRO POR ORDEM DE IMPORTÂNCIA, AO PIOR POSICIONADO
0,7001 a 0,953 1	4,5	7	Varjota, Praia de Iracema, Dionísio Torres, Meireles, Aldeota, Cocó e Guararapes	1	Mucuripe
0,5001 a 0,7000	7,8	17	Amadeu Furtado, Parreão, Joaquim Távora, Papicu, Cidade 2000, Damas, José Bonifácio, Engenheiro Luciano Cavalcante, São Gerardo, Parquelândia, Benfica, Fátima, Parque Manibura, Cidade dos Funcionários, Parque Iracema, Cambeba e De Lourdes	3	Parque Araxá, Bom Futuro e Centro
0,3501 a 0,5000	11,8	11	Conjunto Ceará I, Parangaba, Jardim América, Jóquei Clube, Messejana, Montese, Rodolfo Teófilo, Maraponga, Edson Queiroz, Itaperi e Salinas		Couto Fernandes, Farias Brito, Jacarecanga, Álvaro Weyne, Conjunto Ceará II, Tauape, Itaoca, Bela Vista, Prefeito José Walter, Presidente Kennedy, Vila União, Panamericano, Ellery, Demócrito Rocha, Monte Castelo, José de Alencar e Padre Andrade
0,2501 a 0,3500	13,3	9	Praia do Futuro I, Henrique Jorge, Sapiranga/Coité, Jardim das Oliveiras, Pedras, Boa Vista/Castelão, Manuel Dias Branco, Alto da Balança e Cajazeiras	24	Parque São José, Vila Velha, Moura Brasil, Jardim Iracema, Cristo Redentor, João XXIII, Aerolândia, Vicente Pinzón, Guajeru, Carlito Pamplona, Jardim Guanabara, Bonsucesso, Antônio Bezerra, Manoel Sátiro, Dom Lustosa, Coaçu, Parque Dois Irmãos, Vila Peri, Lagoa Redonda, Conjunto Esperança, Jardim Cearense, Serrinha, Sabiaguaba e Dias Macêdo

0,1195 a 0,2500	12,6	10	Barroso, Conjunto Palmeiras, Dendê, Parque Santa Rosa, Parque Presidente, Vargas, Jangurussu, Paupina, Passaré, São Bento e Praia do Futuro II	18	Pirambu, Autran Nunes, Granja Lisboa, Planalto Ayrton Senna, Aeroporto, Cais do Porto, Granja Portugal, Barra do Ceará, Quintino Cunha, Bom Jardim, Ancuri, Genibaú, Siqueira, Pici, Canindezinho, Floresta, Mondubim e Curió
Não analisados	14,2	1	Parque Santa Maria	3	Olavo Oliveira, Aracapé e Novo Mondubim
Fortaleza	10,7	55		66	

PARCERIA

APOIO

REALIZAÇÃO